

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação**

**Suelen Aparecida de Carvalho Rela**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES:  
ENCONTROS, DESENCANTOS, E AS EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE  
PANDEMIA**

Itatiba  
2022

**SUELEN APARECIDA DE CARVALHO - R.A.: 002202002289**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES:  
ENCONTROS, DESENCANTOS, E AS EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE  
PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco como qualificação para a obtenção de título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos.

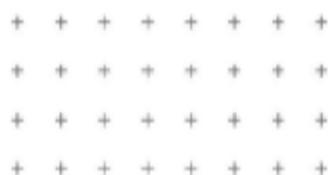
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniela dias dos Anjos

Itatiba  
2022

378.281    Rela, Suelen Aparecida de Carvalho  
R321e        O estágio supervisionado na formação de professores:  
encontros, desencantos, e as experiências em tempo Rela. \_ Itatiba de, 2022.  
pandemia / Suelen Aparecida de Carvalho  
130 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.  
Orientação de: Daniela Dias dos Anjos.

1. Estágio Supervisionado. 2. Professores - Formação.  
3. Pandemia. 4. Covid-19. 5. Narrativas. 6 Educação.  
7. Estágio Docente. I. Anjos, Daniela Dias dos. II. Título.



Educando  
para a paz

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
EM EDUCAÇÃO**

Suelen Aparecida de Carvalho Rela, defendeu a dissertação intitulada “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENCONTROS, DESENCANTOS, E AS EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE PANDEMIA ”, aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 24 de fevereiro de 2022, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Daniela Dias dos Anjos  
Orientadora e Presidente  
Universidade São Francisco

Profa. Dra. Ana Paula de Freitas  
Examinadora  
Universidade São Francisco

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado  
Examinador  
Universidade Estadual de Campinas

Agradeço a Deus pela oportunidade de (re)construir-me com o outro nesse lindo caminhar que é a vida.

Dedico este trabalho aos profissionais da educação e a cada pessoa que passou pela minha vida, permitindo que eu aprenda e me ressignifique.

À minha família pela caminhada e por não soltar minha mão.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida.

Ao meu pai, Luiz. O Luiz Alfaiate, que, mesmo partindo tão cedo, me mostrou a importância do outro.

Minha mãe, Ilda. A Dida, que sempre enfatizou a importância da fé em nossa caminhada e esteve ao meu lado em todos os momentos.

Minha irmã Simone, que sempre me mostrou que nunca devemos desistir.

Meus irmãos, Sonia e Luís, que mesmo tão distantes, criamos o laço do respeito e do amor, e a importância de um para com o outro.

As minhas madrinhas Sonia e Cordélia (*in memorian*), que me mostraram que o amor e o respeito independem da classe social, credo, raça, permitindo que eu fizesse parte de suas famílias.

Ao meu tio Cal e ao meu pai Zé (*in memorian*), que sempre fizeram o papel de pai quando precisei.

Guga, Alê, Erika e Marco pela infância saudável e feliz e pelo laço criado.

Aos meus sobrinhos, Beatriz e Leonardo, por compreenderem meu jeito de ser.

À escola Benno, pela acolhida e recepção no retorno à sala de aula.

Ao seletivo (Lívia, Valéria, Erika, Dani e Cris), por estarem sempre presentes.

À amiga Gabriela Fascina, pelo incentivo diário.

A minha terapeuta Samara Garcia, por me mostrar meu lugar no mundo.

Aos professores Milena, Adair, Daniela, Allan, pelo compartilhar.

Às alunas do 5º semestre da Disciplina de Projetos e Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, pela partilha.

Às alunas do 4º semestre da Disciplina de Projetos e Estágio Supervisionado na Educação Infantil, pela parceria.

À Prefeitura de Itatiba – Secretaria de Educação, que sempre contribuiu para minha formação.

Aos professores do GT Freinet pela oportunidade.

À Roda, por me permitir refletir sobre o meu papel enquanto profissional da educação.

Aos meus colegas de mestrado, por todo o aprendizado compartilhado.

À Ana Cristina, Luana, Larissa, Tafnys e Camila, por estarem comigo nesse processo.

À minha orientadora Daniela Dias dos Anjos, pela parceria e todas as oportunidades.

Aos meus filhos Maria Clara e Antônio, por me ensinarem que o amor compartilhado multiplica e por respeitarem minha ausência.

Ao meu marido Luiz André, por sempre segurar minha mão.

RELA, Suelen Aparecida de Carvalho – A realização do estágio na formação de professores: encontros, desencantos, e as experiências em tempos de pandemia. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2022.

## RESUMO

A pesquisa apresentada nesta dissertação, com apoio financeiro CAPES<sup>1</sup>, traz como foco as tensões na realização do estágio supervisionado obrigatório e como se deu a sua realização no contexto da pandemia. Tem como objetivo geral analisar a inserção dos alunos de pedagogia nas escolas campos e, como objetivos específicos busca compreender: o que diz a legislação sobre a realização do estágio supervisionado; a parceria entre estagiário e professor da sala de aula no período de estágio; as tensões experienciadas para a realização de estágio no contexto da pandemia da Covid-19. Sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa, as fontes utilizadas para a produção dos dados foram as entrevistas narrativas realizadas pela pesquisadora, diário de campo da pesquisadora e os portfólios e demais materiais produzidos pelas alunas da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, participantes desta pesquisa, de modo voluntário após, a apresentação do projeto aos alunos, devidamente aprovado pelo comitê de ética. As participantes desta pesquisa, todas do sexo feminino, cursavam o 6º semestre do curso de pedagogia de uma instituição privada, de ensino superior, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Dentre os dados apresentados, contextualiza esta pesquisa as tensões, encontros e desencontros na realização do estágio supervisionado em tempos de pandemia buscando compreender a relação existente entre universidade- escola no contexto da formação inicial. A partir dos registros narrativos das participantes desta pesquisa, é possível observar um pouco do movimento do estágio supervisionado. Os encontros e desencantos ocorridos até mesmo antes da pandemia, as mudanças de escola, anseios e medos, que se relacionam e interagem com tantas outras situações de tantos outros estudantes de Pedagogia em formação inicial, assim como as práticas pedagógicas das diferentes instituições, o estágio não se realiza sozinho. Teoria e prática estão presentes nas instituições escolares e nas universidades e talvez o maior desafio seja a promoção do diálogo necessário entre universidade e escola, não apenas na formação inicial do pedagogo.

**Palavras-chave:** Formação Inicial. Estágio Supervisionado. Narrativas. Experiência. Pandemia.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com apoio financeiro CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - código de financiamento 01.

RELA, Suelen Aparecida de Carvalho – **Internship in teacher education: encounters, disenchantments, and experiences in a time of pandemic**. 113 f. Dissertation (Masters in Education) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2022.

### *ABSTRACT*<sup>2</sup>

The research presented in this dissertation, with financial support from CAPES, focuses on the tensions in carrying out the mandatory supervised internship and how it was carried out in the context of the pandemic. Its general objective is to analyze the insertion of pedagogy students in rural schools and, as specific objectives, it seeks to understand: what the legislation says about the realization of supervised internship; the partnership between intern and classroom teacher during the internship period; the tensions experienced to carry out an internship in the context of the Covid-19 pandemic. Being a qualitative approach research, the sources used for the production of the data were the narrative interviews carried out by the researcher, the researcher's field diary and the portfolios and other materials produced by the students of the Supervised Internship in Elementary School, participants of this research, voluntarily after the presentation of the project to the students, duly approved by the ethics committee. The participants of this research, all female, attended the 6th semester of the pedagogy course of a private institution, of higher education, in a city in the interior of the State of São Paulo. Among the data presented, this research contextualizes the tensions, encounters and disagreements in carrying out the supervised internship in times of pandemic, seeking to understand the existing relationship between university-school in the context of initial training. From the narrative records of the participants of this research, it is possible to observe a little of the movement of the supervised internship. The encounters and disenchantments that occurred even before the pandemic, the school changes, anxieties and fears, which relate and interact with so many other situations of so many other Pedagogy students in initial training, as well as the pedagogical practices of different institutions, the internship does not take place alone. Theory and practice are present in educational institutions and universities and perhaps the biggest challenge is the promotion of the necessary dialogue between university and school, not only in the initial training of the pedagogue.

**Keyword:** Initial formation. Supervised Internship. Narratives. Experience. Pandemic.

---

<sup>2</sup> This work was carried out with financial support from CAPES: Coordination for the Improvement of Higher Education Persons - Brazil - financing code 01.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cerimônia de batizado realizada em maio de 1981 na Basílica Menor de Nossa Senhora do Belém - Padre Anatólio Brasil Pompeo	21
Figura 2: Foto de encerramento de ano letivo - Educação Infantil - 1986	22
Figura 3: Foto de Encerramento do Magistério - 4ªA 1999	24
Figura 4: Professoras finalistas do Prêmio Educador 2006 da cidade de Morungaba	29
Figura 5: Premiação recebida pelo 3º lugar na participação do Concurso Educador 2006 na cidade de Morungaba	29
Figura 6: Convite de formatura PROESF	30
Figura 7: Capa do resumo expandido do Memorial de Formação apresentado à disciplina de Memorial I	31
Figura 8: Parte do projeto desenvolvido que compôs o memorial de formação	32
Figura 9: Carteirinha de estudante como aluna Regular de Mestrado - Universidade São Francisco	36
Figura 10: Descrição da página com a palavra na rede social Instagram	39
Figura 11: Página de apresentação da RODA ao ALFA DISC	40
Figura 12: Carta enviada à equipe gestora das escolas municipais sobre replanejamento do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental	54
Figura 13: Pedra Ametista	70
Figura 14: Pedra Rubi	71
Figura 15: Pedra Jade	73
Figura 16: Pedra Safira	74
Figura 17: Pedra Esmeralda	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relato de experiência	41
Quadro 2: Roteiro de entrevista	56
Quadro 3: Cronograma de realização das entrevistas	62
Quadro 4: Perfil de cada uma das participantes	62

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2. DE PEDRA EM PEDRA...</b>	<b>19</b>
<b>3. O CAMINHO DAS PEDRAS</b>	<b>43</b>
<b>4. A PEDRA NO MEIO DO CAMINHO</b>	<b>50</b>
<b>5. PALAVRAS DAS PEDRAS</b>	<b>65</b>
5.1. AMETISTA	66
5.2. RUBI	67
5.2. JADE	69
5.3. SAFIRA	70
5.4. ESMERALDA	71
<b>6. SER PEDRA</b>	<b>73</b>
6.1. TENSÕES, ENCONTROS E DESENCONTROS NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEMPOS DE PANDEMIA	75
<b>6.1.1. Ametista e o sonho realizado</b>	<b>75</b>
<b>6.1.2. Rubi e Freinet – teoria e a prática na sala de aula</b>	<b>80</b>
<b>6.1.3. Safira e a profissão docente em tempos de pandemia</b>	<b>84</b>
<b>6.1.4. Jade e a desvalorização docente</b>	<b>86</b>
<b>6.1.5. Esmeralda e a rotina do estudante trabalhador</b>	<b>89</b>
6.2. A PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA COMO RELAÇÃO IMPRESCINDÍVEL PARA A FORMAÇÃO INICIAL	92
<b>7. E AS PEDRAS VÃO CANTAR</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

**Rememorar para reconstruir-me: a linguagem humana nesse mundo tão cheio de nós!**

**De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo. O mundo, cheio de departamentos, não é a bola bonita caminhando solta no espaço.**

**(Adélia Prado)<sup>3</sup>**

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a inserção dos alunos de pedagogia nas escolas campos e, como objetivos específicos busca compreender:

- O que diz a legislação sobre a realização do estágio supervisionado;
- A parceria entre estagiário e professor da sala de aula no período de estágio;
- As tensões experienciadas para a realização de estágio no contexto da pandemia da Covid-19.

Enquanto pensava na organização da pesquisa, buscava uma forma de iniciar cada capítulo, tentando dar sentido ao que escrevia. Pensava em versos, músicas, ditos populares.

Relendo parte das produções das participantes da pesquisa, fui pensando o caminho que cada uma havia percorrido, e relacionando também com minha história de vida, meu reencontro com meu eu e meu processo de me desconstruir para me reconstruir. Lembrei-me de um pequeno poema, com o qual inicio um dos capítulos deste trabalho, refletindo a respeito do uso que cada um de nós faz de uma pedra e essa foi a resposta que também dei a minha orientadora, a qual respeitosa e de forma carinhosa, chamo de Dani.

O questionamento feito pela Dani me instigou a buscar outros significados para o uso da metáfora da Pedra e, quando dei por mim, já havia iniciado uma pesquisa referente aos diferentes significados para a palavra pedra, e então me recordei que Itatiba, a cidade que acolheu minha família, cidade onde nasci, cresci e constituí família. O nome Itatiba vem da palavra *pedra*: *Ita* (pedra) + *Tiba* (muita), muita pedra, abundância de pedras e, na lembrança, trago as histórias contadas por minha madrinha Sonia a respeito da troca de nomes: Itatiba e

---

<sup>3</sup> Informação disponível em <https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/> acesso em 20 set 2021

Itatinga. Localizada no estado de São Paulo, Itatiba<sup>4</sup> é um município que compõe a região metropolitana de Campinas<sup>5</sup>.

A alteração do nome da cidade, que antigamente chamava-se Vila do Bethlem de Jundiahy, foi pensada por Padre Francisco de Paula Lima e o Maestro Elias Álvares Lobo (figura importantíssima da música erudita brasileira, autor da primeira ópera brasileira cantada em língua portuguesa: *A Noite de São João*, com letra de José de Alencar) que, na época, morava em nossa cidade. As informações indicavam que os moradores, com a intenção da troca do nome da cidade, buscavam por um nome indígena, com o significado em português de Pedra Branca. O nome sugerido por Antonio Augusto de Castro, vereador na época, foi Itatiba, que não significava pedra branca, mas Muita Pedra (Ita = pedra + Tiba = grande quantidade). Os participantes dessa discussão na Assembleia apresentaram um possível erro na tradução, pois, se o desejo dos moradores era que a cidade se chamasse Pedra Branca, o nome correto a ser adotado deveria ser Itatinga, mas o ofício da Câmara Municipal da cidade apresentava Itatiba - nome oficializado pela Lei Nº 36 de 08 de maio de 1877.<sup>6</sup>

No entanto, a controvérsia existiu, e, naquele mês de abril de 1877, correu-se o risco de nossa cidade não se chamar Itatiba, e sim Itatinga<sup>7</sup>. Mas não foi apenas pelo nome da cidade onde nasci a escolha pela metáfora das pedras. Unindo beleza ou não, as pedras apresentam diferentes significados e simbologias.

O dicionário online de Língua Portuguesa<sup>8</sup> apresenta a palavra pedra como um substantivo feminino; corpo duro, sólido, da natureza rochosa que tem seu uso, muitas vezes, aplicado em construções. No sentido figurado, a palavra pedra é utilizada para descrever alguém insensível; na medicina, concreção formada em certos órgãos do corpo (rins, vesícula); na botânica, dureza que se encontra em alguns frutos. As pedras dos jogos de tabuleiro, a pedra fundamental como marco inicial de uma obra, a chuva de pedras. As pedras e cristais naturais que, unindo beleza e simbologia, são utilizadas como objeto de cura, status, poder. A pedra lascada da pré-história.

---

<sup>4</sup> Informação disponível em [www.itatiba.sp.gov.br](http://www.itatiba.sp.gov.br). Acesso em 30 ago 2021

<sup>5</sup> Região Metropolitana é o nome dado à uma área composta por vários municípios que apresentam aglomeração urbana interligadas entre si, informação disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/regioes-metropolitanas>. Acesso 19 out 2021

<sup>6</sup> Informação retirada do site [www.itatiba.sp.gov.br](http://www.itatiba.sp.gov.br). Acesso em 30 ago 2021

<sup>7</sup> Informação retirada do site <http://spcidades.com.br/>. Acesso em 26 mar 2021

<sup>8</sup> Informação retirada em dicionário online de português, disponível em <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 11 abr 2021

Petrus: "rochedo". Em latim e alemão, variante do nome Pedro, originário do grego Petros, que significa Pedra, o nome dado ao apóstolo mais próximo de Jesus, Simão, que se tornou Pedro.

A pedra filosofal, vista pelos alquimistas como pedra milagrosa. Os monumentos gregos arquitetônicos construídos das pedras sem o uso de equipamentos modernos.

Assim como as pedras, cada um de nós tem uma identidade e, a cada situação, podemos fazer diferentes usos das pedras encontradas ou recebidas. Podemos atirá-las contra algo ou alguém ou guardá-las; podemos utilizá-las como objeto de cura ou apenas deixá-las para que alguém nelas tropece.

Considerando que cada um de nós tem teorias informais e pessoais sobre o que vivemos e as relações estabelecidas, e é a partir delas que desenvolvemos as nossas ações, ou não.

Recordei-me das quadrinhas cantaroladas nas brincadeiras de rua,<sup>9</sup>

*Pisei na pedrinha e a pedrinha rolou  
Pisquei pro mocinho, o mocinho piscou  
Contei pra mamãe, mamãe nem ligou  
Contei pro papai, o chinelo cantou*

Também pensei muito em mim, na minha constituição enquanto ser humano, pessoa, mãe, esposa, professora e agora quase mestra. Gosto de usar a palavra *quase* como um estímulo que me impulsiona à coragem da busca, da luta, do sonho, das realizações e conquistas, mesmo já tendo utilizado por muitas vezes, a palavra quase como situação de incerteza, como nos versos abaixo:

Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase ganhou ainda joga, quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas ideias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono (Westphal, S. 1983<sup>10</sup>).

---

<sup>9</sup> De domínio público, as parlendas são versos de fácil memorização, que divertem as crianças, ao mesmo tempo que trabalham com a memorização e a fixação de alguns conceitos disponível em <https://www.todamateria.com.br/parlendas/>. Acesso em 20 abr 2021

<sup>10</sup> Quase — texto de Sarah Westphal disponível em [https://www.pensador.com/a\\_incerteza\\_de\\_um\\_quase/](https://www.pensador.com/a_incerteza_de_um_quase/). Acesso em 15 ago 2021

Estar mestranda possibilitou reencontrar-me enquanto ser humano, enquanto educadora, enquanto mãe e, hoje, quase mestra, observo quantos valores puderam ser resgatados e ressignificados na minha condição de ser humano em construção. Minhas crenças que se encontravam adormecidas, ou não, e buscavam espaços que me permitissem estar distante dos rótulos e avaliações.

Ah, e as pedras no caminho de Drummond? O que fazer com tantas? O que fazer com cada uma delas? Compreendi que seria mais rico e oportuno dar possibilidades outras que não apenas como obstáculo para tropeço, mas como o obstáculo a ser superado com sutileza e sabedoria, assim como faz o rio quando as contorna.

Compreendendo-me como uma construtora de história, tão cheia de mim e de tantos outros e, diante de tantas possibilidades outras, por entre versos e poesias, as pedras, tão presente em nossas vidas, me acompanham como ressignificação de cada um dos capítulos que tecem este trabalho, observando a poesia não apenas como romantismo e melodia, e, como arte que é, a poesia possibilita exprimir aquilo que está dentro de nós: a linguagem humana, versada pelas minhas palavras, mediada pela minha experiência, como forma de rememorar ou não a experiência do outro, permitindo me desconstruir-me para reconstruir-me, nesse mundo tão cheio de nós!

E assim inicio esse trabalho trazendo um pouco da minha história, meu memorial de formação, produzido em 2005 e retomado em 2019, enquanto aluna especial do programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade São Francisco. Buscar meu memorial de formação me possibilitou rememorar experiências adormecidas no caminhar da vida que contribuíram imensamente para minha constituição enquanto profissional da educação e que muito auxiliaram na compreensão de algumas das situações vivenciadas pelas estudantes de pedagogia, professoras em formação inicial, registradas no diário de campo.

Dando continuidade, trago reflexões sobre o estágio, conforme estudado por diversos autores, como Pimenta (2012), Pimenta e Lima (2017), Fazenda (2012), Carvalho (1985), Tardif e Lessard (2005), e a partir deste, o percurso metodológico, produção e análise dos dados a partir das narrativas produzidas considerando o memorial de formação das participantes desta pesquisa, o diário de campo da pesquisadora e a entrevista narrativa.

A pesquisa de abordagem qualitativa para a coleta de dados fez uso de entrevistas narrativas, diário de campo da pesquisadora e materiais produzidos pelas alunas da disciplina de Projetos e Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, que aceitaram participar da pesquisa de modo voluntário após a apresentação do projeto aos alunos, devidamente

aprovado pelo comitê de ética. As participantes desta pesquisa, todas do sexo feminino, cursavam o 6º semestre do curso de pedagogia de uma instituição privada de ensino superior em uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

## 2. DE PEDRA EM PEDRA...

Formar-se com a história do outro: memórias

Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
e no alto subi.  
Teci um tapete floreado  
e no sonho me perdi.  
Uma estrada,  
um leito,  
uma casa,  
um companheiro.  
Tudo de pedra.  
Entre pedras  
cresceu a minha poesia.  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.  
Entre pedras que me esmagavam  
levantei a pedra rude  
dos meus versos...  
Cora Coralina<sup>11</sup>

Nascida e criada na cidade de Itatiba, talvez tenha sido no dia do meu batizado que meus pais me apresentaram a importância do outro em nossas vidas. Filha do segundo casamento dos meus pais, a quinta de quatro filhos, dois de cada lado, fui por muitos chamada de “temporão”.<sup>12</sup>

Buscando por melhores condições de vida, no ano de 1979, meus pais migraram do Estado do Paraná e vieram para Itatiba, interior do Estado de São Paulo. Por ser de origem humilde e de pele escura - embora não negra, como ela mesma diz -, minha mãe não era bem-vista pela família do meu pai, marcas que ela carregou consigo por muitos anos, e hoje, no auge dos seus 70 anos, consegue compartilhar, não sem mágoas, esses acontecimentos. É a experiência como formação humana permitindo refletir sobre si e formando-se com a história do outro, ressignificando-a.

---

<sup>11</sup> Poesia retirada do site O Pensador, disponível em <https://www.pensador.com>. Acesso em 30 ago 2021

<sup>12</sup> [2] *Adjetivo* -1. que vem ou ocorre antes ou fora do tempo apropriado, retirado do Dicionário online de português disponível em [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br). Acesso em 30 ago 2021

O mais velho de sete irmãos e apaixonado por seu irmão mais novo, foi ele quem meu pai escolheu para ser meu padrinho de batizado, ritual praticado em várias religiões, principalmente no Cristianismo. O santo batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito, que abre o acesso aos demais sacramentos. Por meio dele, somos libertos do pecado e regenerados como filhos de Deus, tornamo-nos membros de Cristo, incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão: *Baptismus est sacramentum regenerationis per aquam in verbo* (o batismo é o sacramento da regeneração pela água na Palavra). Quando recebemos o sacramento do batismo, passamos a ser filhos amados de Deus.<sup>13</sup>

A história a mim sempre contada foi a de que meu tio não conseguiu chegar a tempo para a cerimônia.

O artigo quinto da Constituição Federal traz a seguinte redação:<sup>14</sup>

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Sendo o Brasil diverso em sua constituição social, a miscigenação da sociedade brasileira não veio a contribuir para a eliminação do preconceito e discriminação, sendo este de ordem física, racial, social, econômica, etnia, religiosa.

Minha mãe, filha de negros, não possuía uma situação econômica favorecida e seu sustento vinha do trabalho realizado como diarista, o que não era visto com bons olhos pela família do meu pai que, mesmo falida economicamente, prezava pela manutenção do “status”. Devido ao problema do meu pai com o alcoolismo, a renda da minha mãe sempre foi sustento da casa.

Diante da ausência do meu tio, meu pai se deslocou até o restaurante próximo à igreja, que ele frequentava, local onde ele conquistou grande parte de seus clientes. Meu pai era alfaiate, o Sr. Luiz Alfaiate, em uma cidade que sempre esteve em busca do “*gente de quem*”<sup>15</sup> para definir a identidade de seus habitantes.

---

<sup>13</sup> Informação retirada do site Canção Nova, disponível em <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina>. Acesso em 02 nov 2020.

<sup>14</sup> Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em mar 2022.

<sup>15</sup> Itatiba, cidade do interior, seus habitantes têm o hábito de questionar a qual família pertence, como forma de saber se é conhecido ou não.

De acordo com o dicionário do interior do estado de São Paulo<sup>16</sup>, *gente de quem?* é a pergunta feita a alguém para saber seu grau de parentesco com os demais moradores de uma cidade. Neste contexto, eu era a filha do Luiz Alfaiate, casado com a Ilda, comadre da Cordélia e do Zé Benedetti e, nessa história, que era a Suelen?

Por muito tempo fui afilhada da Cordélia e do Zé Benedetti, família com a qual desenvolvi uma relação de pertencimento e identidade. Com o tempo, passei a ser conhecida como mulher do Dedé Relá, (meu marido) e nora da Sueli Matos, filha do Luis Soldado; com a chegada dos meus filhos: mãe da Relá (identificação da minha filha Maria Clara), e mãe do Tô Relá (meu filho Antônio), mas, em todos esses papéis, sobrou um espaço onde eu realmente pudesse me identificar: PROFESSORA SUELEN!

Mesmo assustados, o Sr. José e a Dona Cordélia, fecharam o estabelecimento por alguns instantes para que pudessem participar do meu batismo e consagração a Nossa Senhora, afinal, pelas crenças religiosas da família da minha mãe, uma criança pagã não era protegida e abençoada por Deus.

Dessa cerimônia surgia, então, a composição de uma família não constituída pelos laços de sangue, mas pelos elos do amor.

---

<sup>16</sup> Informação disponível em Dicionário do interior do Estado de São Paulo: [www.saopaulointerior.com.br/dicionario-do-interior](http://www.saopaulointerior.com.br/dicionario-do-interior) Acesso em 05 mar 2022.

Figura 1: Cerimônia de batizado realizada em maio de 1981 na Basílica Menor de Nossa Senhora do Belém - Padre Anatólio Brasil Pompeo



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora.

Morando em um bairro que compunha a periferia da cidade, passava a maior parte do tempo no restaurante da minha madrinha, o que me possibilitou viver e conviver com diversas pessoas aprendendo sobre as diferenças, respeito, humanidade, afeto e vínculo.

Tive a oportunidade de ser criada por minha madrinha de batismo, Cordélia, e uma de suas filhas, Sônia, além da minha irmã Simone. Foi uma infância feliz... Recordo das muitas brincadeiras com os amigos da minha irmã (11 anos mais velha) e das cantigas de roda cantaroladas pela Sônia, enquanto ajudava no restaurante da sua mãe... Sônia e Simone se formaram professoras cursando o antigo Magistério, que era um curso em nível médio profissionalizante de formação de professores na E.E.P.S.G “Manuel Euclides de Brito”, o MEB. O curso de magistério preparava o aluno para ser professor de séries iniciais — da Educação Infantil ao 5º ano do ensino fundamental; elas sempre foram minhas referências, e seguir a mesma carreira que elas, para mim, eram motivo de orgulho.

Toda a minha formação se deu em escola pública. Iniciei na escola de Educação Infantil, hoje denominada CEMEI Beija-Flor. A atual diretora desta unidade escolar foi a minha

professora no Infantil I. Ainda tenho guardada a foto em que apareço com a calça molhada ao lado do Papai Noel — talvez por esse motivo sempre tive problemas com regras para idas ao banheiro com as crianças das salas onde ministrei aulas.

Figura 2: Foto de encerramento de ano letivo - Educação Infantil - 1986



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora

As marcas conquistadas durante a experiência escolar, positivas ou negativas, de alguma forma colaboram para a construção de nossas crenças, que nos acompanharão em nossa constituição de sujeito. Conforme observado no relato de uma estudante do curso de pedagogia:

Já a professora do terceiro ano, as lembranças não são as melhores, apesar de eu ser encantada pela sua beleza, eu me decepcionei muito com ela, muito autoritária e um pouco sem paciência, chegou a puxar o meu cabelo por que eu não conseguia resolver um problema de matemática” (texto retirado do memorial de Ametista).

No segundo ano do Jardim de Infância, a renda da casa era complementada pelas faxinas que minha mãe realizava na casa da professora Sônia Rita, que, à época, era minha professora na pré-escola. Nos dias em que minha mãe trabalhava em sua casa, ela me levava

de carro para a escola. Como eu me sentia importante nesses dias! Hoje falecida, a professora Sônia Rita dá nome a uma escola de educação básica, a EMEB “Prof.<sup>a</sup> Sonia Rita Penteadó de Aguiar Santos”. Mesmo sendo uma homenagem merecida, é uma pena que o reconhecimento de muitos professores aconteça somente após seu falecimento, com a tradição de nomeação em prédios públicos, principalmente escolares, ou que tenham alguma função relacionada com a educação.

Os dias mais felizes na escola eram quando a Sônia, filha da minha madrinha, atuava como professora substituta na sala em eu estudava... Meu ego transbordava!

O Jardim de Infância durou dois anos, e então iniciei meus estudos na EEPSG Manuel Euclides de Brito, escola estadual direcionada ao atendimento de alunos de primeiro e segundo graus, da primeira série ao terceiro ano do ensino médio, e o curso de magistério. Com a municipalização dos ensinos fundamental I e II, conforme a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996<sup>17</sup>, a escola passou a oferecer apenas o ensino médio. Meus pais acreditavam que estudar na escola do bairro não garantiria um estudo de qualidade e parte dos meus amigos do Jardim de Infância também estudavam nesta escola; foram oito anos juntos. Sempre me esforcei para tirar boas notas e assim foi. O motivo de orgulho para minha mãe foi quando, na formatura da oitava série, fui homenageada com uma medalha de melhor aluna pelos oito anos de escola. Recordo-me que, nesse período, quis alçar novos voos e tentei cursar Processamento de Dados em um colégio particular. Fiquei em décimo lugar no concurso de bolsas, mas o desconto ofertado não condizia com as condições financeiras de casa, nesse período meu pai já havia falecido e minha mãe era responsável por todo o sustento da família.

Permaneci na escola onde já estudava e, no ano de 1996, iniciei o Curso de Magistério, com duração de quatro anos, concluído em 1999. Optar pelo magistério me possibilitou conhecer novas pessoas e fazer novas amizades. Daquele universo de trinta e cinco alunos que conviveram por longos oito anos, da primeira à oitava série, apenas 15 seguiram a carreira do magistério. Este curso me possibilitou conhecer o novo; apresentou-me a sala da diretora, a advertência, a suspensão, mas também me apresentou o mundo do comprometimento, da solidariedade, da humanidade, de grupo, de equipe.

Recordo-me que, antes de passar a atender apenas aos ensinos fundamental nível II e médio, os estudantes de magistério faziam estágio nesta escola e minha irmã também o fez... Lá havia peças teatrais e festivais de dança produzidos pelos alunos do magistério.

---

<sup>17</sup> Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional disponível em <http://portal.mec.gov.br/> acesso em 15 nov 2020

Recordo-me, ainda, dos estudantes universitários que realizavam estágio nesta instituição, principalmente da disciplina de psicologia.

Figura 3: Foto de Encerramento do Magistério - 4ªA 1999



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora

Nossa escola ficava localizada próxima à feira livre da cidade e, certo dia, demos uma fugidinha para comprar pastel no horário do intervalo. Isso levava mais do que os vinte minutos de duração do intervalo e atrasava o nosso retorno à aula. A direção então optou por deixar os portões fechados, para evitar as saidinhas.

Encontramos uma passagem pelo alambrado e, na primeira tentativa, uma colega torceu o pé e nosso “segredo” foi descoberto. Acabaram-se as saidinhas para a busca dos pastéis, mas, passados vinte anos de formatura no magistério, quando nos encontramos, esse fato é nossa marca registrada.

Como no curso de Pedagogia, o estágio obrigatório estava presente na grade curricular do Magistério, especificamente na disciplina de didática e, com todas as situações compartilhadas no período de estágio docente na disciplina de estudos e projetos em estágio supervisionado, pude rememorar muitas das minhas experiências enquanto estudante.

No ano de 1998, cursando o terceiro ano do magistério e trabalhando em uma instituição privada de educação infantil, foi necessário um replanejamento na minha vida de estudante e trabalhadora para a realização do estágio no ensino fundamental, do primeiro ao quinto ano. O período de férias na instituição particular e na rede pública de ensino eram iguais, então foi preciso realizar o estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

Situação parecida com a de Esmeralda, que se programou para realizar o estágio em seu período de férias, já que sua rotina de trabalho era de oito horas/dia e no período noturno, estava na universidade.

Trabalho o dia todo e para poder realizar o estágio, vou solicitar férias no meu trabalho! (trecho retirado do diário de campo da pesquisadora, registrado no acompanhamento das aulas da disciplina de projetos e estágio supervisionado em ensino fundamental do curso de pedagogia).

O cumprimento do estágio supervisionado obrigatório é uma exigência da LDB. Com carga horária definida, é visto como um instrumento importante para o conhecimento da prática docente nos cursos de licenciatura. O estágio proporciona ao aluno o contato com as vivências e situações didáticas que contribuem com a sua formação profissional, conforme podemos observar no parecer do Conselho Nacional de Educação, CNE/CP 05:<sup>18</sup>

[...] O estágio curricular pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional, estabelecida entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor supervisor acadêmico. Deve proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, conferindo-lhe condições para que se forme como autor de sua prática, por meio da vivência institucional sistemática, intencional, norteadas pelo projeto pedagógico da instituição formadora e da unidade campo de estágio.

Meu primeiro estágio foi realizado em uma sala de aula na qual a professora havia estudado com minha irmã Simone. Entendo que essa relação tenha sido um fator facilitador para a minha recepção na escola e o contato com a rotina diária de um professor, além da apresentação ao semanário — um caderno de registro das atividades a serem desenvolvidas no decorrer do período —, mas ao estagiário cabia apenas o papel de observar.

Enquanto estudante de magistério em formação inicial, eu acreditava que ali poderia fazer muitas coisas, mas, por timidez, hierarquia, medo de reprovação e pelas minhas crenças sobre o papel do estagiário, minha postura permaneceu sendo de observadora, sentada no fundo da sala. Recordo-me que, em poucos momentos, as situações de vivências enquanto estagiárias eram compartilhadas em sala de aula com o professor-supervisor, afinal, a necessidade de finalizar a carga horária de estágio para a aprovação no curso era mais importante do que manter uma relação de aprendizado com o professor da sala de aula. Ter

---

<sup>18</sup> Parecer de nº5 do Conselho Nacional de Educação - Conselho Pleno do ano de 13 de setembro de 2005. BRASIL.

um bom comportamento enquanto estagiário, na situação de observador, evitava situações constrangedoras entre instituições e professores que poderiam vir a prejudicar a realização do estágio para os demais alunos.

Nos anos seguintes, essa situação se modificou um pouco: terceiro e quarto anos de magistério, estágio de observação no ensino fundamental, período em que fui apresentada ao mimeógrafo, instrumento utilizado para a reprodução de “cópias” das atividades aplicadas em sala de aula pela professora. Aprendi a reproduzir cópias sem utilizar a máquina copiadora: apenas usando estêncil e álcool. Quando me tornei professora, também passei a utilizar o mimeógrafo como meu instrumento de trabalho na produção de atividades das salas de aula em que lecionei. Muito concorrido na escola, optei por adquirir o meu, e este ainda está guardado na casa da minha mãe.

Em 1998, tive a oportunidade de iniciar como estagiária em uma instituição privada de Educação Infantil, na verdade como auxiliar de sala, que tinha como função principal organizar o espaço e materiais que seriam utilizados pelo professor no momento das atividades. Se a atividade era de escrita, meu papel enquanto auxiliar de sala era montar todas as mesas e cadeiras, uma para cada criança, para que pudessem realizar a atividade; quando a atividade era de construção com areia, era preciso organizar, na sombra, certa quantidade de areia para cada criança poder realizar a sua atividade de construção. Finalizada a atividade, era necessário recolher toda a areia, tendo cuidado para que não houvesse desperdício. Ao final do dia, realizava a limpeza do espaço de forma geral, após a varrição, passava pano com água e álcool, lavava o pano e fazia a varria do quintal. Aprendi muito sobre economia de materiais nessa experiência de auxiliar de sala, depois disso, passei a ter horror aos trabalhos domésticos, embora faça parte da minha rotina.

As atividades ali desenvolvidas não estavam exatamente descritas conforme a proposta do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento referente às instituições de educação infantil, que tinha como objetivo ser utilizado como orientação e reflexão sobre o trabalho a ser desenvolvido com crianças de zero a seis anos de idade, atendendo uma determinação da Lei 9.394/96, entendendo a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.<sup>19</sup>

Então, havia adaptações para o registro das atividades. A construção com diferentes materiais manipuláveis, como blocos de montar, areia, pequeno construtor, eram identificadas

---

<sup>19</sup> Referencial Nacional da Educação Infantil, informação disponível em [www.portalmec.gov.br](http://www.portalmec.gov.br), acesso em 05 mar 2022.

como atividades diversificadas; os circuitos com obstáculos, como túnel de arame, colchonetes para cambalhotas, escorregador, eram descritos como parque.

Neste período, anos de 1990, chegavam ao Brasil as pesquisas relacionadas ao construtivismo, que compreende que o aprendizado e o conhecimento advêm das experiências entre o indivíduo, seus pares e o mundo. Carretero (1997), citado por Chakur (p. 22, 2015) define a construção como uma ideia prévia que tem como característica o caráter espontâneo, ou seja, não tem instruções específicas, já para Ferrari (2008), citado por Ramos (2010) as descobertas de Piaget sobre os processos de aquisição de conhecimento e sobre os mecanismos de aprendizagem da criança, aliada aos estudos e pesquisas de Emilia Ferreiro, que estudou e trabalhou com Jean Piaget, possibilitaram a descoberta de que as crianças possuem um papel ativo na construção de seu conhecimento, surgindo assim a palavra construtivismo.

A formação trazia questões sobre o construtivismo que não eram fundamentadas, mas a minha prática estava voltada para outra teoria, mas meu plano de estágio precisava estar de acordo com o Referencial Curricular de Educação Infantil. Com dificuldade e muitas adequações, o estágio de Educação Infantil foi finalizado. O estágio de observação de Ensino Fundamental I foi realizado na Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino destinada a garantir os direitos educativos dessa numerosa população com 15 anos ou mais que não teve acesso ou interrompeu estudos antes de concluir a Educação Básica. As horas de regência, o momento de vivência da prática profissional de forma continuada, foram realizadas nas escolas da rede municipal.

O contato com a Educação de Jovens e Adultos me possibilitou conhecer outro segmento. Um trabalho diferenciado para atender às necessidades de quem não teve a possibilidade de realizar e/ou concluir seus estudos na idade adequada. A diversidade existente nesse segmento oportuniza o contato com uma vasta herança cultural e social, possibilitando que a rotina da escola seja preenchida por histórias de vida, memórias e representações.

Finalizado o magistério, não havia um trabalho efetivo, então comecei a trabalhar com telemarketing, uma ferramenta que utiliza o telefone para promover produtos e serviços. Esse trabalho durou de janeiro a fevereiro de 2000, período em que realizava trabalho voluntário na biblioteca da escola onde sempre estudei, o MEB. Em algumas oportunidades, devido à falta de professores, era convidada a substituir as aulas nas diferentes disciplinas: Artes, Matemática, Língua Portuguesa, Física e Biologia. Como não tinha experiência nas variadas

licenciaturas, os professores organizavam as atividades a serem desenvolvidas e eu as executava. Quando essa substituição era planejada, me proporcionava um tempo maior para tomar conhecimento do conteúdo que seria ministrado em sala de aula.

Foi em uma dessas noites ministrando aula no Ensino Médio que encontrei minha professora de Didática, Solange Curcelli, que me apresentou a possibilidade de um contrato de trabalho em uma nova instituição privada de Educação Infantil, minha sobrinha havia estudado nesta escola, e então levei meu currículo. Na segunda tentativa de contato da escola comigo, realizei a entrevista e, em março do mesmo, ano iniciei minha nova jornada: uma sala de maternal com cinco meninos. Nesta instituição, aprendi sobre a importância da inquietude do professor. Além da formação semanal que acontecia na escola, a diretora também nos oferecia formações externas, que possibilitavam a reflexão e o estudo sobre nosso trabalho, deixando clara a necessidade do aperfeiçoamento do professor. Nesse período, também passei a ter um novo contato com a escola pública, trabalhando como professora eventual substituta. Em 2004, me desliguei desta escola, mas jamais do aprendizado proporcionado. No ano seguinte, iniciei meu trabalho como professora efetiva de Educação Infantil na cidade de Morungaba, que, hoje, tem pouco mais de dez mil habitantes. Grande parte dos profissionais desta rede foi formada pelo magistério e já exercia a prática docente há algum tempo e, durante o período em que lá permaneci, não me recordo da presença de estagiários. A primeira escola em que tive a oportunidade de trabalhar estava localizada na periferia da cidade, a segunda, na zona rural. Começava um novo momento de aprendizado profissional e experiências. A prática da rede pública de Morungaba era adversa à minha prática, às minhas crenças e também às situações didáticas que acreditava serem necessárias para o aprendizado em sala de aula.

Trabalhar em Morungaba foi a possibilidade de, novamente, colocar em prática todo o meu conhecimento como professora e de poder compartilhar com meus novos colegas. A Rede Educacional do município era composta em grande parte por profissionais de Itatiba. Recordo-me que, em 2006, a cidade realizou um concurso voltado aos profissionais da rede, no qual participei com um projeto denominado “A Copa do Mundo na construção da minha identidade em um mundo globalizado”. Este, posteriormente, fez parte do meu memorial de formação, que me possibilitou a classificação para a fase final do concurso e, posteriormente, a classificação em terceiro lugar.

Figura 4: Professoras finalistas do Prêmio Educador 2006 da cidade de Morungaba



FONTE: Fonte Jornal de Itatiba — 10 out 2006

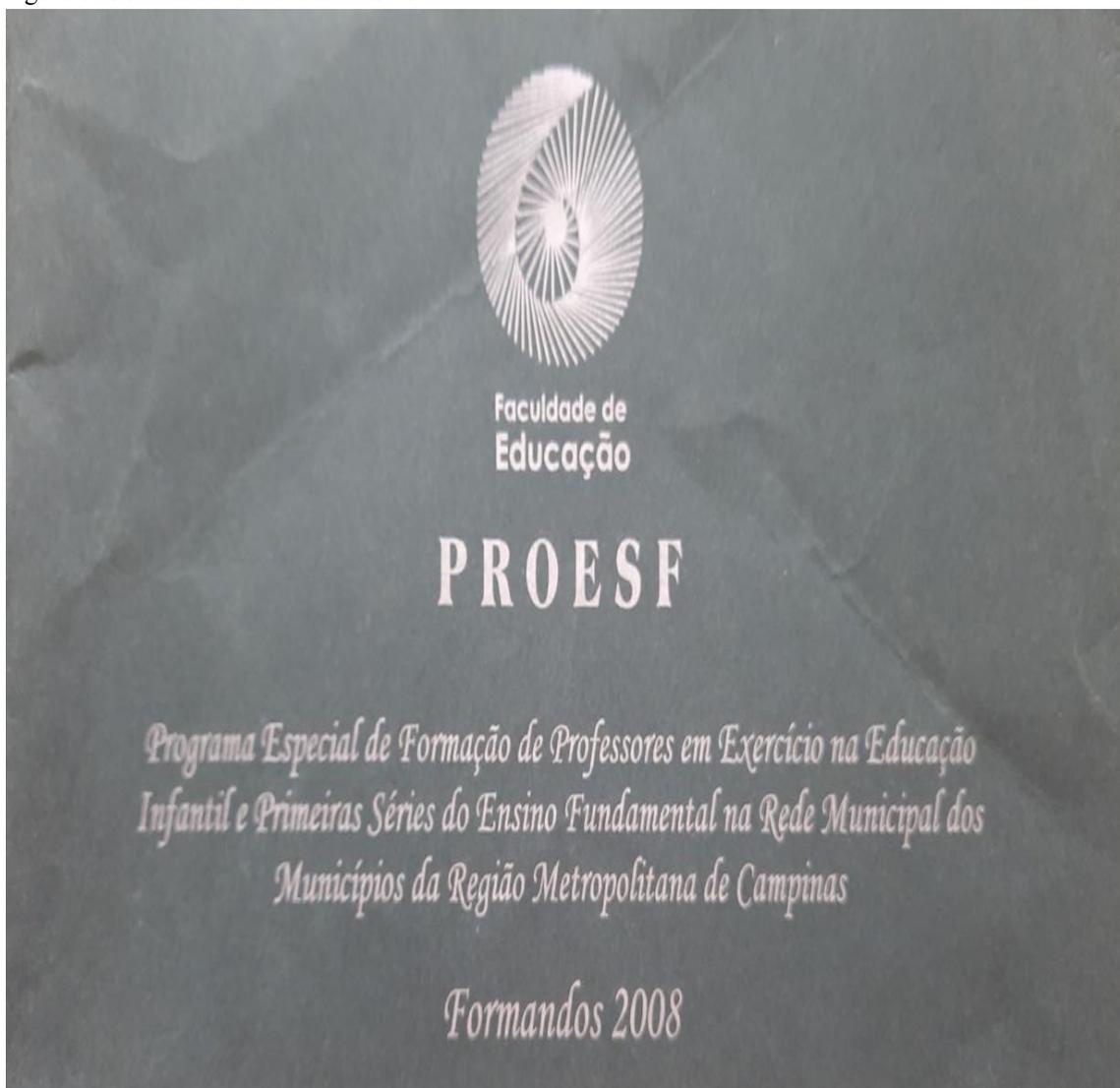
Figura 5: Premiação recebida pelo 3º lugar na participação do Concurso Educador 2006 na cidade de Morungaba



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora

Em 2005 também surgiu a grande oportunidade da minha vida. Por meio de uma parceria entre a Prefeitura do município de Itatiba e o Governo Estadual de São Paulo, o Programa Especial de Formação Pedagógica Superior (PROESF) oferecia aos profissionais que compunham a rede a oportunidade de participar de um vestibular oferecido pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e os classificados participavam das aulas que aconteciam na Faculdade de Educação da instituição.

Figura 6: Convite de formatura PROESF

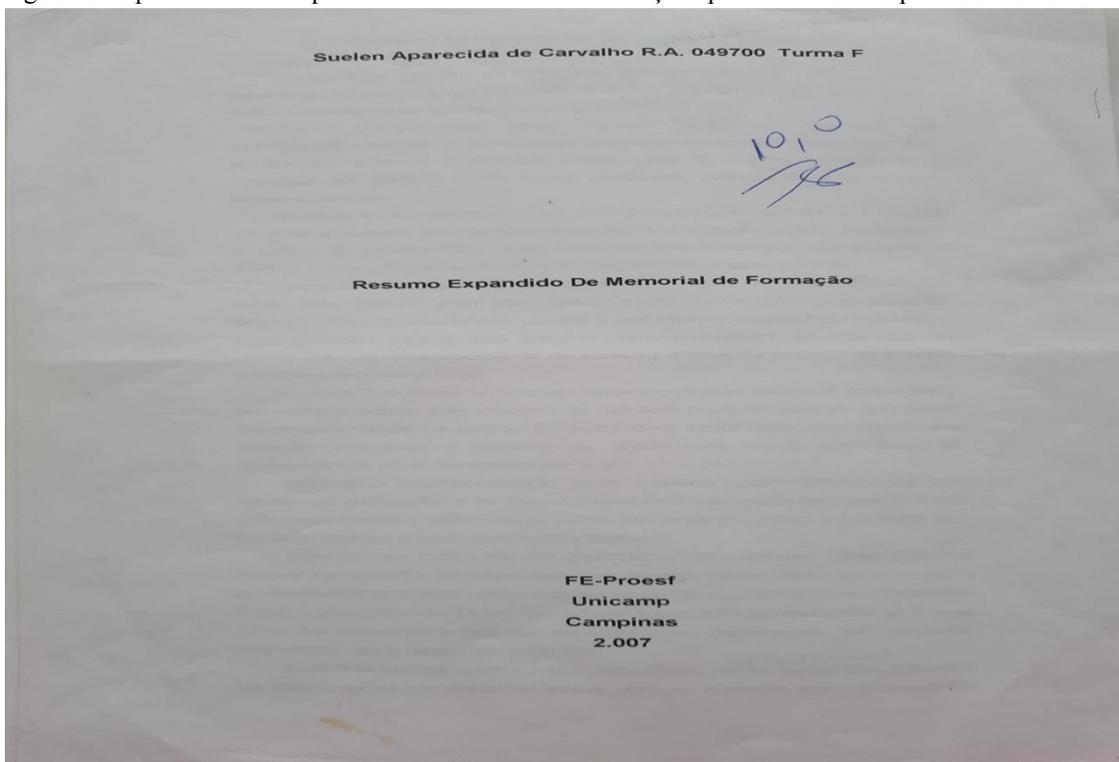


FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora.

As aulas no PROESF eram ministradas por assessores pedagógicos das cidades que faziam parte da Região Metropolitana de Campinas (RMC), mas o curso também nos possibilitou o contato com grandes nomes dessa conceituada universidade, fosse nas aulas

magnas, que aconteciam todas as terças-feiras ou por meio das indicações de leituras e dos trabalhos realizados. Dentre eles, os Drs. Ernesta Zamboni, Sérgio Ferreira do Amaral, Guilherme do Val — que foi meu orientador na produção do memorial —, Guilherme Prado, Márcia Strazzacapa, Luis Carlos de Freitas e Ana Goulart. Esses três anos de formação no Ensino Superior realmente me proporcionaram refletir a prática, pois cada fundamento trabalhado era aplicado na sala de aula, sendo que nossos trabalhos e avaliações estavam voltados para isso. Tornei-me ousada, o que contribuiu muito com o meu crescimento profissional. A cada conceito aprendido, logo imaginava e/ou pensava em uma atividade que poderia ser desenvolvida e proposta aos alunos, contemplando o planejamento estabelecido. Recordo-me de quando aprendi sobre composição e decomposição geométrica e construí com os alunos de uma escola rural um campo de futebol. A geometria era muito mais que nomear e identificar círculos, quadrados, retângulos e triângulos e não era aquele bicho de sete cabeças tão difundido nas aulas de matemática quando eu cursava o então ginásio, hoje denominado ensino fundamental II. O nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi na modalidade memorial de formação, o qual resgatei para iniciar a produção deste trabalho.

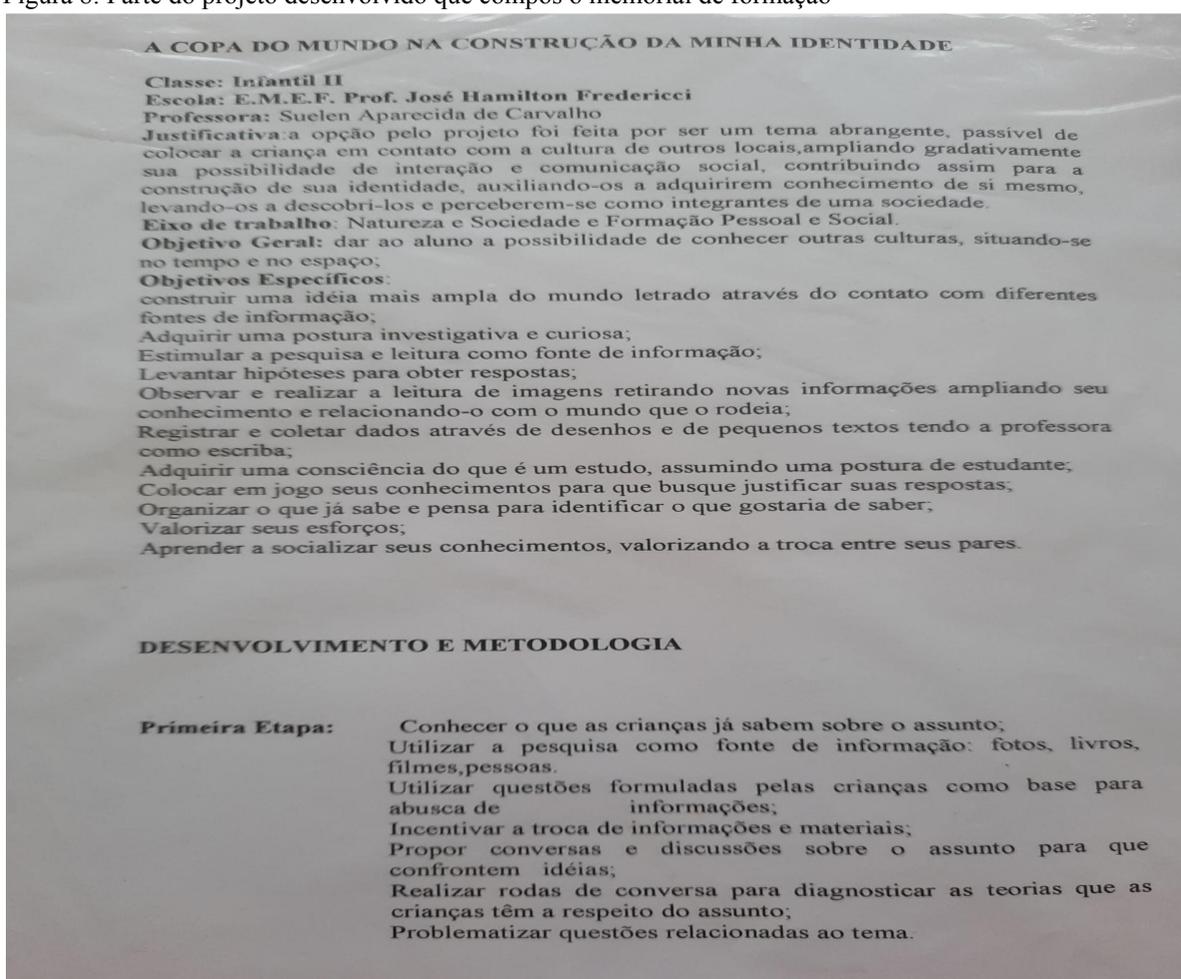
Figura 7: Capa do resumo expandido do Memorial de Formação apresentado à disciplina de Memorial I



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora

Meu memorial foi intitulado “A Copa do Mundo na Construção da minha identidade”. Foi desenvolvendo esse projeto que eu consegui ressignificar o meu aprendizado sobre a tabuada através da distribuição dos países participantes da copa em pequenos grupos: 32 países participantes da Copa do Mundo distribuídos em oito grupos com quatro equipes (países) cada. Isso foi muito mais que  $8 \times 4 = 32$ , bem como a prova real,  $32/4 = 8$ . Possibilitou vivenciar com os alunos o real significado da multiplicação.

Figura 8: Parte do projeto desenvolvido que compôs o memorial de formação



FONTE: arquivo pessoal da pesquisadora

Para Prado e Soligo (2005), desenvolver um memorial de formação é possibilitar ao educador compartilhar vivências de sua própria vida em que apresenta ao leitor paixões, emoções e sentimentos guardados na memória. É trazer significado à própria prática a partir de reflexões de situações que se fazem no cotidiano escolar, sendo um exercício de reflexão do trabalho desenvolvido. Carregada de memórias, a escrita de educadores nos forma continuamente através das relações estabelecidas.

Do latim, *memoriale* quer dizer *memento*, fatos, ou, então, escritos que relatam acontecimentos memoráveis. Como toda narrativa autobiográfica, sua constituição tem origem em uma produção textual onde o autor versa sobre sua própria vida, apresentando acontecimentos considerados importantes para aquele que escreve. Não é uma crítica avaliativa de ideias, impressões, conhecimentos, mas um registro confessional de tudo aquilo que ficou guardado na memória.

Utilizado com maior frequência pelos educadores, como estratégia de formação e investigação, o memorial de formação, oportuniza um maior reconhecimento profissional de suas experiências e de seu papel de protagonista na própria formação, potencializando nossos saberes cotidianos e contribuindo para construção da nossa identidade profissional, identidade essa construída pelo contexto histórico e social em que vivemos e na relação com o meio e outros grupos sociais.

De acordo com Benjamin (1987),

... a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte de todos os narradores, e as melhores são as que continuam próximas das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Aquele que narra a sua história, sempre o faz para alguém, e, portanto, é importante observar o memorial não como uma experiência de vida e não um relato de acontecimentos, mas como uma oportunidade de reflexão entre a vida individual e social dos sujeitos, não como possíveis indicadores de discussões de estudos de caso.

A diversidade das sociedades humanas não é explicada apenas pela diferença genética, mas através das suas relações e interações, pela cultura, que marca a vida social por diferentes características: regionais, de organização social, de valores, de projetos de vida, de costumes etc., culturas essas produzidas pelos diferentes grupos na sua relação com o meio, ao longo de sua história. Citando Bakhtin (1925) no livro *O Freudismo* (2007, p. 11), Freitas nos mostra que, para estar na história, não basta nascer, mas é preciso também o nascimento social. Nascemos burgueses, camponeses, proletários. Isso é fundamental.

Para Vygotsky (2007), o indivíduo inicia o aprendizado do seu tempo histórico a partir das relações obtidas com o meio no qual está inserido e de suas trocas de experiências culturais que faz neste ambiente. Ao mesmo tempo em que este está se conhecendo, se permite conhecer o outro, e é nesta interação que se desenvolve emocional, social, intelectualmente.

Ainda para o autor, “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”, a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu entorno:

“Ao conviver com o outro, vamos criando a nossa própria forma de ser e agir. O ser humano é físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global, não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria Vygotskyana que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas” (FREITAS, 2007 p .96).

Ainda de acordo com Vygotsky (2009), a construção e o desenvolvimento do ser humano é um movimento cujas origens atravessam a vida de cada ser humano. Sua forma de se intervir, interagir e aprender no convívio social oportuniza suas histórias individuais e sociais.

Sendo seres em constante transformação, podemos entender que a subjetividade por trás da narrativa é constituída por meio das relações sociais do indivíduo.

Desde o final da minha formação no magistério, sempre lecionei e após a conclusão do Ensino Superior, tive a oportunidade de passar por diferentes funções na escola; de professora de reforço à vice-diretora de escola... Quantos aprendizados!

Após onze anos de formada percebi que a autoformação e a formação continuada oferecida pela rede, também oferecida por mim aos demais colegas, já não eram suficientes para o desenvolvimento do meu trabalho, foi então que, certo dia, passeando pela internet, entrei no site da Universidade São Francisco (USF).

Minha intenção, na verdade, era a busca por algum grupo de estudos que contribuísse com minha prática como professora e, então, vi sobre o Processo Seletivo para aluno Especial do Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu*. Ao mesmo tempo em que via uma oportunidade ímpar, também veio a sensação de medo e vários "serás".

No meio de tantos questionamentos, encontrei com Milena Moretto, minha colega de magistério e, hoje, professora doutora na USF. Conversamos por um curto período e, então, marquei com Milena um horário para falar mais detalhes sobre o curso. Dentre todos os porquês, criei coragem e, diante de todos os processos, participei como aluna especial na disciplina intitulada *A formação de professores: construtos e conceitos*, ministrada pela professora doutora Daniela Dias dos Anjos. Todas as discussões, pontos de vista compartilhados e reflexões me incentivaram a participar do processo seletivo para me tornar aluna regular. O primeiro encontro no Programa de Pós-Graduação foi com uma aula magna

da professora doutora Ana Maria Falcão Aragão<sup>20</sup>, que possibilitou refletir sobre minhas crenças adormecidas e silenciadas.

Acreditar que o vínculo professor–aluno é a base de toda a aprendizagem, nos mostrando que afeto e cognição são indissociáveis, nos faz entender que o afeto é a energia necessária para operar o motor cognitivo, nos fazendo compreender que afeto e cognição são inseparáveis e presentes em qualquer atividade.

Entender o professor como ser social que evolui a partir das relações que estabelece é valorizar sua história individual e profissional estando em constante aprendizado, assim, Schön (2000, apud ARAGÃO, 2013) nos apresenta uma proposta de formação de reflexão sobre a experiência para compreensão e melhoria do ensino com base na epistemologia que se sustenta em três conceitos: a reflexão sobre a ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a reflexão na ação, baseado na teoria da investigação de John Dewey, dando ênfase ao processo de aprendizagem a partir da ação, do fazer: a reflexão sobre a ação que nos leva a pensar sobre o que fizemos; a reflexão-na-ação, a qual nos leva a refletir sobre a nossa ação durante sua execução, sem interrupção e a reflexão sobre a reflexão-na-ação que nos leva a pensar em uma nova estratégia.

Para Sá Chaves (2002, apud ARAGÃO, 2013), desta forma, o professor passa a se constituir como um profissional que decide com competência para atuar em diversos contextos, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, da busca de novas estratégias, do conhecimento e da visão crítica. O professor é um ser pensante!

Trazer para a rotina da formação continuada essa proposta é transformar as práticas hoje existentes, nas quais somos meros espectadores de uma proposta oferecida por um professor que, por algum motivo, foi designado para formar os demais. É permitir que o mestre apresente e compartilhe aquilo que sabe, definindo, assim, a formação continuada como uma via de mão dupla, pois estamos todos dispostos e somos todos produtores de conhecimento. Assim como nos apresenta a professora Souza (2013), que observa a transformação do professor investigativo como desafiadora, mas os resultados possibilitam um novo direcionamento para as aulas, pontuando a necessidade da ressignificação da prática, formação do professor e a importância do respeito à diversidade.

Sempre acreditei e acredito que é na relação com o outro que nos desenvolvemos emocional, social e intelectualmente. Quando dividimos e/ou compartilhamos, não somos apenas nós que aprendemos, mas também os alunos.

---

<sup>20</sup> Aula Magna de abertura do semestre do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu da Universidade São Francisco - PPGSS USF - 10 ago 2020

Registrar nossas práticas e pesquisar sobre elas possibilita que deixemos de ser meros executores de tarefas e passemos a ser profissionais que refletem, que atuam, que estão em constante desenvolvimento. “Ser professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e conscientizar-me do lugar que ocupo na sociedade” (ARAGÃO, 1977, apud FALCÃO, 2013, p. 153).

Participar como aluna especial da disciplina *A formação de professores – constructos e conceitos* despertou vários porquês até então adormecidos por inúmeros motivos, me proporcionando voltar a refletir sobre o meu papel enquanto profissional, minhas crenças, desafios e medos. Foi exatamente essa inquietude e sentimentos mistos que me desafiaram a elaborar um projeto para o processo seletivo: *A formação de professores e a importância do coletivo no contexto escolar: Do EU solitário ao EU solidário*. Fui aprovada no processo seletivo. Sim, eu era capaz. Ser aluna regular de mestrado me trouxe infinitas possibilidades de reflexão, aprendizado e, então, veio a pandemia.

Figura 9: Carteirinha de estudante como aluna Regular de Mestrado - Universidade São Francisco



FONTE: <https://www.usf.edu.br/apps/portaaluno2/carteirinhadigital><sup>21</sup>

A pandemia me trouxe experiências não presentes em meus planos e talvez nos de muitas pessoas. Ficamos isolados do mundo, deixando de conviver com os outros, sempre tão cheios de nós para conviver conosco, tão cheios de outros. Aproximamo-nos de quem estava sempre junto e, ao mesmo tempo em que tão perto, também tão distantes.

Quando passei a ter mais tempo, esse tempo também foi se tornando escasso. Casa, filhos, marido, *home-office*... não necessariamente nesta ordem. E, talvez, alguns itens com mais intensidade ou frequência que outros. Aprendi a organizar uma casa, cozinhar, estar mais

<sup>21</sup> Carteirinha Digital do Estudante da Universidade São Francisco, disponível para alunos regulares em <https://www.usf.edu.br/apps/portaaluno2/carteirinhadigital>

atenta aos meus filhos — conseguimos estabelecer um vínculo muito mais firme e respeitoso. A mãe que se esforçava para se equilibrar no pouco tempo que tinha, agora podia vivenciar de maneira efetiva cada conquista dos seus filhos: Maria, praticamente uma adolescente, e Antônio, crescendo... Danado, arteiro, inteligente, carinhoso.

Foi uma mudança de hábitos e atitudes para todos.

Por não ser docente no Ensino Superior, participei como estagiária da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental do curso de Pedagogia na mesma universidade, tendo como professora minha orientadora, a prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Dias dos Anjos, a qual, durante uma conversa, me fez refletir sobre as dificuldades encontradas pelos estudantes de pedagogia para a realização do estágio — dificuldades que eu mesma ainda vivencio, mesmo depois de 21 anos de magistério. Esses obstáculos perpassavam a organização e a inflexibilidade de horários dos estudantes, a recepção na escola e a relação com o professor de sala.

Essa nova experiência de estagiária no Ensino Superior me permitiu participar ativamente das aulas contribuindo com as reflexões e aprendizagem das alunas. Também tive a oportunidade de compartilhar um pouco da minha experiência como professora, além de convidar colegas para compartilharem um pouco de suas experiências com as futuras professoras.

A partir desta observação e através de alguns relatos de situações experienciadas pelos estudantes do curso de Pedagogia, que percebi necessário um diálogo entre universidade e escola que viria a facilitar a inserção destes estudantes nas escolas-campo para que, a partir desta, o professor-supervisor da instituição escola venha a perceber a prática do estágio supervisionado também como um mecanismo orientador do trabalho docente, permitindo uma maior contribuição para sua reflexão e investigação sobre sua própria prática e, desta forma, contribua para a formação de professores dispostos a redescobrir novos sentidos para o coletivo profissional. Como aponta Nóvoa (1999), é necessária a inscrição de modos de decisão e de práticas pedagógicas que promovam a corresponsabilização, partilha e colaboração entre os professores.

Acreditar que o vínculo professor-aluno é a base de toda a aprendizagem, nos mostrando que afeto e cognição são indissociáveis, faz com que entendamos que o afeto é a energia necessária para operar o motor cognitivo, e estão presentes em qualquer atividade.

Como aluna especial do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, em 2019 tive a oportunidade de participar da apresentação dos projetos desenvolvidos pelos alunos do sexto semestre do curso de Pedagogia. Neste contexto,

dentre as atividades do estágio supervisionado, está o desenvolvimento de um projeto pelos estagiários nas salas onde realizavam estágios. Dentre os relatos, as alunas também apresentaram as dificuldades encontradas pelos alunos para a realização do estágio e desenvolvimento dos projetos, relatos esses que envolviam desde a recepção na escola. Como aluna regular, acompanhei um grupo de seis alunas do 6º semestre do curso de Pedagogia, e as dificuldades se repetem.

Zeichner (1998) nos remete à reflexão da distância existente entre professor escolar e professor acadêmico, em uma relação de ignorância no que se produziu, produz e irá produzir. Reportando para a formação inicial hoje, é perceptível a distância existente entre academia e instituição. Neste contexto, aproximando a vivência de pesquisadores, professores e acadêmicos em sua formação inicial, observa-se uma relação desconfortável, em que nenhum dos indivíduos sente-se seguro em construir uma relação de confiança na qual seja possível a troca de conhecimentos entre professores em exercício da prática e estudantes de pedagogia em sua formação inicial.

Passaram-se 21 anos, mas as dificuldades permanecem. A sala de aula é um local produtor de muitas vozes, espaço para a interação entre os pares que nela se constituem e se fazem.

No contexto da pandemia, essas dificuldades tornaram-se maiores, mas também possibilitaram novas descobertas.

Juntamente com a professora Daniela nessa busca de escolas para a realização de estágio de forma remota, conheci Ana Flávia, que me convidou para participar de um grupo de trabalho constituído por professores da rede de Campinas. Entre uma conversa e outra no grupo de WhatsApp, meio pelo qual acompanhava o estágio de uma das alunas, aceitei participar do grupo e, então, conheci Freinet. Engajado nas questões políticas e sociais, Freinet sempre teve a consciência do papel que a escola exerce na reprodução social. Fundamentou sua pedagogia e elaborou seus instrumentos de trabalho sempre enfatizando o caráter libertário da educação.

Das reflexões, discussões e livre expressão tão presente em nosso GT (Grupo de Trabalho), atendendo a todos e a cada um: A pedagogia Freinet no ensino fundamental, onde a troca de experiências se fundamenta na pedagogia deste teórico, sentimos a necessidade de fazer ecoar nossas vozes, assim como a ideia de Freinet de fazer circular suas palavras, afetando outros professores, resolvemos compartilhar as palavras dele e também de outros docentes e de tantos outros que acreditam numa educação de qualidade, lançamos a página

“com\_a\_palavra” no Instagram, com a premissa: Palavra do simples professor primário que inspira nosso fazer: Celestin Freinet, Palavra dos professores que fazem uma escola outra todos os dias!

Figura 10: Descrição da página com a palavra na rede social Instagram



FONTE: [https://www.instagram.com/com\\_a\\_palavra\\_\\_/](https://www.instagram.com/com_a_palavra__/), acesso 15 ago 2021<sup>22</sup>

De Freinet, o convite para compor o Círculo de estudos da perspectiva discursiva na alfabetização, o ALFA DISC, que tem como um de seus objetivos a contribuição para a difusão da perspectiva discursiva para a alfabetização no Brasil, a partir da interação e interlocução entre professores-pesquisadores, viabilizando o aprofundamento teórico e conceitual na perspectiva discursiva da alfabetização em diálogo com outras perspectivas teóricas, compartilhando as experiências vividas, produzindo e registrando conhecimentos com os professores alfabetizadores. O ALFA DISC surgiu de um grupo menor, RODA, e é dele que iniciam as discussões a serem trabalhadas no grande grupo e tem me possibilitado resgatar memórias e lembranças da minha prática enquanto professora alfabetizadora e refletir sobre ela.

<sup>22</sup> Descrição da página com a palavra na rede social @Instagram. Link de acesso [https://www.instagram.com/com\\_a\\_palavra\\_\\_/](https://www.instagram.com/com_a_palavra__/), acesso 15 ago 2021

Figura 11: Página de apresentação da RODA ao ALFA DISC



FONTE: arquivo do grupo de pesquisa

Estar na RODA me fez refletir acerca das diferentes situações de sala de aula por mim experienciadas e sobre a importância de se dar voz e vez às crianças, conforme relatado por mim no quadro abaixo:<sup>23</sup>

### **Agrupamento não produtivo**

“No ano de 2009, assumi uma sala de 2º ano em uma escola de periferia de uma cidade do interior de SP.

Composta por 28 alunos com 6 anos de idade ou a completar 7 anos, pois com a obrigatoriedade da matrícula a partir de 6 anos de idade no ensino fundamental,<sup>24</sup> houve uma reestruturação dos municípios para atender a demanda. Foi possível perceber a heterogeneidade desta sala, após a realização da avaliação diagnóstica da escrita, que levou aproximadamente 15 dias para ser finalizada.

Após a avaliação, preenchi a ficha de avaliação, popularmente conhecida pelos professores como mapa diagnóstico, e a partir das informações, direcionei meu trabalho para o processo de alfabetização considerando as expectativas de aprendizagem para o ano e o processo de aprendizagem das crianças. Buscando sempre atender as especificidades de cada aluno, embora as questões burocráticas, por vezes sobressaíssem a esse desejo.

Dentre as situações didáticas, havia a proposta com a reescrita de um conto de fadas, mas conhecido como Projeto Contos de Fadas.

Me recordo que em uma das situações de leitura deleite, apresentei às crianças a obra original de O Patinho Feio, de Hans Cristian Andersen. Por ser um pouco longa, a leitura foi realizada em três dias distintos. Muitos comentários e comparações sobre a história lida e a história que eles conheciam, os recontos de memória. Mas uma criança em especial me

<sup>23</sup> Uma primeira versão deste texto foi utilizada no CONEDU 2020 - Congresso Nacional de Educação.

<sup>24</sup> Com o ensino fundamental de nove anos, passou a ser obrigatória a matrícula no primeiro ano, a partir dos 6 anos de idade, de acordo com a lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006.

chamou a atenção, Lucas [2], solicitando que levasse outras histórias como aquela.

A leitura deleite fazia parte da nossa rotina com alguns gêneros estabelecidos para o ano, me recordo que disse a Lucas que sempre que possível estaria realizando leituras como aquelas, pois após receber a devolutiva do semanário, havia uma observação de que os contos eram longos demais para leituras deleite, e seria melhor dar prioridade a esse trabalho no desenvolvimento do projeto.

Apesar dos contos para os projetos serem definidos, entendi que seria a oportunidade de apresentar outros contos para os alunos, pois assim como Lucas, os demais também haviam demonstrado interesse pelas histórias, e os contos trabalhados foram definidos pelos alunos da sala por um processo de seleção.

Uma das fases do projeto era composta por reconto e reescrita, que eram realizadas em duplas através de agrupamentos produtivos. (Esses agrupamentos eram organizados de acordo com a hipótese de escrita das crianças).

Em todas as atividades de reconto, Lucas participava ativamente da roda, contribuindo com todo seu conhecimento sobre os contos de fadas. Vim a saber depois que ele tinha muitos livros de gênero e que sempre ouvia essas histórias creche (a mãe de Lucas trabalhava na creche onde ele realizou a educação infantil, que era anexa ao prédio onde ele estava no segundo ano). Ele ainda era bastante inseguro em relação a essa separação dele com a mãe.

Fomos então para o processo de reescrita. Em uma experiência, a dupla de Lucas foi Samira. Lucas estava na escrita silábica sem valor sonoro e Samira alfabética, já produtora de texto. Lucas detalhista, buscava alguém que colocasse no papel aquilo que ele queria relatar sobre os contos, e Samira, bastante objetiva, não se prendia aos detalhes que Lucas trazia das histórias.

Com alguns estranhamentos iniciais, percebi aos poucos que eles se completavam e mesmo com todas as orientações sobre agrupamentos produtivos, continuei insistindo nesse trabalho, permitindo que assim, as crianças trocassem entre seus pares aquilo que eles sabiam além da escrita. Era gratificante ouvi-lo dizer, olha a história que eu fiz com a Samira hoje! Havia disposição, interesse e empatia entre eles.

Pude perceber que essa experiência entre Lucas e Samira trouxe resultados significativos. Lucas finalizou o ano “recém Alfabético”, de acordo com o mapa diagnóstico e em 2012, foi contemplado com a premiação em um concurso da associação de escritores da cidade, em que teve sua produção publicada em um livro.”<sup>25</sup>

Quadro 1: Relato de experiência

No contexto da formação de professores, esse relato pode ser visto como a possibilidade de aproximar os diferentes, oferecendo possibilidades para que o que já é conhecido possa ser observado por outro ângulo, entendendo que o professor é um profissional que está todo o tempo em desenvolvimento, uma vez que a ação docente, embora orientada por crenças individuais, se complementa na parceria com o outro, conforme poderemos observar mais adiante, na situação de estágio protagonizada por Rubi, que teve a possibilidade de vivenciar em seu estágio, um trabalho colaborativo e compartilhado na experiência da sala de aula.

<sup>25</sup> Os nomes dos participantes mencionados neste texto são fictícios a fim de preservar suas identidades.



### 3. O CAMINHO DAS PEDRAS

#### O processo de lapidar-se pela experiência: o estágio em questão

**O distraído nela tropeçou.  
O bruto a usou como projétil.  
O empreendedor, usando-a, construiu.  
O camponês, cansado da vida, dela fez assento.  
Para os meninos, foi brinquedo.  
Drummond a poetizou.  
Com ela, Davi matou Golias.  
E o artista concebeu a mais bela escultura...  
E em todos esses casos, a diferença não estava na pedra, mas no homem!<sup>26</sup>  
Antonio Pereira - Apon**

Neste capítulo, apresento um pouco da legislação sobre o estágio e as dificuldades da sua realização no contexto da pandemia, considerando que, para a formação docente, o estágio supervisionado é uma exigência da LDB, com carga horária definida e é obrigatório nas licenciaturas, como um instrumento importante para o conhecimento da prática docente. Este proporciona que os estudantes desempenhem uma função passiva, como meros expectadores da prática pedagógica desenvolvida em sala, quando, na verdade, o papel do estágio deve ser propiciar ao aluno o contato com as vivências e situações didáticas que venham a contribuir com a sua formação profissional.

De acordo com a legislação do estágio de nº 11.788/2008, este visa preparar o educando para o trabalho produtivo, por isso, seu desenvolvimento acontece no ambiente de trabalho. Já a resolução CNE/CP nº1 de 15 de maio de 2006<sup>27</sup>, diz que, para a formação do licenciado em pedagogia, é central:

- I - O conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;
- II - A pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de interesse da área educacional;
- III - A participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino.

---

<sup>26</sup> Poesia retirada da página O Pensador, disponível em <https://www.pensador.com/frase/MjAwMjk/>. Acesso em 01 set 2021

<sup>27</sup> disponível em [www.normativasconselhos.mec.gov.br/normativa](http://www.normativasconselhos.mec.gov.br/normativa). Acesso em 24 out 2021

No Brasil, o decreto de nº4073/42 de 30 de janeiro de 1942, foi o primeiro a estabelecer as bases de organização e de regime de ensino, que tinha como premissa atender às demandas de mão de obra, conforme seu artigo primeiro, alterado pela redação do decreto lei 8.680 de 1942:

**Art. 1º** Esta lei estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial, que é o ramo de ensino, de segundo grau, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais, e ainda dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca. (Redação dada pelo Decreto-Lei nº 8.680, de 1942).<sup>28</sup>

O estágio escolar foi instituído para universidades e escolas técnicas no ano de 1967, com o objetivo de desenvolver uma relação entre empresa e escola e, em 1970, com o decreto 66.546, foram criados estágios práticos em nível superior para as diferentes áreas como a engenharia, a tecnologia, a economia e a administração. As áreas da saúde e educação não estavam contempladas neste decreto.

Em dezembro de 1982, pelo decreto 87.497, foi instituída a lei 6.494 de 7 de dezembro de 1977, específica para as tratativas referentes ao estágio. Essas e outras mudanças deram ao estagiário a oportunidade de experimentar a prática profissional durante o processo de formação.

São muitas as intervenções e complexidades que estão ligadas à formação de professores, principalmente no que diz respeito à prática de estágio, muitas vezes não realizado e que nem sempre possibilita a reflexão sobre uma prática transformadora que oportunize a reconstrução de teorias que venham a contribuir com o trabalho desenvolvido pelo professor.

A defasagem existente entre teoria e prática pouco vem a contribuir com a formação dos professores em formação inicial, tendo em vista a distância que há entre esta e o dia-a-dia da rotina escolar, onde o espaço para que o estágio seja realizado e o período em que este é realizado limita-se a transferir conteúdos e à observação de uma prática pedagógica que, muitas vezes, contradiz a teoria, o que vem a mostrar quão necessária é a construção coletiva da teoria, estabelecendo uma relação dialógica com a prática. Diante desse contexto, observa-se também a necessidade de criar um vínculo entre as disciplinas dos cursos de

---

<sup>28</sup> Disponível em <https://www2.camara.leg.br/>, acesso 08 mar 2022.

professores em formação inicial, que venha a possibilitar que haja a compreensão do ensino em suas dimensões histórico-sociais e políticas.

Essa lacuna que se observa na universidade contribui para que o professor em formação inicial entenda o estágio como uma prática desnecessária, levando a prática do estágio de modo ilusório. Em algumas instituições escolares, mesmo concedendo a prática do estágio, existe certa resistência em receber o estagiário, pois, muitas vezes, ele acaba percebendo e/ou passando situações presentes na rotina da escola que podem ser partilhadas para além dos muros da escola. Há também experiências em que o estagiário é visto apenas como mais um para auxiliar no controle das crianças e outras em que este simplesmente recebe o semanário do professor, repassa para a ficha e o professor assina.

Para alguns autores, como Fazenda (2012), é preciso estender um diálogo entre universidade e escola, pensando o estágio como um projeto coletivo de formação do educador e, como ponto inicial, é preciso que o estágio deixe de ser compreendido como uma tarefa meramente burocrática, desvalorizada nas escolas onde os professores em formação inicial buscam estagiar, entendendo o professor como um mero transmissor de conhecimento, reduzindo sua formação à aquisição de conteúdos selecionados pelo sistema. O estágio precisa ser entendido como uma função prática, profissional, de partilha e de possibilidades de mudanças, criando condições para que professores em formação continuada e inicial percebam a sua importância enquanto educadores, fazendo de sua prática um processo contínuo de investigação.

Na experiência do estágio, a expectativa é de que tudo aconteça de maneira muito positiva, por isso a importância de ser algo construído entre todos os envolvidos: professor em formação inicial, professor em formação continuada, professor supervisor do estágio, instituição de ensino onde será realizado o estágio e universidade.

A problemática do estágio tem em seu entorno as dificuldades para a sua realização e as condições efetivas para que ele seja desenvolvido, considerando carga horária de professores e alunas e a compreensão sobre a sua real função.

Nesse contexto, o estágio supervisionado precisa ser entendido como espaço que oportuniza a reflexão e vem a contribuir para a construção da identidade do professor iniciante, considerando que a formação docente não se faz apenas na compreensão das teorias, mas também na prática, que se nutre da teoria, no conjunto ação-reflexão-intervenção, realizado além da observação e elaboração de relatórios.

Pimenta e Lima (2012) entendem que a realização do estágio precisa ser vista como uma atividade de aproximação entre prática e teoria estudadas na formação, possibilitando uma reflexão sobre o contexto das escolas públicas nos anos iniciais, percebendo o estágio como a junção da prática e também da teoria.

[...] o estágio curricular é entendido como uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis”. Sendo o estágio, o elo possível entre teoria e prática, a oportunidade de enriquecimento da prática, visto que a profissão docente é um constante construir de saberes (Pimenta e Lima, 2012, p.45).

Junges e Peloso (2014) acreditam que o estágio supervisionado deve ser entendido como uma oportunidade ímpar de se apropriar das situações da rotina e cotidiano escolar, sendo um espaço significativo de apreensão de saberes próprios da docência. A prática do estágio deve, portanto, propiciar atividades significativas, oferecendo aos estudantes vivências que contribuam principalmente com sua formação enquanto profissional da educação, permitindo a reflexão sobre o contexto ao qual será inserido de modo real, sendo uma oportunidade para que o futuro profissional inicie sua reflexão sobre teoria e prática.

Tardif e Lessard (2005) observam o estágio como uma experiência única e importante, possibilitando a inserção do estudante no mundo profissional, permitindo que percebam que

[...] viver uma situação profissional como um revés ou um sucesso não é apenas uma experiência pessoal. Trata-se também de uma experiência social, na medida em que o revés e o sucesso de uma ação são igualmente categorias sociais através das quais um grupo define uma ordem de valores e méritos atribuídos à ação (TARDIF, LESSARD, 2005, p.53).

Nesse sentido, algumas questões emergem: na formação inicial, qual o papel do estágio? Qual o papel do professor supervisor e do estagiário? Qual a relação existente entre os envolvidos nesse processo, de modo a oportunizar a contribuição de um para com o outro? Para Pinto e Fontana (2011, p. 145),

na multiplicidade de elaborações e de sentidos produzidos nas vivências dos educadores em formação com as pessoas da escola, temos buscado indícios dos processos de encontro e de confronto que se desencadeiam entre eles, entendendo, também, que este encontro/confronto nos fala das relações que se estabelecem (explicitamente ou não) entre o trabalho educativo que

estamos desenvolvendo na universidade e o trabalho educativo que está sendo produzido nas escolas de ensino fundamental.

Deste modo, para que o estágio seja realizado de forma efetiva, é importante analisar o contexto cultural e social em que ocorre, visto que a construção do conhecimento se dá de maneira coletiva.

Para Vygotsky (1989), a colaboração entre pares contribui com o desenvolvimento de estratégias para a resolução de problemas por meio da interação e da comunicação, sendo a linguagem fundamental para comunicar ideias e pensamentos. É por meio do estágio supervisionado que o acadêmico inicia sua inserção na rotina diária da profissão docente, sendo a ele oportunizado investigar e refletir sobre essa experiência, ofertando uma política de formação que valorize os professores como seres em constante desenvolvimento, sendo assim necessário compreender esse desenvolvimento profissional também como processo da formação inicial e atuação docente.

O papel de observador oferece ao estagiário um posicionamento que se direciona para uma avaliação crítica e negativa acerca do papel desempenhado pelo professor que está em exercício da atividade docente. Já desenvolver um projeto de atuação propicia ao estagiário uma sensação de pertencimento. Conforme Varani e Oliveira (p. 13-17, 2016):

Uma proposta de estágio que venha eliminar pensamentos que buscam mostrar que o que se aprende na universidade é diferente das vivências do cotidiano escolar, onde estudantes e professores se conversam e refletem sobre o contexto em que estão inseridos e que possibilite desenvolver uma visão positiva da própria prática, refletindo sobre suas crenças e princípios, oportunizando que este venha a ser não apenas um reprodutor de práticas pedagógicas, mas também um construtor de conhecimentos.

A distância existente entre universidade e escola, entre professor da escola e professor da universidade é uma questão abordada por Zeichner (1998). Para o autor, há uma relação de ignorância entre os saberes produzidos por ambos. Para ele (apud EVANS et al., 1987), na maioria das vezes, tanto os professores ignoram os pesquisadores como os pesquisadores ignoram os professores. E, mesmo com as inúmeras discussões realizadas na academia sobre o estágio, ainda se observa uma relação de desconforto entre os diferentes atores que participam desse processo: estudantes de pedagogia, supervisor acadêmico, supervisor de campo e gestão escolar.

Para Zeichner (1998), estas situações muitas vezes surgem acompanhadas da desculpa a respeito da receptividade do corpo docente das unidades escolares. Pinto e Fontana (2011, p. 145) nos apresentam a situação de que

os encontros/confrontos entre professores em formação e em atuação são percebidos e reconhecidos como algo familiar e até esperado por aqueles/as que deles participam, já que fazem parte da "rotina" do processo de formação. Porém, não são compreendidos em termos da lógica das relações que os sustentam e movem. Sujeitos que se entrelaçam entre si fazendo escola e se fazendo nela.

Desta forma, há a necessidade de se estabelecer uma relação colaborativa entre professor supervisor e estagiário, para que ambos sintam-se estimulados a, juntos, buscarem soluções que contribuam para o cotidiano escolar, possibilitando uma ligação que contribua para o processo formativo e oportuniza refletir sobre a prática pedagógica, nas instituições escolares e nas práticas dos professores.

Para Carvalho (1985), para que o estágio aconteça de forma eficaz, é preciso que o estagiário tenha a oportunidade de também vivenciar os conflitos que cercam o contexto escolar em sua rotina diária. É a possibilidade de colocar em jogo suas crenças, valores, princípios, e não um simples treinamento de como ser professor. Para Pinto e Fontana (2011 p. 143),

os estagiários não são alunos da escola onde estagiam, nem tampouco professores, diretores ou funcionários dessa escola, nem alguém ligado à família dos alunos que ali estudam. Eles não têm um lugar assegurado nas relações. Estão "de passagem" pela escola. Entre o pertencimento genérico e o não-lugar particularizado, como inserir-nos na malha de relações sociais ao mesmo tempo familiares e não familiares de cada escola?

Visto que o estágio supervisionado é o espaço de formação do futuro professor, é preciso compreender que sua realização está além da função burocrática, e entender que o estágio exerce também o papel de aproximar os protagonistas envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e o contexto no qual está inserido.

Zabalza, citado por Pimenta (2014, p. 29) considera que:

[...] o estágio constitui um cenário formativo no qual se entrecruzam muitos dos elementos e desafios a serem enfrentados pelo Ensino Superior [...] de qualidade de ensino. Os desafios são (...) grandes e para fundamentá-los (...) é preciso dotar o estágio de um discurso

teórico que acabe aglutinando seu papel nas exigências formativas que a sociedade moderna propõe a seus jovens por meio da universidade.

Ainda segundo a autora, é através do estágio que o estudante poderá desenvolver e direcionar o seu olhar para a prática pedagógica e o contexto escolar em que está inserida a instituição.

Parte das dificuldades do processo de realização do estágio, que será apresentado posteriormente, por meio dos relatos versados pelas estudantes de pedagogia, pode estar relacionada às questões que abrangem desde a distância entre universidade e escola, o papel a ser desenvolvido por cada um dos personagens envolvidos e suas contribuições para a formação inicial dos estudantes de pedagogia e a realização do estágio supervisionado: estagiário, professor supervisor da escola e da universidade, gestor. Considerando tais papéis, nesta pesquisa vamos colocar em foco as situações que foram vivenciadas por estudantes de pedagogia, professores em formação inicial, na realização do estágio obrigatório em tempos de pandemia.

## 4. A PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

### A construção da identidade docente em tempos de pandemia

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.

Drummond de Andrade<sup>29</sup>

Este é o capítulo em que apresento o caminho metodológico percorrido para elaborar essa dissertação, que teve como fontes narrativas o diário de campo da pesquisadora, os materiais produzidos pelas alunas participantes da pesquisa em sala de aula como o portfólio de curso, e as informações apresentadas pelos sujeitos narradores por meio das entrevistas narrativas.

Meu início neste caminhar se deu a partir da minha participação em uma roda de conversa, organizada pelas professoras responsáveis pela disciplina de Estágio, que ocorreu no início do semestre, em 2020. Foram convidados a participar desta roda professores e gestores de unidades escolares da rede pública, que estivessem dispostos a receber estagiários em suas escolas. Cada um dos presentes relatou um pouco de sua história profissional e fez um convite aos estudantes de pedagogia, para que realizassem estágio em suas escolas. Vários dos presentes tinham feito sua formação na mesma universidade, o que tornou a conversa muito rica e emocionante. Participei desta roda na condição de estudante de pós-graduação realizando estágio docente. Então, antes de convidar algum estudante para fazer estágio na minha sala, entendi como sensato, buscar autorização da direção da escola antes, mesmo

---

<sup>29</sup>Poesia *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, disponível em <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/807509/>. Acesso em 13 ago 2021

querendo sair dessa roda de conversa com a oportunidade de compartilhar um pouco do trabalho por mim desenvolvido.

Enquanto profissional da educação, por duas vezes recebi estagiários em sala de aula, ambas no ano de 2009. Na primeira situação, uma experiência bastante conturbada: como havia um aluno diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), um estudante de pedagogia ou psicologia contratado de forma remunerada era disponibilizado para auxiliar na sala de aula. Eu, como professora, entendia que a função desse auxiliar era colaborar com o trabalho desenvolvido em sala de aula, e a ajudante entendia que estava ali apenas para acompanhar o aluno. Como não chegamos a um denominador comum, ela optou por sair e a sala de aula ficou sem auxiliar.

Já a segunda experiência foi realizada com duas estudantes de psicologia, estágio obrigatório. Uma vez por semana, disponibilizava quarenta minutos da aula para a realização do projeto desenvolvido por elas e que estava relacionado a comportamento, o qual praticávamos diariamente na sala de aula e apresentava resultados bastante positivos, pois eram construídos junto com os alunos, por meio de combinados estabelecidos entre eles.

Após a roda de conversa, citada anteriormente, passei a ser estagiária na disciplina de Estágio Supervisionado e Projetos no Ensino Fundamental com esse grupo de estudantes que participou da referida roda. Estabelecemos um vínculo que não estava apenas entre os muros da universidade. Eu os auxiliava na busca por escolas para a realização de estágios, dava sugestões de leituras para o trabalho de conclusão de curso, auxílio para documentação de comitê de ética. Sentia-me como uma colaboradora da professora, não uma mestranda em estágio docente.

Foram quatro encontros presenciais e, de repente, o mundo estava tomado por uma pandemia que causava medo, insegurança e desespero. De acordo com Arthur Gruber (2021) professor do Departamento de Parasitologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP,

o coronavírus, da família *Coronaviridae*, causa uma variedade de doenças no homem e nos animais, especialmente no trato respiratório. As partículas virais são esféricas e projeções que emanam do envelope em forma de espículas, formadas por trimeros da proteína S (*spike protein*). No caso do Sars-CoV-2, causador da atual pandemia de covid-19, a proteína S reconhece através de seu domínio ligante do receptor (RBD) o receptor ACE2 (enzima conversora de angiotensina 2) da célula. Sete espécies podem infectar humanos, sendo que três podem produzir doenças graves, o Sars-CoV-2, o Sars-CoV, agente da pandemia de Sars (síndrome respiratória aguda grave) de 2002-2003 e o Mers-CoV, causador da Mers (síndrome respiratória do Oriente Médio). Os coronavírus HKU1, NL63, OC43 e 229E estão

associados a doenças com sintomatologia leve.<sup>30</sup>

Em Itatiba, o período de quarentena se deu pelo decreto nº 7.356 de 18 de março de 2020<sup>31</sup>, com medidas de prevenção e de enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional, decorrente do vetor Covid-19, com diversas determinações para diminuir o atendimento presencial, incluindo o fechamento das escolas, conforme artigo 7 do referido decreto:

Art. 7º – Ficam suspensas a partir de 23 de março de 2020, e, por tempo indeterminado as aulas nas escolas públicas municipais, sendo que os dias 23 a 27 de março substituirão a primeira.

Com a suspensão das aulas a partir de março de 2020, devido à pandemia da Covid-19, que transformou toda uma sociedade com novos hábitos de trabalho e educação com o isolamento e distanciamento social, as Instituições de Ensino Superior, através da portaria nº 544 de 16 de junho de 2020, receberam autonomia para a organização do calendário letivo, ampliando a oferta do ensino remoto até 31 de julho de 2020:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em cursos regularmente autorizados, por atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

§ 1º O período de autorização de que trata o caput se estende até 31 de dezembro de 2020.

§ 2º Será de responsabilidade das instituições a definição dos componentes curriculares que serão substituídos, a disponibilização de recursos aos alunos que permitam o acompanhamento das atividades letivas ofertadas, bem como a realização de avaliações durante o período da autorização de que trata o caput.

§ 3º No que se refere às práticas profissionais de estágios ou às práticas que exijam laboratórios especializados, a aplicação da substituição de que trata o caput deve obedecer às Diretrizes Nacionais Curriculares aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE, ficando vedada a substituição daqueles cursos que não estejam disciplinados pelo CNE.

---

<sup>30</sup> Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca>. Acesso em 06 jul 2021

<sup>31</sup> Disponível em <https://itatiba.sp.gov.br/decretos-2020> acesso em 06 jul 2021

§ 4º A aplicação da substituição de práticas profissionais ou de práticas que exijam laboratórios especializados, de que trata o § 3º, deve constar de planos de trabalhos específicos, aprovados, no âmbito institucional, pelos colegiados de cursos e apensados ao projeto pedagógico do curso.

§ 5º Especificamente para o curso de Medicina, fica autorizada a substituição de que trata o caput apenas às disciplinas teórico-cognitivas do primeiro ao quarto ano do curso e ao internato, conforme disciplinado pelo CNE.

§ 6º As instituições deverão comunicar ao Ministério da Educação - MEC a opção pela substituição de atividades letivas, mediante ofício, em até quinze dias após o início destas.

Art. 2º Alternativamente à autorização de que trata o art. 1º, as instituições de educação superior poderão suspender as atividades acadêmicas presenciais pelo mesmo prazo.

§ 1º As atividades acadêmicas suspensas deverão ser integralmente repostas, para fins de cumprimento da carga horária dos cursos, conforme estabelecido na legislação em vigor.

§ 2º As instituições poderão, ainda, alterar o calendário de férias, desde que cumpram a carga horária dos cursos, consoante estabelecido na legislação em vigor.

Art. 3º Ficam revogadas:

I - a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020;

II - a Portaria MEC nº 345, de 19 de março de 2020; e

III - a Portaria MEC nº 473, de 12 de maio de 2020.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.<sup>32</sup>

Acredito que todos nós nos preparamos para uma semana de pandemia, o que foi uma surpresa que ocasionou uma grande preocupação referente ao ano letivo.

A instituição de ensino superior possibilitou aos estudantes do curso de pedagogia, desenvolver também o estágio de forma remota. Diante dessa nova situação, os estudantes passaram a se organizar para a conclusão das horas de estágio, mesmo tendo a opção de realizá-las futuramente.

Para esses estudantes em formação inicial, nascia uma nova possibilidade de experiência e aprendizado. Diante do contexto atual, as atividades avaliativas e de horas de

---

<sup>32</sup> Informações retiradas da Portaria-mec-544-2020-06-16 disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>; outras informações também disponíveis em: Governo do Estado de São Paulo, região de Adamantina (<https://deadamantina.educacao.sp.gov.br>), Conselho Nacional de Secretários de Saúde, disponível em <https://www.conass.org.br/coronavirus/>, ABMS - Associação Brasileira de Mantenedora de ensino Superior disponível em <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3017/portaria-mec-n-343-2020>.

estágio passaram por adequações a fim de possibilitar melhor organização tanto por parte dos docentes quanto por parte dos alunos.

Vale ressaltar que todos os contatos entre alunos, escolas e docentes foram realizados via telefone, e-mail ou rede sociais, uma vez que os estudantes, enquanto estagiários, não possuíam autorização para estar nas unidades escolares presencialmente.

Aos poucos as escolas foram se reorganizando para atender a demanda. Algumas escolas se organizaram com aulas online, outras com atividades domiciliares produzidas pela secretaria de educação, grupos de pais e alunos no WhatsApp. A dificuldade para a realização do estágio permaneceu. Ao lado dos professores da universidade, participei da busca ativa por escolas que aceitassem receber esses alunos de forma remota. Diante da dificuldade, a universidade encaminhou uma carta à Secretaria de Educação do Município. O manifesto foi compartilhado com os gestores das escolas por meio de documento semanal, denominado circular, sem muito sucesso, mesmo com a devida autorização, que já havia também sido regulamentada através de parecer do Ministério da Educação.

Figura 12: Carta enviada à equipe gestora das escolas municipais sobre replanejamento do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental

**Assunto: Replanejamento do ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Itatiba, 16 de Junho de 2020**

À Equipe Gestora,

Com os devidos cumprimentos, vimos apresentar parte do replanejamento das atividades de estágio do curso de Pedagogia da USF para ciência da validade legal e seus encaminhamentos.

Atendendo às orientações da USF no sentido de viabilizar a possibilidade de desenvolver as práticas de estágio de modo remoto e em acordo com o Parecer CNE 5/2020, reorganizamos as atividades do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental. No referido parecer, temos entre outros a seguinte afirmação:

*No caso do curso normal médio/magistério, as práticas didáticas vão ao encontro de um amplo processo de oferta de aprendizado não presencial à educação básica, principalmente aos anos finais do ensino fundamental e médio. Produz, assim, sentido que estágios vinculados às práticas na escola, em sala de aula, possam ser realizados de forma igualmente virtual ou não presencial.*

Enviamos este documento, para que vocês possam tomar ciência do que que está sendo organizado na instituição e pedimos a colaboração de vocês no sentido de acolher nossos estudantes neste momento de aulas remotas.

Na reorganização que foi feita, os alunos terão que cumprir 60 horas de estágio na unidade escolar. Com a suspensão das aulas, a orientação da Universidade é que as atividades de estágio presenciais também fiquem suspensas. No entanto, acreditamos na possibilidade de realizar o estágio de forma remota, acompanhando as atividades realizadas pela escola, buscando tanto compreender como a educação está se organizando em tempos de pandemia, bem como contribuindo com os professores no desenvolvimento de atividades remotas.

Pensamos que nossos alunos podem desenvolver atividades tais como:

- apoiar as professoras no planejamento de atividades usando recursos tecnológicos
- produzir materiais a serem disponibilizados pelos alunos (contação de histórias, explicação de conceitos, atividades lúdicas relacionadas aos conceitos que estão sendo estudados, etc.)
- acompanhar, remotamente, as atividades desenvolvidas pela escola
- participar de reuniões de HTPC ou outras que estejam acontecendo on-line
- participar dos encontros de formação e/ou lives que a prefeitura tem oferecido
- auxiliar os professores na correção das atividades que os alunos estão fazendo em casa (do banco que a prefeitura tem disponibilizado aos alunos)
- realizar "entrevistas" (aplicar questionário por e-mail) com pessoas da equipe gestora e professores.
- outras atividades que a escola julgue oportunas para que os estagiários realizem remotamente.

Esclarecemos que entramos em contato com o Secretário de Educação para solicitar o que aqui registramos. No caso da aceitação da realização do estágio de modo remoto, solicitamos que a direção assine digitalmente o termo de compromisso da Universidade, bem como a ficha de registro ao final do estágio. Tais documentos serão encaminhados pelos alunos. Além disso, informamos que os alunos estão realizando algumas atividades de forma remota, que serão validadas como horas de estágio, entre elas está um trabalho sobre a Escola e Estágios em tempos de pandemia. Para este trabalho os alunos estão sendo convidados a compreender as normativas da cidade em relação ao funcionamento das escolas, bem como dialogar com professores e equipe da escola acerca do desenvolvimento das atividades nesse período. Se possível, gostaríamos de contar com a colaboração de vocês também neste sentido.

Agradecemos a atenção e nos colocamos a disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

FONTE: Acervo da disciplina Estágio Supervisionado e Projetos no Ensino Fundamental

O processo da pesquisa se deu acompanhado pelos encontros gravados da disciplina de Estágio Supervisionado, pelos registros no diário de campo dos relatos das alunas e pelas entrevistas narrativas.

Para Bolívar (2002), o emprego das narrativas é uma forma de construção de conhecimento tendo como foco específico a investigação com a contribuição fundamental de representar um conjunto relevante de dimensões da experiência humana, que incluem sentimentos, intencionalidade, desejos, singularidade.

Estar semanalmente participando das aulas foi me deixando mais próxima do tema a ser trabalhado na dissertação, pois como versado anteriormente, meu projeto estava voltado para a importância do coletivo nas escolas. Confesso que, mesmo tendo aceitado a proposta da minha orientadora, eu estava saindo da minha zona de conforto. Internamente estava em conflito e consegui perceber isso nas dificuldades encontradas ao encaminhar o projeto para o comitê de ética. Era uma luta interna entre o conhecimento que eu queria desenvolver e o conhecimento que eu poderia desenvolver. Todo esse processo me fez compreender realmente o que é estar em um curso de pós-graduação *stricto sensu*. Falar sobre as condições de realização do estágio supervisionado, existe algo que precisa ser construído: o coletivo; e este precisa ser entre professores em formação e professores em formação inicial, professores supervisores da disciplina, gestores, instituições de ensino, neste caso, universidade e escola, secretaria de educação.

Como nos apresenta Clot (2006),

No mundo do trabalho atual há uma gestão individualizante, mas há uma necessidade muito, muito forte do coletivo. E o coletivo não é simplesmente um valor que deveria ser defendido contra a corrente de uma sociedade que vai contra o coletivo. Eu creio que a questão do coletivo merece ser aprofundada como uma tendência do lado do real do trabalho. Isso quer dizer que o coletivo não é qualquer coisa que deve ser defendido, mas algo que deve ser reencontrado (CLOT, 2006, p.103).

Diante das dificuldades da pandemia, nosso vínculo se estreitou muito mais e, após a aprovação do projeto pelo comitê de ética e com cronograma estabelecido, fiz a apresentação ao grupo do meu projeto de pesquisa.

Dos vinte e dois professores em formação inicial, cinco aceitaram participar da pesquisa e destes, apenas quatro participaram da entrevista narrativa. Para essa entrevista, realizada de maneira individual e remota, produzi um roteiro de entrevista que pudesse me orientar ao desenrolar da conversa.

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Olá, pessoal!

Diante do contexto em que estamos inseridos neste momento (PANDEMIA – COVID-19), e considerando o laço criado entre nós nesse pequeno período em que estivemos juntos, tomo a liberdade de encaminhar a vocês um pequeno roteiro que os levem a refletir e registrar sobre algumas situações de estágio já vivenciadas, para que futuramente possamos vir, de forma online, conversar e refletir sobre as impressões e como essa experiência contribuiu ou não para a sua formação, profissional e pessoal.

Abraços,  
Suelen

Nome (pode ser fictício): \_\_\_\_\_

Nascimento: \_\_\_\_\_

Fone/WhatsApp: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Local de Trabalho: \_\_\_\_\_

Função/cargo: \_\_\_\_\_

Quais os motivos que a levaram a escolher a profissão docente? Tem algum segmento de preferência para a atuação?

Como você analisa a forma como o estágio extra-curricular é desenvolvido até o momento e de que forma ele vem a contribuir para a sua futura docência?

Você já vivenciou a experiência do estágio? Em qual segmento? Escola pública ou particular? Quais aprendizados ele te trouxe?

Na prática do estágio, quais suas expectativas em relação às experiências vivenciadas? Elas te deixam marcas positivas e /ou negativas?

Qual sua observação entre os estudos realizados e a prática pedagógica observada nas escolas?

Hoje a pedagogia não é tão procurada por estudantes e nem tão aplaudida pela sociedade como um todo. Como você observa essa questão?

Qual a sua visão da relação entre universidade e escola e qual a interferência que esta causa na relação professor e estudante de pedagogia?

Como você analisa a realização do estágio neste momento de pandemia? Quais contribuições foram oportunizadas ao seu conhecimento e aprendizado?

Quadro 2: Roteiro de entrevista

A primeira pergunta tinha como base a escolha da profissão docente: Quais os motivos que a levaram a escolher a profissão docente? Tem algum segmento de preferência para a atuação? E foi exatamente essa pergunta que me fez refletir sobre a identidade de cada uma das participantes, suas histórias de vida, experiências profissionais, que por vezes se entrelaçavam com a minha.

A narrativa permite a compreensão da complexidade das histórias que são contadas pelos sujeitos a respeito dos seus conflitos e dilemas. Para Bolívar (1999), a narrativa é a experiência entendida e vista como uma história, em educação, é uma maneira de apreciação do trabalho desenvolvido por professores e pesquisadores.

Quando narramos uma história, compartilhamos uma experiência de vida e não um relato de acontecimentos, percebendo-o como uma oportunidade de reflexão entre a vida individual, social e cultural dos sujeitos. Como nos apresenta Ana Regina Lanner de Moura em seu memorial *Fazendo-me professora*.<sup>33</sup>

Este relato mantém a estrutura central do memorial que apresentei por ocasião do meu exame de qualificação de doutorado. Com sua publicação tenho como objetivo refletir com o leitor sobre momentos determinantes de minha trajetória de formação como professora. As lembranças e reflexões reconstróem esse caminho desde os primeiros anos de escola até o momento da qualificação. Trata-se de alguns fatos que contribuíram para definir o meu perfil de professora e que, sem dúvida, têm suas raízes na minha história de vida, mas não a ilustram na sua complexidade. Sigo a trilha das superações deixando emergir as pontas dos avanços, sem me adentrar nos insucessos e erros vividos e nos sofrimentos que lhes são próprios, ao tentar superar as contradições que caracterizam os momentos de decisões. (MOURA, 1998, p. 24)

Acompanhando as situações vivenciadas por essas alunas, por meio das suas histórias narradas, foi perceptível a riqueza com que vamos nos construindo pelas interações estabelecidas principalmente pelo diálogo, pelo conviver, simpatizar, trazendo significação a vida humana.

Conforme nos apresenta Ferrarotti (2010), a comunidade acadêmica não compreende a biografia como um dado, buscando analisá-las dentro de um quadro teórico para a conquista

---

<sup>33</sup> Fazendo-me professora!, memorial apresentado pela autora em seu exame de qualificação de doutorado.

de dados objetivos, quando, na verdade, a biografia é repleta de subjetividade, constituída por meio das relações sociais dentro do contexto histórico vivido.

Durante a narrativa da história de vida do sujeito, podemos perceber as suas relações entendendo-os como protagonistas de um processo de mudança por meio da valorização das suas produções escritas, mesmo ela sendo construída de modo individual.

A narrativa é uma construção da realidade que prioriza a relação comunitária, tendo a subjetividade como uma relação social, sendo então a forma primária pela qual o significado é dado à experiência humana, permitindo que o sujeito ao compartilhar sua história, seja um coinvestigador da sua prática. O conhecimento narrativo busca entender as intenções humanas. Neste raciocínio, o que importa são os mundos vividos pelos entrevistados, seus significados e argumentações.

Ao analisar uma narrativa, permite-se ao pesquisador responder aos acontecimentos narrados, sem alterar a voz de quem a narra, tendo como objetivo apresentar a compreensão de um caso individual e sua complexidade.

Neste contexto, concordo com Benjamin (1994) quando nos remete à importância da reflexão a respeito da história. Não apenas narrar uma história, mas construí-la valorizando as relações entre as diferentes gerações, considerando suas experiências passadas, entendendo como experiência a constituição de visões que façam sentido para mim na relação com o outro, mais especificamente através do ato de narrar, compreendendo que a experiência passada de pessoa para pessoa são as que mais se aproximam das histórias orais compartilhadas pelos diferentes narradores anônimos, valorizando o oral como patrimônio cultural, sabedoria e entendendo, assim, a propagação da informação como a responsável pela decadência da arte que é narrar.

Sá (2014), nos traz que pelas narrativas é possível promover a reflexão no processo de formação de professores e pesquisadores a compreensão daquilo que influencia a prática pedagógica em sala de aula, possibilitando aos professores em formação, refletir sobre as experiências e ações vividas no dia a dia, possibilitando assim refletir sobre a sua prática.

Em um mundo tão cheio de informações, a narrativa não tem como interesse transmitir um conhecimento, mas entrar na vida de quem a narra, trazendo os vestígios de quem a viveu ou de quem a narra. Contar a história possibilita ao sujeito dar forma ao que antes não tinha, refletindo sobre seu poder e o poder que o outro exerce em sua vida, construindo-se como um sujeito histórico, marcado pelas relações de cultura e poder. Quando se busca sua história e se

reflete sobre ela, o sujeito tem a possibilidade de compreender os processos de transformação pelos quais passamos, reconhecendo a experiência como parte da formação humana, permitindo que se reflita sobre si e formar-se com a história do outro, trazendo a ela um novo significado a partir da narrativa, pela mediação biográfica.

Um modo pessoal de incorporar a cultura coletivamente; quer dizer, que faça crescer, viver e se viver a partir de si e em seu trabalho de professor e na vida. É também para quando estejam com as crianças, fazê-los protagonistas de suas vidas e criadores de mundos próprios” (LÓPES CARRETERO, 2019, p. 926).

Acredito que é a partir do entrelaçamento de nossas histórias que temos a possibilidade de nos constituir enquanto seres inconclusos e, tristemente, na luta da rotina, por vezes, opta-se pelo caminho mais curto em que se faz o uso de um discurso dominante, impedindo-nos de utilizar a experiência como fonte de saber.

Para que se realize uma entrevista narrativa (Jovchelovitch e Bauer, 2005), há a necessidade de se constituir inicialmente uma relação de confiança, sendo necessário mostrar ao outro o quanto você está interessado em sua história e, ao compartilhá-la sem preparação prévia, entende-se que haverá efetiva aproximação com as situações vivenciadas. Foi exatamente assim que a conversa fluiu com duas das participantes. O vínculo e a confiança estabelecidos foram tão intensos que nossa conversa, realizada de forma remota, fluiu como se fosse entre duas amigas em um encontro de café da tarde. Houve emoção, risadas. Tive a oportunidade de ser professora da filha mais velha de Ametista, durante a educação infantil e depois pude reencontrá-la no ensino fundamental, na escola onde eu atuava como coordenadora pedagógica. O respeito e o carinho que ela tem por mim enquanto profissional fizeram a diferença na relação estabelecida nessa conversa que durou mais de duas horas. Teve choro, teve risada, teve sintonia. Que prazer saber que, hoje, Ametista já atua como professora da rede municipal na educação infantil. Profissional dedicada e comprometida que, mesmo tendo a educação como a realização de um sonho, entende a docência como uma profissão e não sacerdócio. E isso não a impede de realizar seu trabalho com amor e respeito.

Tive o prazer de conhecer Rubi na roda de conversa da universidade, mas parece que nossa relação vem de outros tempos. Convidei-a para ser estagiária na minha sala, o que não foi possível devido à incompatibilidade de horário. Mesmo assim, consegui levá-la para estagiar na escola em que lecionava, no período contrário, em uma sala de quinto ano. Com a pandemia, Rubi não conseguiu finalizar o estágio nessa escola, mas estagiou em uma escola

em outro município, onde pode trabalhar com a Pedagogia Freinet, com que tanto se identificava. Uma experiência que possibilitou que ela estabelecesse uma relação de parceria e partilha com a professora da sala que, por muitas vezes, permitia que ela também fosse protagonista da situação.

Esmeralda, mesmo se dispondo a participar da pesquisa, não participou da entrevista narrativa. Nossos encontros remotos foram por vezes adiados e, por respeito, optei por não insistir, mas foi possível acompanhar sua experiência de estágio por meio dos seus registros e das anotações do diário de campo da pesquisadora. Esmeralda realizou o estágio de forma remota na escola onde estudou.

Jade e Safira estiveram bastante disponíveis, mas participaram da entrevista de uma maneira mais sucinta e objetiva. Ainda assim, conseguiram contribuir de forma clara com o trabalho a ser desenvolvido. Jade tinha uma expectativa bastante positiva sobre como seria o estágio, já que seria feito na escola particular onde atuava como estagiária, mas ocorreu que, devido à pandemia, a experiência foi frustrante por diversos motivos por ela relatados. Os relatos apresentados por Jade nos encontros remotos mostravam uma educação tratada como comércio e mão de obra barata, o que nos levou a orientá-la na busca pela secretaria de educação para possível denúncia.

Safira foi a primeira a ter a oportunidade de realizar o estágio de forma remota em uma escola de outro município e, diferentemente de Rubi, seu olhar estava mais voltado para as ações que eram realizadas em relação aos professores. Como ainda estava no início do retorno presencial, a escola oferecia semanalmente rodas de conversa com diferentes profissionais, entre eles psicólogos, como forma de atender também às necessidades dos professores nessa experiência tão adversa para todos nós.

O objetivo das entrevistas foi refletir com os alunos sobre a realização do estágio em tempos de pandemia, trazendo também algumas discussões sobre a relação existente entre a universidade e a escola, visto que já tiveram a possibilidade de realizar estágio em outras ocasiões. A referida turma já tinha cursado o estágio supervisionado em educação infantil e vários alunos do grupo faziam o estágio não obrigatório, remunerado, em escolas da rede municipal ou trabalham como auxiliares de classe em escolas particulares.

A partir dos registros narrativos das alunas, dos registros do diário de campo e do acompanhamento das aulas, conforme versado anteriormente, apresento o movimento do estágio neste período de pandemia, analisando os encontros e desencontros vivenciados neste processo a partir do olhar de cada uma das participantes.

De acordo com André (1995), entre os sujeitos pesquisados nesse processo qualitativo é possível encontrar diferentes formas de interpretar a vida, e estas estão diretamente relacionadas às experiências e vivências de cada um, e é de extrema importância que haja a interação entre pesquisador e seu objeto de estudo, sendo o pesquisador o instrumento principal da coleta e análise de dados, com a possibilidade até mesmo de rever as questões que orientam a pesquisa durante o período de realização desta.

Assim, para compartilhar a experiência vivida por cada uma das participantes da pesquisa, inicio cada capítulo deste trabalho, utilizando a pedra como metáfora, para identificar minhas parceiras de profissão, todas preciosas, representando o valor que cada uma possui, não apenas para mim enquanto pesquisadora, ilustradas nas palavras que seguem:

...todos aqueles engajados na arte de educar, deveriam, ou ao menos poderiam, ter como meta incondicional a mudança. Mudança essa que vem acrescentar, criar, humanizar, melhorar, produzir com sucesso, aperfeiçoar, buscar, enriquecer (Larentes, 2013).

As pedras preciosas apresentam seu glamour pelo valor comercial que possuem, mas não podemos deixar de considerar sua beleza e propriedades diversificadas, como benefícios e significados. Para os joalheiros, o ponto de partida para o desenvolvimento de ornamentos elegantes, no período paleolítico, era utilizado como ferramenta de corte, em outras sabedorias, significado de cura, proteção e amor.

Em minhas reflexões, definir uma pedra para cada participante, seria como uma espécie de rótulo, um pré-conceito, e, assim, por um sorteio aleatório, apresento um pouco de cada uma das pedras que encontrei pelo caminho: Ametista, Rubi, Jade, Safira, Esmeralda.

A apresentação das alunas teve como base a entrevista narrativa e o memorial de formação escrito por elas. Todas são estudantes de pedagogia se sentem realizadas na escolha da profissão, mas cada uma com sua peculiaridade do modo de se relacionar com o outro à produção escrita; peculiaridades que podem ser observadas na apresentação de cada uma delas, em alguns momentos mais tímidas, em outros mais detalhista na escrita, ou com muitas histórias para compartilhar.

O processo de entrevista foi organizado no período de férias da pesquisadora e das participantes, considerando, principalmente, a disponibilidade das alunas. O contato ocorreu por meio de conversas no WhatsApp e a entrevista, realizada individualmente, foi por meio da plataforma Google Meet, conforme cronograma apresentado abaixo, no quadro 2:

<b>Data</b>	<b>Horário</b>	<b>Participante</b>	<b>Observações</b>	<b>Duração</b>
29 jun 2020	15h	Rubi	-----	55 min e 46 seg
15 jul 2020	14h	Ametista	-----	47 min e 20 seg
20 jul 2020	19h30	Esmeralda	Não compareceu	-----
21 jul 2021	10h	Jade	-----	20min e 14 seg
27 jul 2020	19h30	Safira	Alterada três vezes por incompatibilidade de horário	22 min e 49 seg

Quadro 3: Cronograma de realização das entrevistas

<b>Pedra</b>	<b>Perfil</b>
Ametista	Mãe, trabalhadora, dona de casa, casada, 1ª Graduação
Rubi	Estudante, trabalha na área da educação, casada, 1ª graduação
Safira	Estudante, professora de dança, 1ª graduação
Jade	Estudante, sem atividade remunerada no momento, 1ª graduação
Esmeralda	Estudante, servidora pública em outra área que não a educação, 2ª graduação.

Quadro 4: Perfil de cada uma das participantes

Finalizado o processo das entrevistas, chegou, então, o momento da transcrição, que acredito ter sido o momento mais complexo de todo o trabalho. Ainda tenho na memória cada entrevista realizada, mas colocar no papel a palavra de cada uma delas fez com que, por várias vezes, eu retomasse as entrevistas gravadas como forma de garantir a fidedignidade àquilo que foi dito, que após transcrito, foi compartilhado com cada uma delas em forma de texto, para que houvesse a aprovação do registro feito.

Conforme nos apresentam Jovchelovitch e Bauer (2005), que a entrevista narrativa deve ser uma entrevista com perguntas abertas e é uma forma de encorajar os entrevistados. As

perguntas abertas possibilitam ao entrevistado relatar seus pensamentos e opiniões sem contestações sobre o que é certo ou errado, visto que elas expressam a história de um ponto de vista, tempo e espaço. Diante desse contexto, concordo com Appel (2005), quando define a entrevista autobiográfica narrativa como um método qualitativo e o procedimento para sua análise e uma metodologia de pesquisa qualitativa muito poderosa para compreender os processos biográficos e sociais de mudança cultural a partir da prática dos sujeitos em estudo, entendendo como a realidade social se forma e se desenvolve a partir das interações entre os membros da sociedade.

## 5. PALAVRAS DAS PEDRAS

**Palavra de Pedra**  
**De palavra, de pedra, de caminho**  
**De pedra de palavra de você**  
**De você do caminho ou de sozinho**  
**É tudo o que eu sei dizer**  
**É tudo o que eu sei dizer.**  
**(Eduarda Flores/Paulinho Natureza)<sup>34</sup>**

O intuito deste capítulo é apresentar o processo de lapidação das pedras que me acompanharam neste percurso a partir do processo de transcrição das entrevistas realizadas.

As descrições aqui feitas têm como base a entrevista narrativa, o memorial de curso e o diário de campo da pesquisadora. Muitas das características eram apresentadas no decorrer das aulas, que foram gravadas em áudio. Alguns autores vêm defendendo o uso de narrativas no processo de formação inicial. Entre eles podemos citar Bueno et. al., 2006; Caporale, 2016; Moura, 2019; Nacarato, 2010; Prado e Soligo, 2007, entre outros.

Na disciplina de estágio supervisionado, as alunas foram convidadas a registrar suas experiências de estágio a partir de textos narrativos, registrando e refletindo sobre o que foi vivido em sala de aula. Solicitou-se, ainda, que elas retomassem o memorial de formação para que nele incluíssem a experiência do estágio. No início da graduação, os estudantes são convidados a escreverem um memorial de formação e este é retomado ao longo do curso.

Desenvolver um memorial de formação possibilita aos professores em formação compartilhar vivências, apresentando ao leitor paixões, emoções e sentimentos guardados na memória. Aquele que narra a sua história, sempre o faz para alguém, e, portanto, é importante observar o memorial não como uma experiência de vida e não um relato de acontecimentos, percebendo-o como uma oportunidade de reflexão entre a vida individual e social dos sujeitos, sendo também uma oportunidade de revisitar e ressignificar sua trajetória de formação.

---

<sup>34</sup> Trecho da música Palavra de Pedra Composição: Eduarda Flores/Paulinho Natureza disponível em <https://www.lettras.mus.br/paulinho-natureza/palavra-de-pedra/> acesso em 06 jan 2022

Para Prado e Soligo (2007), em um memorial não há compromisso em historiar toda a vida. Pode ser uma obra literária ou científica na qual o autor ou um dos personagens evoca fatos a que tenha assistido ou de que tenha tomado parte. É um texto que relata fatos memoráveis, importantes para aquele que o produz, tendo em conta suas memórias. É uma marca, um sinal, um registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus ouvintes/leitores.

Além do memorial, produzido durante o curso de pedagogia na disciplina de Projetos e Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, as alunas foram solicitadas a registrar suas experiências por meio de narrativas pedagógicas. Para Prado (2015), experiências pedagógicas tão comuns no cotidiano docente e compartilhadas de maneira oral são oportunidades para o manifesto de professores acerca de sua vida escolar, divulgando seus saberes e conhecimentos quando se tornam narrativas escritas, também chamadas narrativas pedagógicas. Narrativas pedagógicas são as experiências do cotidiano escolar narradas pelos profissionais da educação.

Dentre uma história e outra, foi construído um vínculo entre professora da disciplina, professora da rede em situação de estágio docente (pesquisadora) e professoras em formação inicial (estudantes do curso de pedagogia) e, destas, cinco alunas aceitaram fazer parte desta pesquisa.

## 5.1. AMETISTA

Figura 13: Pedra Ametista



Fonte: <https://www.mandaladeluz.com.br/drusa-de-cristal-ametista->

Ametista retomou os estudos na área de logística depois de se tornar mãe. Novamente grávida, tinha bastante mal estar e desacreditou que pudesse concluir o ensino médio-técnico.

Quando a filha caçula de Ametista, que, à época, trabalhava como empregada doméstica, estava para completar seis anos e a mais velha estava no ensino médio, soube, por meio de sua patroa, de um concurso de bolsas de estudos oferecido pelo Instituto Educar<sup>35</sup> em parceria com a Universidade São Francisco. Inicialmente, a ideia da patroa era que a filha mais velha de Ametista participasse do concurso, uma vez que, concluindo o ensino médio, estaria mais direcionada para a faculdade. Após a inscrição para participar deste processo, realiza-se com os participantes um momento de orientação sobre como funciona esse concurso de bolsas em que são oferecidas as vagas remanescentes na universidade. No entanto, por não ter concluído o terceiro ano do ensino médio, não seria possível que a filha de Ametista participasse do processo de seleção e, como a ficha já estava preenchida, os responsáveis propuseram que ela mesma participasse. A prova seria realizada em apenas dois ou três dias e não havia muitas vagas. Ela se interessava pelo curso de Direito, mas era a primeira vez que o Educar conseguia vagas na universidade, então optou por Pedagogia, sua segunda opção, pelo fato de sempre ter se interessado por educação.

Ametista foi aprovada em primeiro lugar e ocupou a primeira das três vagas disponibilizadas! Tinha de correr com a documentação porque as aulas teriam início já na semana seguinte. As demais participantes do processo entraram na mesma turma de Ametista, mas não permaneceram.

Ametista sente que foi escolhida por Deus e, desde então, se propôs a dar o seu melhor e ser exemplo para suas filhas. Hoje, se perguntarem a ela se quer trocar a Pedagogia pelo Direito, tem certeza que a resposta é não!

## **5.2. RUBI**

---

<sup>35</sup> O Instituto Educar Brasil é uma instituição sem fins lucrativos com trabalho focado em melhorias da educação e criação de oportunidades educacionais. Disponível em <https://www.atibaiasp.com.br/> acesso em 12 abr 2022

Figura 14: Pedra Rubi



Fonte: <https://www.riviereleiloes.com.br>

Rubi iniciou suas atividades profissionais em uma universidade privada do interior de São Paulo, fator que possibilitou seu ingresso no ensino superior. Após ser dispensada, iniciou o trabalho como estagiária na Secretaria de Educação do Município em uma escola de Educação Infantil. Nesta cidade, estudantes de pedagogia são contratados para assistir os professores em salas de aula com alunos com necessidades educacionais especiais.

Inicialmente cursava Educação Física, mas, por questões financeiras, trancou a graduação após cursar dois semestres. Por conta deste curso, teve a possibilidade de trabalhar em academias de natação. Tem a intenção de retomar o curso quando finalizar a Pedagogia.

Quando cursava o ensino médio, por questões de saúde, ficou dois anos sem estudar, e retomou os estudos na Escola Técnica (ETEC) Rosa Perrone Scavone, no município de Itatiba. Estudando em período integral, cursava o ensino médio e técnico na área de administração, imaginando que seria esta a sequência dos seus estudos. Posteriormente, teve a oportunidade de trabalhar na universidade em que estuda hoje, sendo favorecida com a bolsa de estudos ofertada a funcionários.

Mesmo sabendo que gostar de crianças não é o suficiente para optar pelo curso de Pedagogia, a escolha se deu devido ao prazo para efetuar a matrícula e algumas influências externas. Em seu primeiro semestre, na disciplina Escola e Contexto, foi apresentada à pedagogia Freinet, que foi responsável pela sua decisão de permanecer nesta formação, o que também direcionou seu olhar em relação ao contato com as crianças. Hoje consegue entender todas as possibilidades e oportunidades envolvidas a partir do brincar. Até arriscou utilizar os aprendizados com crianças conhecidas e, hoje, não se vê em outra atividade que não esteja voltada para a prática de ensino, tendo preferência pelo trabalho nos segmentos da educação infantil ou educação de jovens e adultos.

## 5.2. JADE

Figura 15: Pedra Jade



Fonte: <https://soulfulconnexions.com/>

Jade tinha a intenção de cursar Direito, mas, como não conseguia bolsa para esta formação, aceitou a bolsa para o curso de Pedagogia, pois já atuava como professora de ballet e de inglês.

“Iniciei o curso acreditando que iria me dar bem e acabei me encontrando mesmo. Quando comecei o curso pensava que eu tinha preferência pela educação infantil, mas hoje em dia não. Acredito que como professora, onde eu estiver, farei a diferença” (trecho da entrevista com Jade).

Busca estar em sintonia com todos com quem se relaciona, disposta a construir relações de amizade e parceria. Vivenciar o estágio em tempos de pandemia, para Jade, mesmo com toda insegurança, trouxe muito aprendizado e conhecimento no campo profissional.

Para ela, a formação continuada oferecida aos profissionais da educação está sendo transformada em um comércio de exploração de mão de obra barata. Não se pensa na qualidade dos profissionais, tampouco com a qualidade oferecida. Para Jade, a forma como o estágio se desenvolve é bastante satisfatória, mesmo com a burocracia institucional que envolve o processo. No entanto, acredita que o que realmente tem valor é estar no ambiente escolar em contato com a rotina da escola, possibilitando, principalmente, definir qual será o campo de atuação quando estiver definitivamente no mercado de trabalho. Tendo realizado o estágio no ensino fundamental e na educação infantil, Jade pode observar quais ações não deve desenvolver em sua prática pedagógica. O olhar do estagiário é observador e crítico.

### 5.3. SAFIRA

Figura 16: Pedra Safira



Fonte: <https://aloha-news.net/>

Safira teve uma infância muito livre, sempre em companhia da irmã. Tinha a liberdade de poder brincar do queria, e o faz de conta era a sua brincadeira preferida, brincando de cozinhar, de professora, de mamãe e papai. Muito espoleta, também gostava de estar junto dos meninos, evitando ouvir o choro das meninas quando caíam ou se machucavam.

Sua vida escolar teve início na cidade natal onde morava e antigo local de trabalho da mãe, mas sem sucesso; Safira não ficava com ninguém, então a mãe optou por sair do trabalho.

Ao completar um ano e sete meses, a família se mudou para Jundiaí (SP). Aos três, Safira foi para uma escola de educação infantil e lá ficou até a família se mudar para Itatiba, quando tinha quase cinco anos. Da escola onde frequentou, ainda na educação infantil, tem as melhores lembranças da infância. Foi lá que aprendeu a crescer, respeitar o próximo e a ela mesma e a amar a professora, a qual tem convicção de ter sido a melhor que teve. Foi ela quem iniciou com Safira o processo de alfabetização e, ao orientá-la a escrever com sua própria grafia, fazia com que se sentisse capaz de qualquer outro ato.

Sempre ficou na escola em período integral, pois a mãe trabalhava fora o dia todo, e tinha a irmã no contraturno na escola. Frequentava uma escola de Educação Infantil e Fundamental que também oferecia recreação. Safira fugia da recreação para acompanhar as professoras de educação infantil e ensino fundamental, foi quando começou a gostar do trabalho de professor e de aprender com elas.

Apaixonada por crianças, Safira queria cursar Medicina na área de Pediatria, mas mudou de opção quando soube sobre a duração do curso, e então optou por Pedagogia.

Após iniciar a graduação, teve a possibilidade de conhecer os diferentes segmentos da Educação Infantil e Fundamental e conheceu a rotina de um estagiário na educação especial. Acredita que os conteúdos a partir do terceiro ano do ensino fundamental I são desafiadores para o professor, por isso a preferência pela educação infantil.

#### 5.4. ESMERALDA

Figura 17: Pedra Esmeralda



Fonte: <https://www.oficinadeervas.com.br/>

Esmeralda é formada em Psicologia pela Universidade São Francisco e sempre quis seguir na área escolar, no entanto, por não ter experiência, depois de formada não conseguiu.

Suas memórias da trajetória escolar têm um misto de lembranças positivas e negativas, principalmente na fase da adolescência. Tendo estudado em duas escolas, suas melhores lembranças estão relacionadas àquela onde sua melhor amiga morava, o que possibilitava acesso livre a todos os espaços escolares também aos finais de semana.

Esmeralda voltou a frequentar a segunda escola onde estudou com a ONG da qual hoje é integrante: a Caravana dos Palhaços, responsável pelo seu retorno à universidade para cursar Pedagogia.

O período de pandemia trouxe certa frustração a Esmeralda pelas dificuldades encontradas para a realização do estágio, atividade aguardada com alta expectativa. Deste modo, entendeu que o estágio de forma remota seria uma oportunidade para experimentar a escola e o papel do professor neste cenário de pandemia, que indicava a necessidade de

reinvenção constante.

Para Esmeralda, nada irá substituir o estágio em sala, com contato com os alunos, professores e com a gestão escolar pessoalmente, mas considera que o novo formato é uma situação de aprendizagem. Ela foi a única que não participou da entrevista. Marcamos vários encontros, mas, por incompatibilidade de horários, não ocorreram; assim, optei por não insistir. Acompanhamos seu percurso no estágio supervisionado por meio dos relatos em aula e de seu memorial, mas tive o privilégio de ser convidada para a apresentação do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

## 6. SER PEDRA

### Estágio em tempos de pandemia

**A Pedra  
Pedra sendo  
eu tenho de jazer no chão  
Só privo com lagartos e borboletas  
Certas conchas se abrigam em mim.  
Passarinhos me usam para afiar seus bicos.  
Às vezes uma garça me ocupa de dia  
Fico louvoso  
Há outros privilégios de ser pedra:  
a - Eu irrito o silêncio dos insetos.  
b - Sou batido de luar nas solitudes.  
c- Tomo banho de orvalho de manhã  
d - E o sol me cumprimenta primeiro<sup>36</sup>**

**Manoel de Barros**

Partindo do privilégio de ser pedra, conforme versado por Manoel de Barros, neste capítulo trago para a discussão os pressupostos teóricos assumidos nesta pesquisa, percorrendo brevemente sobre a constituição dos sujeitos, tomando como base os estudos de Vygotsky e Bakhtin.

Estando o ser humano em constante desenvolvimento, é preciso ressaltar que este processo não acontece de maneira individual. Para Vygotsky, é a partir da interação entre os sujeitos, que novos processos de aprendizagem e desenvolvimento se estabelecem.

É a partir da relação com meio e com o outro que nos constituímos. De acordo com Vygotsky (2007), o indivíduo se constitui também pela produção dos signos. Para o autor, a palavra é um signo por excelência; considerando que a linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento se realiza na palavra (Vygotsky, 2009, p. 412).

---

<sup>36</sup> Poesia A pedra de Manoel de Barros, retirada da página <https://poesiaspreferidas.wordpress.com/>, acesso em 01 set 2021

Ainda segundo o autor, a constituição humana se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor — ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. O homem é um ser que se forma em contato com a sociedade. Em acordo com as ideias de Vygotsky, trago também os pensamentos de Bakhtin, como forma de contribuir com essa pesquisa.

Para Prado e Seródio (2015), quando as palavras e registros dos professores começam a sair dos muros da escola, passam a ser compreendidos como enunciados possíveis para a composição de dados de uma pesquisa, e quando passam do gênero oral para o escrito passam a ser textos acadêmicos. Ainda segundo esses autores, dialogando com Bakhtin,

o indivíduo no encontro com outros, em seu ato único, a cisão dos mundos, da vida e da cultura. No ato de narrar na dupla responsabilidade com a vida e com a “arte” (Prado e Seródio apud BAKHTIN, 2003).

Sendo o enunciado social por natureza, é a partir das relações estabelecidas — e essas podem ser de classes, hierarquia e ou poder —, que serão feitas as escolhas do dizer, o que não acontece de forma individual. É a partir das relações que estabelecemos com os outros que as palavras vão se constituindo, se transformando. Para Bakhtin (1997), a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Ainda de acordo com o autor, a palavra é o elo entre locutor e interlocutor, sentido é sempre construído dialogicamente, sendo o diálogo um conceito-chave, assim a fala possui viés social (ideológico) inerente à comunicação

Foi através desse dialogismo, entre *eu* e o *outro*, que pude compartilhar minhas experiências e entender algumas situações que envolvem meu projeto de pesquisa.

Vale lembrar que as entrevistas realizadas, suas perguntas e respostas, estão inseridas em um contexto experienciado por entrevistador e entrevistado, considerando, assim, que o leitor possa vir a tecer interpretações outras que possibilitem novas oportunidades de discussão, que não serão tratadas em nossa análise.

Todas as pedras apresentaram suas experiências relacionadas ao contexto do estágio, esperado com grande expectativa por cada uma delas, conforme dados apresentados nos excertos a seguir.

Deste modo, considerando as entrevistas narrativas, as devolutivas das alunas sobre os textos transcritos e os apontamentos apresentados por cada uma delas, foi organizado dois eixos de análise:

1 – Tensões, encontros e desencontros na realização do estágio supervisionado em tempos de pandemia;

2 - A parceria universidade-escola como relação imprescindível para a formação inicial.

## **6.1. TENSÕES, ENCONTROS E DESENCONTROS NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Este eixo tem como objetivo apresentar excertos narrados pelas participantes desta pesquisa, por meio de suas narrativas, nos quais é possível observar as tensões, os encontros e os desencontros experienciados por cada uma delas na realização do estágio supervisionado durante o primeiro semestre de 2020.

Importante frisar, que algumas dessas participantes iniciaram o estágio logo no início do calendário acadêmico, antes do início da pandemia causada pelo coronavírus.

### **6.1.1. Ametista e o sonho realizado**

Mãe, esposa, empregada doméstica, aluna do 6º semestre do curso de pedagogia, 35 anos, está realizando um sonho antigo: SER PROFESSORA!

(...) Inicialmente, as orientadoras de estágio trouxeram alguns docentes e diretores de escolas do município, que estariam dispostos a receber os estagiários, “incrível” é a palavra que define a roda de conversa que realizamos durante este encontro. Ficou evidente que seríamos muito bem recebidos por todos que estavam ali presentes, considero que foi um calmante para muitos de nós, que estavam apreensivos com o “novo” e inesperado.

As expectativas eram as melhores, eu estava aflita e disposta a desenvolver um bom trabalho, até porque escolhi a escola devido a indicação de algumas pessoas que relataram que esta instituição era um bom modelo de escola e desenvolvia um trabalho muito rico, inclusive recebemos na universidade alguns representantes desta escola que participaram de uma roda de conversa juntamente com outros representantes de outras escolas que também demonstraram interesse e boa vontade em receber estagiários, sendo assim eu logo tratei de reservar uma vaga a fim de conseguir conhecer a escola e trazer essas experiências para minha vida.

Entretanto ao chegar na escola senti um turbilhão de sentimentos, era um momento repleto de curiosidades, fomos recepcionadas pela secretária e vice-diretora que nos acompanhou até a sala. Como já relatei fiquei em uma

turminha de 3º ano... Inicialmente observei que a turminha era bem disciplinada e autônoma, e havia um aluno com pequeno grau de autismo e outra aluna com muitas dificuldades, mas ainda sem diagnóstico. Tive a oportunidade de auxiliá-los em grande parte do tempo, frequentei essa escola por três dias e me surpreendi muito. Fiquei muito decepcionada ao presenciar atitudes que não condizem com a minha pessoa como ser humano, o meu estudo e ainda mais com o tipo de professor que eu pretendo ser, um ambiente voltado para a “disciplina”. Experiências que realmente me deixaram muito triste, não fui inserida nas aulas, não fui bem recepcionada por alguns professores, não generalizando, mas um ambiente pesado (excertos do memorial de formação de Ametista).

Após a busca por uma escola que pudesse conciliar o horário do estágio com seu horário de trabalho, aconteceu também sua primeira frustração. Foi uma situação bastante delicada que a fez buscar uma nova escola:

No dia 12/03/2020 comecei meu estágio em uma escola central da cidade e ao chegar, fiquei aguardando a coordenadora, nesse momento um filme passava pela minha cabeça, afinal minha filha estudou ali com grande parte dos professores, novas experiências, novos alunos, professores entre outros pensamentos que surgiam. Foi então que fui conduzida até a coordenadora, foi então que as primeiras surpresas foram surgindo ao me deparar com a própria coordenadora recebendo todos os alunos no pátio da escola na entrada, ela com um microfone na mão brincava de “vivo ou morto” com as crianças até que as professoras chegassem, foi um momento muito rico e pude observar o fato da importância de ser presente e se fazer presente de forma ativa e responsável.

Fui então conduzida e apresentada a uma sala de 3º ano A, uma sala de 29 alunos. Para minha grande surpresa a professora, responsável pela sala era uma amiga de infância, a qual eu não via há anos, tanto que inicialmente eu tive a impressão de conhecer, até que aos poucos fui tendo certeza e fui recepcionada com um abraço carinhoso. Ela se colocou à disposição para me ajudar, em seguida me apresentou às crianças, foi um momento muito rico, ouvir as crianças curiosas, olhando para mim com aquelas carinhas de que quer chegar até você, foi gratificante.

Iniciei observando o trabalho da professora e pude constatar que o respeito é uma via de mão dupla, a turma é bem organizada, autônoma, curiosa e bem-falante, mas sabem respeitar os limites.

A professora realiza seu trabalho sempre respeitando o tempo de cada criança, ela interage, socializa e sempre procura dar voz e vez aos alunos, o tempo todo seu trabalho tem o objetivo de inserir as crianças nas relações de ensino e aprendizagem por meio do diálogo, sempre criando ambiente propício para aprendizagem de forma intencional e curiosa. Ela também pediu para que eu observasse duas crianças, uma diagnosticada com transtorno intelectual, um menino de 13 anos que é muito caprichoso e detalhista e outro aluno que não tem diagnóstico, porém dorme a aula inteira e desenha o tempo todo no caderno, mas ela me disse que está aguardando

que a prefeitura disponibilize um estagiário para auxiliar essas crianças. Ela também relata que faz o que pode dentro das necessidades de cada um, e me relatou que auxilia esses alunos sempre respeitando o tempo de cada um deles.

Em todas as atividades desenvolvidas em sala de aula a professora se colocava à disposição para me auxiliar, assim como seus alunos, observei que a professora estava bem à vontade com a minha presença, assim como eu sou muito agradecida por me receber tão bem e me incluir nas suas aulas e me dando todo o suporte para realização do meu estágio obrigatório.

Observei também que em umas das aulas a professora trabalhou com livro didático interdisciplinar, no qual as crianças participaram ativamente e de forma coletiva das atividades inserindo suas vivências, assim como também a aula de informática aprimorar os conteúdos já realizados em sala de aula por meio de aplicativos de jogos de matemática, que por sinal as crianças adoram e dominam o equipamento assim como os conteúdos. Também tive a oportunidade de participar de uma aula de inglês, em que as crianças trabalharam com a identificação de países. Presenciei também uma aula de Educação Física lecionada por um professor que está substituindo temporariamente na escola, as crianças enlouquecem com esse professor, ele é alegre, brincalhão e o tempo todo dizia: “Tá na hora de criança ser criança” e fizeram alguns combinados em sala e foram para a quadra jogar e brincar, momento esse muito rico para o processo de ensino e aprendizagem das crianças.

No dia seguinte fui surpreendida pelo diretor que relatou que uma sala do 1º ano B estava desde o início do ano sem professor, somente com professores substitutos e para minha surpresa naquele dia a Professora estava assumindo a sala efetivamente e o diretor me orientou a acompanhar toda a chegada desta nova professora, enfatizando a importância de presenciar essa chegada, até porque um dia serei eu que assumirei uma sala de aula, então é imprescindível conhecer como que um professor se comporta e se organiza em seus primeiros dias de trabalho em um ambiente novo e totalmente desconhecido.

Foi então que me dirigi até a sala, me apresentei para a professora e deixei claro que estava ali com essa intencionalidade, fui muito bem recebida pela nova Professora e que me esclareceu muitas dúvidas, e me incluiu no seu trabalho, me convidou para organizar armário, atividades das crianças, cadernos, livros, etiquetar materiais, organização geral da sala, tive a oportunidade de organizar as avaliações diagnósticas das crianças, sondagem diagnóstica entre outros inúmeros materiais, diante deste processo fomos dialogando e ela se colocou à disposição para me ajudar, disse que gostou da nossa parceria e que quando as aulas voltarem ela pretende me receber na sala de aula, mas com todos os alunos lá e vai me ensinar a fazer avaliação diagnóstica das crianças e pontuar todo seu trabalho inclusivo, me orientar com relação aos níveis silábicos alfabéticos dos alunos.

Foram com certeza momentos muito ricos e essenciais para a minha futura profissão, e sou eternamente agradecida a todos os envolvidos por essa experiência maravilhosa, infelizmente não consegui dar continuidade devido às circunstâncias, mas estou muito confiante em desenvolver um bom

trabalho assim que possível. (excertos do memorial produzido por Ametista na disciplina de estágio supervisionado).

Ametista aguardou um longo período pela autorização da Secretaria de Educação para que realizasse o estágio de forma remota, mesmo pensando não ser essa a melhor situação para a realização do estágio. Apesar da espera, o estágio não foi autorizado, pela Supervisora da unidade escolar, mesmo tendo o aval da Secretaria de Educação, por meio de documento enviado às unidades escolares, após solicitação da Coordenação do Curso de Pedagogia. Diante da negativa, finalizou o estágio no semestre seguinte.

Tenho feito muitas reflexões... principalmente por ter escolhido a educação como minha futura profissão. Iniciei meu estágio obrigatório do ensino fundamental em uma escola pública e consegui acompanhar algumas aulas assim como também o início desta pandemia e consegui acompanhar todo o movimento como: dispensa de alunos, preparação de atividades domiciliares e reuniões entre educadores e responsáveis envolvidos com a educação. Observei a apreensão de cada um deles e principalmente a insegurança com relação ao retorno das aulas, fui afetada direta e indiretamente, primeiro porque meu estágio foi cancelado, segundo por ser mãe e pensar na educação de minha filha e terceiro por me ver como futura professora em uma situação como as que estamos vivendo. Como ser educador em um momento como este? Como se organizar? Como atender nossos alunos dentro das suas necessidades? Como trazer a prática pedagógica em tempos de distanciamento social? São inúmeros questionamentos e incertezas. É muito triste saber que tem alunos que não vão conseguir ter acesso ao básico neste momento, saber que tem crianças que tem um suporte exemplar enquanto a maioria não tem nem como se alimentar se não tiver ajuda de alguém que olhe para eles com necessidades iguais, enfim são inúmeras as reflexões.

E, além disso, também sou aluna do curso de pedagogia, e essas aulas remotas me deixam desesperada, tenho muitas dificuldades em assimilar conteúdo, não vejo eficiência nessas aulas, sei que não estou sozinha, estamos aprendendo com um novo modelo de educação e acredito que iremos aprender muito com essa situação, vamos pensar a educação e a tecnologia de forma diferente, e esse é o momento de fazer a diferença para as crianças, seja como pais, educadores ou socialmente falando, temos que nos fazer presentes ou vamos regredir.

Sou mãe e para estudar em casa é uma atividade quase que impossível, procurei por um curso presencial por esses e outros motivos. Minha casa é pequena e todos circulam, dificultando que eu tenha um espaço para estudar, sem contar que a criança pequena muitas vezes não entende que você precisa ficar sozinha para estudar, daí ela começa a desenhar, pintar, ler entre outras coisas e o tempo todo ela quer mostrar para você o que está fazendo e quer atenção, afinal por muito tempo ela não tinha minha presença tão constante por conta da faculdade, e agora ela me vê a todo o momento nesse sentido eu tenho me sentido realizada por conseguir acompanhar minhas filhas em seus afazeres, estamos nos divertindo muito, assistindo muitos filmes e séries, nos

revelando na cozinha e as conversas de família estão mais presentes e gostosas e agradeço a Deus por essa oportunidade. Claro que isso tudo vai trazer muito aprendizado, mas é difícil lidar com a mudança de uma forma tão repentina e espero e peço a Deus por dias melhores (excertos do memorial produzido por Ametista na disciplina de estágio supervisionado).

Em seu relato, Ametista conta sobre uma tentativa das professoras-supervisoras do estágio de aproximar universidade e escola. Antes mesmo do início das aulas, as professoras entraram em contato com diretores, coordenadores e demais professores, e o ano começou com uma grande roda de conversa e convite para o estágio. Como disse Ametista, foi “*incrível*”. No entanto, ela relata um confronto logo nos primeiros dias de contato com a professora da sala. Espanta-se com o que vê, percebe que está muito distante das concepções e crenças que foi construindo ao longo de sua formação inicial...

Fiquei muito decepcionada ao presenciar atitudes que não condizem com a minha pessoa como ser humano, o meu estudo e ainda mais com o tipo de professor que eu pretendo ser... (excertos do memorial produzido por Ametista na disciplina de estágio supervisionado).

E por que isso ocorre? Ametista revela um descompasso existente entre o que estuda na universidade e o que vê acontecendo na escola. Um confronto tão grande que a faz buscar por outra escola, o que não é nada simples para ela, com todas as demandas de sua rotina intensa de estudante, trabalhadora e mãe, os dois últimos papéis destinados apenas às mulheres nesse processo de hierarquia e submissão preconizado pela sociedade.

Aos poucos, as mulheres vêm conquistando espaço: os dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação.<sup>37</sup>

Em reportagem apresentada pela revista Crescer, de dezembro de 2019, a chance de uma mulher sem filhos ser contratada é 80% maior do que a de outra, com filhos, e com currículo semelhante. Funcionárias com filhos ganham, em média, US\$ 11 mil por ano a menos que colegas de mesmo nível hierárquico sem crianças. Ambos os dados são baseados numa investigação feita com as 500 maiores empresas da revista americana *Fortune*. Se os dados econômicos revelam uma situação desconfortável para a mãe que trabalha, é no

---

<sup>37</sup> Informação disponível em: INEP-Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa  
[http://200.130.24.14:8080/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206](http://200.130.24.14:8080/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206)

cotidiano que o drama para equilibrar carreira e maternidade se desenrola em tonalidades que variam de acordo com a estrutura doméstica e profissional, com a flexibilidade de cada profissão e com a cobrança social e pessoal que cada trabalhadora que é mãe tem de equacionar. A pesquisa, realizada com 2.887 mulheres, mostra que a profissional que é mãe está segura de seu valor no mercado de trabalho, sente-se menos culpada do que no passado, mas ainda enfrenta barreiras, como o preconceito.<sup>38</sup>

Ametista nos faz pensar também no ensino emergencial remoto e nos desafios enfrentados por ela, não apenas para fazer o estágio, mas como estudante, mãe de criança na educação básica.

... e essas aulas remotas me deixam desesperada... Sou mãe e para estudar em casa é uma atividade quase que impossível, procurei por um curso presencial por esses e outros motivos. Minha casa é pequena e todos circulam, dificultando que eu tenha um espaço para estudar, sem contar que a criança pequena muitas vezes não entende que você precisa ficar sozinha para estudar, daí ela começa a desenhar, pintar, ler entre outras coisas e o tempo todo ela quer mostrar para você o que está fazendo e quer atenção, afinal por muito tempo ela não tinha minha presença tão constante por conta da faculdade (excertos do memorial produzido por Ametista na disciplina de estágio supervisionado).

Este momento pandêmico que vivemos já há algum tempo tem afetado a rotina, a saúde e a qualidade de vida de milhares de pessoas no mundo, e muito mais das mulheres que passaram para a rotina da casa a sua dupla e ou tripla jornada. Ametista sequer teve a chance de concluir o estágio naquele semestre. Ela acompanhou de perto como a realidade educacional funciona no contexto pandêmico. Viu a escola se reorganizando e se esvaziando, e, como os alunos, ela também teve que ficar fora dela.

### **6.1.2. Rubi e Freinet – teoria e a prática na sala de aula**

Estudante de pedagogia, estagiária remunerada da rede pública, Rubi acredita que a aprendizagem acontece por intermédio da relação olho no olho. Rubi representa parte do grupo de alunos que não tiveram a possibilidade de desenvolver o estágio de forma remota no ano de ano de 2020, finalizando esse processo no primeiro semestre de 2021.

---

<sup>38</sup> Informação disponível em Revista Crescer:  
<https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2019/12/94-das-mulheres-sentem-dificuldades-para-conciliar-maternidade-e-carreira.html>

[...] o diretor da escola ainda não autorizou o meu estágio dentro destas condições, porém assim que as atividades escolares se restabelecerem voltarei para cumprir minhas horas e poderei vivenciar as práticas pedagógicas do ensino fundamental. Entretanto, como proposto pela universidade, continuamos acompanhando as supervisões de estágio, onde tivemos a participação de docentes que através de videochamadas trouxeram suas experiências com relação ao atual momento, e produzimos um portfólio de aprendizagem abordando esta questão.

A semana seguinte iniciou-se e a situação permaneceu, se agravando dia após dia no mundo todo, no Brasil, especificamente no estado de São Paulo, causando reflexos na cidade, por isso com base nos decretos oficiais do estado as escolas permanecem fechadas. O que ocasionou a secretaria de Educação a mobilizar-se na questão das aulas, e a situação de todos os envolvidos. Ficou estabelecido de maneira geral para toda rede municipal blocos de atividades para que os alunos possam realizar em suas casas, até o momento já são quatro blocos, que englobam atividades desde a educação infantil até o ensino fundamental. Para os alunos do 6º ao 9º ano, recentemente está sendo utilizado um aplicativo que também permite a realização destas atividades (excertos do memorial produzido por Rubi na disciplina de estágio supervisionado).

Por meio do contato da orientadora, Rubi teve a oportunidade de realizar seu estágio de forma remota no primeiro semestre de 2021, acompanhando as aulas de um terceiro ano em uma cidade diferente de onde mora e estuda.

Acompanhando seu relato e as conversas e trocas compartilhadas via WhatsApp, é possível observar o envolvimento e a interação de Rubi com a professora da sala, possibilitando, assim, que professor em formação inicial e professor em formação continuada trabalhem de maneira conjunta, articulando conhecimentos permitindo também perceber as fragilidades da prática.

Tive o privilégio da orientadora de estágio ter vários contatos e fui convidada a finalizar as horas na escola de Campinas de forma remota, numa sala de 3º ano com a maravilhosa professora \*\*\*\* que me acolheu com tanto carinho e foi muito solícita atendendo todas as minhas necessidades, me auxiliando durante este processo (excertos do memorial produzido por Ametista na disciplina de estágio supervisionado).

A escola trabalha com práticas de Freinet, as quais Rubi conheceu no início de sua graduação e que foi responsável pela sua decisão pelo curso de Pedagogia, o que também direcionou seu olhar em relação aos contatos com as crianças.

Apesar de não ter formação acadêmica, Freinet foi um estudioso, autodidata, estudou diversas correntes de educação nova, que estavam em voga no cenário educacional europeu da época. Celéstin Freinet se diferencia da maioria dos outros importantes pensadores e teóricos da educação por ter sido ele mesmo um professor primário, que atuou em sala de aula por quase toda a sua vida. Lutava por uma escola que atendesse às classes populares, objetivando construir uma escola para o povo; acreditava que, através da educação, seria capaz de transformar a sociedade. O trabalho foi o fio condutor de sua proposta pedagógica, entendendo o trabalho como algo construtivo e prazeroso. Ao contrário do trabalho que aliena, que reproduz, Freinet acreditava no trabalho como produção humana, que produz conhecimento e transforma a realidade do sujeito. Valorizou a função individual do trabalho dentro do grupo, acreditando que o trabalho assim desenvolvido torna-se mais interessante do que todos exerceram, simultaneamente, a mesma função (Buscariolo; Brum; Anjos, 2019).

No início da graduação elas me despertaram muito interesse e admiração, então pra mim foi um enorme prazer, aprendi muito, mesmo que de maneira remota. Toda segunda-feira participava das reuniões de HTPC com os professores, coordenadora e diretora da escola, sempre me incluía em tudo. Aproveitei bastante as formações com convidados que a instituição proporcionava para os docentes, sem dúvidas foi uma experiência muito rica (entrevista narrativa realizada com Rubi).

Acompanhando o percurso de Rubi no trilhar da realização do estágio supervisionado, observamos a troca de experiências, de papéis, mostrando que o estágio pode beneficiar não apenas os próprios estagiários:

Todos sempre acolhedores contavam com minha participação e sempre que possível questionavam as minhas ideias fazendo com que me sentisse inclusa no preparo das aulas e pudesse me expressar ativamente, confesso que parecia que também era a professora e isso me deixava muito contente.

Sobre as aulas minha participação também foi muito significativa, as mesmas aconteciam quinzenalmente, e infelizmente poucos alunos entravam devido às dificuldades em ser online, a maioria precisava esperar um responsável para fazer o acesso, mas todas as vezes que participei foi muito especial. A professora \*\*\*\* havia compartilhado o google sala de aula comigo, então assim como os alunos eu também tinha acesso nas atividades programadas além disso tive a oportunidade de gravar alguns vídeos para contribuir com as aulas, os alunos se mostravam interessados e sempre tinham uma devolutiva.

Em meio ao caos que o estágio representou na minha formação posso afirmar que o ditado que diz que “Deus escreve certo por linhas tortas” nunca fez tanto sentido, pois eu aprendi muito de uma forma que talvez sendo presencial não seria possível, enfim fiquei muito realizada com a conclusão de mais uma etapa da pedagogia e tenho certeza de que quando puder irei visitar a escola, a professora e todos os profissionais envolvidos que fizeram a diferença neste momento tão difícil que estamos enfrentando.

Portanto o sentimento é de gratidão por professores que estão batalhando tanto para que esses alunos sejam amparados de todas as maneiras, tanto psicológicas como no pedagógico, sinto-me muito feliz por ter feito parte mesmo que por pouco tempo da vida de cada um (entrevista narrativa realizada com Rubi).

Nesse período de pandemia, a escola em questão deu continuidade às aulas através de encontros semanais no Google Meet e atividades pelo Classroom. A recepção dos estagiários é feita pelo professor que o recebeu, sendo também convidado a participar das reuniões da escola que aconteciam de forma semanal, permitindo também o acesso às atividades programadas. Todas essas atividades, realizadas de forma remota.

Freinet (1998, p. 6) nos apresenta que, em todo e qualquer ofício, há uma técnica a ser dominada, e isso é feito pela simplicidade da vida. Para Freinet não existe contradição entre ciência e técnica.

Com a experiência apresentada por Rubi é possível observar que há uma superação da redução do estágio a uma simples atividade instrumental e prática do curso de pedagogia, assumindo assim a interação do futuro profissional da educação com o seu campo de atuação, proporcionando que Rubi visse a si mesma como professora, é perceptível a construção do vínculo estabelecido entre estagiário e professor, tanto afetivo quanto de reconhecimento das possibilidades outras do trabalho a ser desenvolvido pelo estagiário, oportunizando assim, de acordo com Freire (1996), o respeito entre autoridade e liberdade, esta relação tensa, contraditória e não mecânica.

Sobre as aulas minha participação também foi muito significativa, as mesmas aconteciam quinzenais, infelizmente poucos alunos entravam devido às dificuldades em ser online, a maioria precisava esperar um responsável para fazer o acesso, mas todas as vezes que participei foi muito especial (informações retiradas do diário de campo da pesquisadora).

A professora \*\*\*\*\* havia compartilhado o google sala de aula comigo, então assim como os alunos eu também tinha acesso nas atividades programadas e além disso tive a oportunidade de gravar alguns vídeos para contribuir com as aulas, os alunos se mostravam interessados e sempre tinham uma devolutiva (informações retiradas do memorial de curso de Rubi).

No processo de realização do estágio, Rubi teve a possibilidade de compartilhar materiais, expor ideias, participar do planejamento, desenvolvimento e na realização das

atividades. É possível observar a sensação de pertencimento apresentada em seus registros, e o vínculo estabelecido entre Rubi e professora neste período pandêmico.

Neste contexto, concordo com Freire quando diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (Freire, 1996, p. 25). Ainda segundo o autor, “na prática da formação docente, é indispensável que o aprendiz de educador compreenda que o pensar certo, é construído juntamente com o professor formador” (Freire, 1996, p.43).

Ainda de acordo com Freire (2001), as experiências vivenciadas na escola oportunizam condições de aprendizagem que vêm a contribuir com a aquisição de saberes profissionais e concepções de ensino, compreendendo, assim, que o estágio é um momento de aprendizado pessoal e profissional que contribui com a construção da identidade docente do futuro professor.

### **6.1.3. Safira e a profissão docente em tempos de pandemia**

Estudante de pedagogia, filha de professora, bailarina e professora de dança, está desenvolvendo o estágio em uma escola de outra cidade e tem participado de uma outra experiência:

Está sendo uma experiência muito diferente, pois é uma escola de periferia e nem todos os alunos têm acesso a internet, ficando difícil acessar os conteúdos disponibilizados pela professora e pela prefeitura, para realizarem as tarefas. Temos reunião pedagógica uma vez na semana, para serem discutidos os conteúdos a serem trabalhados e, a cada 15 dias, temos a presença de uma psicóloga na reunião, para dar apoio aos professores, nesse momento tão difícil (Fragmento do portfólio de Safira).

A experiência em questão nos traz uma observação importante em relação ao profissional da educação. Enquanto todos os olhares se voltam para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, esquece-se do grande protagonista desse processo: o professor, que, como todos, também está vivenciando esse momento de pandemia.

Como aponta Nóvoa (2020)<sup>39</sup>, a escola física é indispensável; os vínculos humanos, espaço de vida, de relação humana, sem a qual não há educação. Ainda segundo o autor, esta é a oportunidade de se repensar a educação, a formação de professores e entender o professor

---

<sup>39</sup> Webconferência realizada em 23/06/2020 - Formação de Professores em tempos de pandemia YouTube/institutoiungo.

como alguém que produz conhecimento, constrói currículos, e uma formação de professores voltada para o trabalho de pesquisa, teoria e prática, possibilitando a construção de sua identidade e a profissionalidade da educação valorizando o diálogo entre escola e universidade.

Mas Safira também relata a dificuldade no desenvolvimento do estágio remoto e, embora algumas situações da rotina escolar estejam voltadas para o bem estar do professor, há também as questões relacionadas ao conteúdo:

O estágio de forma remota não é fácil. Eu vejo, eu vi muito o lado dos professores; nesse estágio acho que me coloquei mais ainda como professora do que em outros, ainda mais nessa situação. Todo mundo pensa no aluno, familiares, mas e o professor? (diário de campo da pesquisadora).

A gente sabe que ele também tem vida, não está ali só para fazer isso e nossa, é chocante. Hoje mesmo na reunião que a gente teve, uma professora relatou que está com suspeita de coronavírus e está com pneumonia. Tá super mal sabe e as pessoas querem saber da atividade. Como perguntar isso para ela? Você vai ficar sem dar aula no meet para eles? Ninguém pensa sabe, só pensa no outro e eu me coloquei muito no lugar deles e não “tá” sendo fácil, não “tá” sendo fácil mesmo e enfim a parte legal pelo menos na minha turma as aulas estão dando certo, a gente tá tendo cada vez mais alunos conectados na aula eles estão começando a entender como funciona o Meet (trechos do relatório de estágio da aluna).

Safira também traz excertos referentes aos estudantes de pedagogia que não têm contato com a escola:

Para quem nunca trabalhou na escola, não sei se já entrevistou algumas assim, mas na minha sala tem muita gente que nunca trabalhou na escola e acha que tudo que realmente a gente fala na faculdade acontece na prática e não é bem assim que as coisas funcionam. A gente tenta aplicar o máximo possível. Os relatos delas de quando vão fazer estágio é muito legal porque elas não imaginam como acontece. Acho que é diferente a teoria prática (entrevista narrativa com Safira).

A afirmação trazida por Safira, referente aos apontamentos entre teoria e prática, é bastante comum de se ouvir nas escolas, ainda mais quando nelas há profissionais que optam por uma educação bancária, que, de acordo com Freire (2019, p. 83), vem para minimizar os educandos, não estimulando, assim, sua criticidade, negando também a relação dialógica entre educador e educando. Safira nos apresenta a importância da formação contínua dos profissionais da educação que os estimule na busca de uma educação que possibilite ao

professor entender-se como ser pensante, permitindo a ele seu desenvolvimento profissional baseado na ação-reflexão, considerando a importância do diálogo.

#### **6.1.4. Jade e a desvalorização docente**

Estudante de pedagogia, estagiária em uma instituição particular de ensino que tinha o sonho de ser advogada, teve a oportunidade de desenvolver sua proposta de estágio em uma instituição de ensino privada, acompanhando uma sala de segundo ano, e essa experiência se deu antes e depois da pandemia.

Estou bem confiante e mais animada por já ter feito o da educação infantil então, creio que alguns medos que eu tive no primeiro estágio nesse deixarei de lado.

A sala que irei acompanhar é um segundo ano e com o apoio da Professora sei que estou bem amparada, me conforta saber que são crianças que de alguma forma eu já tenho um certo contato, já as conheço e planejo fazer um projeto significativo na aprendizagem delas, os alunos desse segundo ano em sua maioria vieram de outras escolas então em conversa com a professora já fui informada que os “níveis” de aprendizagem são bem diferentes, alguns ainda não são alfabetizados, a professora me informou também que algumas crianças são um pouco imaturas mas que eu não devo chegar com esses “rótulos” pois, no início do ano foi o que a atrapalhou, a equipe gestora a assustou um pouco em relação ao perfil dos alunos mas que com o trabalho um pouco mais afetivo que ela realiza ela conseguiu quebrar esses paradigmas (excertos do memorial produzido por Jade na disciplina de estágio supervisionado).

Em seus relatos, Jade nos mostra o quão segura estava para a prática do estágio, visto que este seria realizado em uma instituição com a qual já possuía um vínculo estabelecido, tanto com as crianças, quanto com os professores, possibilitando, desta forma, sua interação com o professor da sala, permitindo que se estabelecesse um diálogo entre ambos, contribuindo para a reflexão da prática pedagógica, e, por fim, propiciando um trabalho de equipe mais harmonioso.

Espero superar minhas expectativas e absorver toda a experiência da vivência no estágio, ajudar a professora e as crianças na rotina escolar e de fato alcançar uma grande contribuição para minha formação docente. Também está no meu planejamento realizar as anotações de forma mais clara, preencher o diário de campo com ricas informações para ajudar na socialização das vivências, e desejo que a escola não demore para realizar a

assinatura das documentações pois, é exatamente isso que ao final do estágio me deixará mais nervosa, são documentos e não podem existir erros, o projeto final do estágio ainda está meio vago, creio que quando o contato com as crianças e a sala for mais frequente isso vá de alguma forma tomando sentido ( entrevista narrativa realizada com a aluna Jade).

Mesmo com toda a segurança sobre a realização do seu estágio, Jade também passou pelo processo da pandemia, e suas expectativas referentes à absorção do conhecimento a ser adquirido fluíram de maneira bastante negativa.

Com o decreto de suspensão das aulas, as unidades particulares precisaram buscar outras formas de reorganização, entre elas, a diminuição do salário e o aumento do trabalho

Tenho auxiliado as professoras mais velhas na utilização de ferramentas tecnológicas, o que tem criado uma relação desconfortável no ambiente de trabalho; e com a redução do salário de estagiário a R\$ 200,00, o diretor da instituição pediu para que eu busque o auxílio do governo (excerto do diário de campo da pesquisadora).

O excerto acima apresentado, é apenas um dos muitos relatos apresentados por Jade na sala de aula. Muitos deles incluíam assédio moral, em que as estagiárias e demais profissionais desta instituição, eram obrigados a desenvolver um trabalho de qualidade, apesar dos baixos salários e a falta de recursos. A dificuldade dos professores em adaptar-se ao uso das ferramentas tecnológicas, também fazia parte das reclamações do diretor da instituição. O que importava mesmo neste momento era não perder clientes, não havia uma preocupação em relação ao aprendizado dos alunos e nem a respeito das condições em que as aulas e atividades eram oferecidas e nos leva a refletir sobre a maneira como a realização do estágio remunerado acontece. Se o objetivo do estágio é proporcionar ao acadêmico a aproximação do aprendizado à prática, é preciso que as instituições compreendam que o estágio não deve ser abordado como uma forma de mão de obra de baixo custo. Polzin, citando Bernardim (2010, p. 490) complementa afirmando que “muitas empresas utilizam o estágio como uma forma de mão de obra barata, sobre a qual não incidem encargos trabalhistas e previdenciários, e que apresenta reduzido risco de ações trabalhistas”. Assim, para que o estágio cumpra o seu papel formador, é preciso que os envolvidos nesse processo também ajam de forma a fiscalizar a maneira como estágio acontece, cuidando para que não ocorram situações de assédio moral e discriminação. Conforme Polzin (apud BURIOLLA 2003, p.64), “a supervisão é um ‘processo educativo’, onde o supervisor e o supervisionado aprendem em

conjunto, onde há a força, o debate. Existe a preocupação da prática profissional estar respaldada em uma teoria, e de a visão da unidade teoria-prática, na ação supervisora”.

A experiência de Jade nos mostra a necessidade e a urgência com que o professor precisa ser reconhecido e valorizado e, assim, a prática do estágio assuma a sua importância enquanto atividade de formação, colaborando para a construção da identidade profissional dos professores em formação inicial. Esse reconhecimento não está relacionado apenas às questões salariais, mas também às condições de trabalho oferecidas, que, muitas vezes, são desumanas e inadequadas, tanto para o professor quanto para os alunos. Falta suporte pedagógico e recursos materiais.

No Estado de São Paulo o número de licenças de saúde aumenta a cada ano. Em 2018 foram 53.162 licenças, segundo dados do Departamento de Perícias Médicas do Estado de São Paulo (DPME)<sup>40</sup>. Esse número é equivalente a 40% dos afastamentos no Estado. Neste contexto, observa-se que os dados estão relacionados em grande parte pela exaustão do profissional devido ao número excessivo de aulas, ambiente estressante, desrespeito, desvalorização, alto número de estudantes por sala de aula. A matéria ainda informa que tanto a Gestão Estadual quanto a Municipal têm conhecimento deste fato e como uma das ações para atender a demanda é oferecer atendimento psicológico aos profissionais como forma de prevenção. A intenção da reflexão trazida para discussão não tem como objetivo excluir questões relacionadas aos vários obstáculos, se assim podemos chamar, que interferem no trabalho do professor, mas pensar a importância de entender a necessidade de melhorar e cuidar do ambiente de trabalho, reconhecendo o trabalhador e suas ações como peças fundamentais no processo de mudança, observando a necessidade de transformação do ambiente, visto que as condições de trabalho adoecem o corpo e as organizações do trabalho adoecem a mente. Um trabalho doente adocece a todos.

Embora pratique-se muito um trabalho individualizado que dependa estritamente de si enquanto sujeito, há a necessidade de um coletivo, que valorize e reconheça seu poder de agir. Coletivo como recurso para o desenvolvimento do *metiê* e auxílio diante das diferentes situações que desafiam o professor (Diolina apud CLOT, 2010).

Via de regra ou não, diante de tantas experiências vivenciadas, ou até mesmo enquanto crença profissional, a profissão docente apresenta inúmeros conflitos pessoais e profissionais

---

<sup>40</sup> Fonte: <https://estudio.r7.com/> acesso em 21 jul. 2020.

nos quais o trabalho não é observado como algo a ser construído coletivamente, mas como uma ação individual que titula, rotula, compete; o professor apenas faz.

Estudos sobre formação de professores avançam abordando aspectos que vão além do processo de ensino e aprendizagem, dos materiais, dos métodos e abordagens e das avaliações, por exemplo; e contemplam também o ensino como trabalho, ou seja, a atividade laboral do professor, com foco nas relações entre linguagem e trabalho. Entender que a profissão docente pede socorro é compreender a profissão docente e seus protagonistas como seres inacabados que se constroem e reconstroem por meio das relações.

Na experiência de Jade, foram essas relações entre os pares, que apoiaram toda a dificuldade encontrada em seu local de trabalho. Com salários abaixo do piso e com a cobrança de não perder cliente, enquanto os professores lá se encontraram, até que eles também deixaram de fazer parte e ficaram apenas os estagiários, que trabalhavam de forma remunerada (R\$200,00 mensais), com a obrigação de manter a qualidade (se é que um dia houve) pedagógica da instituição.

#### **6.1.5. Esmeralda e a rotina do estudante trabalhador**

Psicóloga formada, Esmeralda atua como auxiliar administrativa em órgão público. Foi uma das alunas que teve a possibilidade de desenvolver o estágio de forma remota.

A minha expectativa com o estágio do ensino fundamental era muito grande, os estágios obrigatórios são o meu único contato com aulas práticas, pois trabalho em outra área. No entanto, a pandemia nos pegou de surpresa e acabou atrasando tudo o que já havia planejado. Quando surgiu a oportunidade de fazer remotamente, mesmo não sendo o ideal, eu decidi que iria fazê-lo, pois seria uma oportunidade de participar deste momento e entender como a Educação está se reinventando para passar por ele.

O início não foi fácil, necessitei insistir muito para conseguir as informações e participar dos acontecimentos da escola, pois apesar da diretora me aceitar como estagiária estão acontecendo diversas reuniões para adequações, o que acabava atarefando-a e eu ficava no último plano. Não a julgo, pelo contrário, sou grata pela oportunidade e sei que este momento não está sendo fácil. (excerto do memorial produzido por Esmeralda na disciplina de estágio supervisionado)

Ela visualiza e não responde minhas mensagens! (Registro do diário de campo da pesquisadora).

Após novo contato com a escola, a direção autorizou que Esmeralda realizasse o estágio na sala de primeiro ano. A professora foi bastante receptiva e introduziu Esmeralda aos grupos de WhatsApp da sala de aula e da escola, possibilitando, assim, o acompanhamento das atividades que eram desenvolvidas.

Esmeralda também teve a oportunidade de desenvolver uma sequência de atividades com os alunos para que eles fizessem registros de diversas situações vivenciadas neste período de quarentena. Para realizar a atividade, recebeu orientações da professora quanto às adequações e passou por todo o processo de acompanhamento também por parte da equipe gestora, seguindo todos os procedimentos desenvolvidos também com os professores da escola em questão. Neste contexto, podemos entender que houve uma relação de partilha e envolvimento entre professora e estagiária, mesmo com toda a dificuldade inicial de contato com a escola.

Esmeralda representa o grupo de estudantes que encontram dificuldades para realizar o estágio por desenvolver outra atividade durante o dia e ser estudante no período noturno, tendo, assim, que organizar seu período de férias do trabalho para que tivesse possibilidade de concluir o estágio, sendo necessário um planejamento prévio a fim de que houvesse tempo hábil para a conclusão do estágio. A estudante estava preparada para esse processo, e reservou o mês de março de 2020 para seu período de férias, que sofreu algumas alterações no período de pandemia. Por ser funcionária da área da saúde, Esmeralda estava na linha de frente do enfrentamento da Covid-19 segundo o que consta em seu diário de campo.

Diante de todos os detalhes referentes ao estágio, é importante frisar que, independentemente das condições em que este é realizado, é necessário que o objetivo seja sempre o complemento da formação do estudante. E, sendo ele curricular, é preciso que conste no projeto pedagógico do curso, ainda que não seja obrigatório para a obtenção do diploma (Polzin apud MARTINS, 2010). Como aponta Carvalho (1985), é importante que o supervisor de estágio ofereça condições para que este aconteça de maneira prazerosa para todos os envolvidos nesse processo, inclusive a escola.

Concordo, assim, com França (2006), quando diz que não basta apenas à escola oferecer seus espaços para os estagiários e tudo estará resolvido, mas também é preciso que o professor regente assuma seu papel formador perante os futuros docentes, conforme o Parecer CNE/CP nº 9/2002, que orienta as unidades escolares de formação que propiciem aos licenciandos o aprender a ser professor, numa situação real de trabalho, sendo a presença do professor regente indispensável para uma formação de qualidade.

Acho que não só a universidade, não só a escola, mas o todo! A secretaria, a direção, a gestão, eu acho que se os professores soubessem o que a gente vai fazer dentro da sala de aula teriam a mente um pouco mais aberta para isso, para receber estagiários na escola. Fazer uma dupla ligação, não sei se seria essa palavra, mas de uma maneira em que pudéssemos realizar o estágio de verdade (entrevista com Safira).

Observando os relatos e os registros de cada uma das estudantes na realização do estágio, podemos perceber a diversidade de situações e relações com que essa prática vem acontecendo mesmo com a autonomia para a organização das escolas durante a pandemia. Há também um processo de como pensar essa organização de modo a atender as especificidades de cada comunidade. Fiorentini e Castro (2003) ressaltam que a prática de ensino e o estágio supervisionado podem ser caracterizados como um momento especial do processo de formação do professor em que ocorre, de maneira mais efetiva, a transição ou a passagem de aluno a professor. Essa inversão de papéis não é tranquila, pois envolve a construção e a desconstrução de expectativas, anseios, tensões e conflitos entre o que se sabe ou idealiza e aquilo que efetivamente pode ser realizado na prática.

Deste modo, considerando a universidade como o espaço para construção de conhecimento em um processo, estão envolvidos acertos e erros, interações e mediações, que fazem parte da formação dos profissionais, bem como a experiência vivenciada pelas alunas no início do semestre letivo do ano de 2020.

No eixo a seguir apresento a importância da relação entre universidade e escola a fim de ser uma via de mão dupla para a realização de um procedimento de estágio que venha a oferecer aos envolvidos situações de aprendizagens outras, que estão além dos muros das instituições. Eixo este, construído a partir da roda de conversa, que teve início no primeiro dia de aula da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, e as ocorrências quando as alunas passaram a procurar estas escolas para desenvolver o estágio.

## **6.2. A PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA COMO RELAÇÃO IMPRESCINDÍVEL PARA A FORMAÇÃO INICIAL**

Este eixo tem como objetivo, apresentar a importância de uma parceria saudável entre universidade e instituição escolar para a realização do estágio no contexto da formação inicial.

Escola e universidade, elas caminham juntas. Eu acho que essa dificuldade do acesso ao estagiário nas escolas se dá pelo fato de as escolas estarem deficientes e eles sabem disso. Eles sabem que eles têm problemas e que eles vão receber um estagiário que vai constatar esses problemas. Então eu acho que ele dificulta um pouco esse acesso justamente por saber que o estagiário vai encontrar os erros que eles sabem que existem que muitas vezes eles deixam para lá, a diretora, os professores (entrevista narrativa realizada com Jade).

O que Jade nos apresenta é a importância da relação de parceria entre universidade e escola para que estagiários e professores compartilhem conhecimentos, práticos e teóricos, com o intuito atender as demandas da rotina da escola, promovendo, desta forma, uma maior integração entre o aprendizado da academia e o dinamismo da instituição escola. É a possibilidade da interação com o outro, não apenas entre pares, mas uma relação que envolva todos os envolvidos neste processo, permitindo assim, que a vivência oportunizada contribua com a segurança do estudante quando do início da sua tarefa.

Para Rubi,

O tempo de carreira é um dos pontos que distancia os profissionais da educação em relação aos professores iniciantes e ou estudantes de pedagogia. Observa como necessário a comunicação por parte de universidade e escola sobre qual o papel do estagiário além de observá-los também como um parceiro (preferem passar o dia procurando na internet que consultar um estagiário). Percebeu que o fato de passar em um concurso público fez com que os professores da escola a observassem como uma pessoa capacitada e outros como uma possível concorrente.

É imprescindível uma relação de parceria e diálogo entre escola, professor e estagiários, para que não se desenvolva uma relação de insegurança e medo por parte dos protagonistas do processo (Trecho da entrevista realizada com Rubi).

Rubi teve a oportunidade de realizar um de seus estágios em uma instituição escolar onde a tia era professora e ela também havia estudado, e acredita que todo esse vínculo estabelecido anteriormente tenha colaborado para que o estágio se realizasse de forma prazerosa: “foi muito satisfatório, pois trouxe principalmente a vivência da prática do professor”, diz em sua entrevista.

Para Pereira (2020), é por meio do diálogo efetivo entre a universidade e a escola e com uma atividade colaborativa entre essas duas instituições que o estudante de pedagogia,

professor em formação inicial, terá uma melhor capacitação, que irá prepará-lo para sua futura profissão.

Nesse contexto, concordo com Micarello (2012) ao trazer a visão que tem do estágio e os saberes que podem ser adquiridos nesse processo:

Ao se inserirem nas escolas, na condição de estagiários, os professores em formação se deparam com os saberes inseridos na prática cotidiana dos docentes aos quais acompanham e com os quais aprendem sobre o que é ser professor. Ao mesmo tempo, confrontam esses saberes em relação às teorias às quais têm acesso na universidade, o que, algumas vezes, provoca estranhamentos e sentimentos de inadequação. Um dos desafios para o encaminhamento dos estágios curriculares, quando se trata da formação de professores, é o de criar mecanismos para que a aproximação do estagiário à realidade cotidiana das salas de aula da escola de Educação Básica se faça na perspectiva de um diálogo com a teoria e, ao mesmo tempo, com os saberes dos professores que acompanham. É a partir desse diálogo que os futuros docentes vão reconstruir a ambos – teoria e prática docente – constituindo formas próprias de agir, mediando as relações dos estudantes com os objetos do conhecimento. Essa tarefa pode ser bastante desafiadora, dada a heterogeneidade dos saberes docentes e a impossibilidade de traduzi-los em teorias que os expliquem na perspectiva de uma transposição mecânica entre teoria e prática (MICARELLO, 2012, p. 89-90).

Pereira (apud PIRES, 2012) afirma que:

[...] o que a universidade não vem conseguindo fazer com sucesso - a integração entre os aspectos teórico e prático – acaba por ficar a cargo do estágio, no qual todos os sujeitos envolvidos, cada um a seu modo, são responsáveis por tentar a aproximação necessária entre as dimensões da teoria e da prática, sendo o estagiário o principal beneficiário dos esforços de todos nessa direção (PIRES, 2012, p. 173).

Nóvoa (2017) nos mostra a necessidade de formação de professores, buscar em outras profissões universitárias a inspiração. Para ele, ainda

... a referência mais óbvia é a formação médica, porque se trata, também, de uma profissão do humano. Não é por acaso que, historicamente, sempre houve muitas analogias entre a formação dos médicos e dos professores. Hoje, é no campo da medicina que se encontra uma das reflexões mais sofisticadas sobre o sentido da formação para uma profissão.

Para o autor, não seria este um modo de trazer para a educação, uma visão hospitalar, mas entender uma matriz universitária.

Por meio das instituições de ensino, escolas de educação básica, o estágio vem por tornar-se o elo entre universidade e escola, vindo possibilitar a todos os protagonistas deste processo: professor em formação inicial, professor em formação continuada, professor da instituição escolar e professor supervisor de estágio, refletirem sobre suas práticas.

A conversa entre universidade e escola é primordial para a situação do estágio. Os professores precisam compreender que os estagiários estão lá como parceiros. Os professores da universidade estão preparando os estudantes para isso (Trecho retirado da entrevista de Ametista).

Diante do excerto de Ametista, trago, nas palavras de Souza (2013), um pouco do que pensam também os professores em relação à parceria entre universidade e escola:

[...] no início dos encontros mantive certo silêncio, pois enquanto professora, estava cansada de ouvir sobre a falência da escola pública. A formação das correntes científicas tantas vezes promovidas pelo sistema educacional estereotipando a escola pública, me deixou um tanto cansada (Souza, p. 47 2013).

Souza e Ametista, embora de lados distintos, nos apresentam o abismo existente entre universidade e escola, teoria e prática, pesquisador e professor, estipulado por um sistema que compreende o professor apenas como um transmissor de conhecimento que também não pertence a ele. Para finalizar, trago ainda as palavras de Souza (2013), em sua experiência de parceria universidade-escola, quando diz que “cada um de nós pode ter a oportunidade de ressignificações, nas múltiplas leituras e releituras, todos podemos ser autores e protagonistas da vida real da escola”.

Visando uma educação transformadora e considerando o profissional da educação como alguém que está em constante desenvolvimento, a reflexão na ação precisa ser compreendida como essencial, assim como um currículo que integre políticas educacionais que também almejam a formação humana, para que o estágio venha a proporcionar ao professor em sua formação inicial, além do olhar para as questões referentes ao exercício da profissão, a vivência de experiências de ordem social, entendendo, também, outros aspectos, como a aceitação real do professor em formação inicial pelo professor em formação continuada, muitas vezes considerados como um intruso.

Pimenta (2012 apud GATTI & ROVAI, 1977) apresenta, em uma pesquisa realizada em 1977 com professores:

O curso de formação de professores é acadêmico e teórico, com ausência total da prática. Faltam escolas para os alunos estagiarem e quando existe esta oportunidade, permanecem apenas na observação, não havendo possibilidade de participação no planejamento e execução das atividades. Além disso, os professores, não têm possibilidade, de fato, de acompanhar os estágios, ficando-se apenas em uma troca de ideias a respeito do que as alunas viram na visita à escola.

Sendo o estágio um campo de conhecimento, que professor estamos formando diante dessas diferentes situações? Qual a visão do professor em exercício quanto ao seu papel na parceria com o estagiário, bem como o valor formativo que confere a essa experiência. Se buscamos uma escola de excelência a partir da formação de seus profissionais, que trabalho de campo estamos ofertando na interação entre instituições pensando na constituição da identidade desses profissionais?

Segundo Pimenta (2004), “é nesse contexto complexo, contraditório e carregado de conflitos, que se refaz necessário ressignificar a identidade do professor”.

Diante deste conceito, concordo com Edgard Morin (2000), quando diz que é preciso educar os educadores:

Todo conhecimento é uma tradução, que é seguida de uma reconstrução, e ambos os processos oferecem o risco do erro. [...] existe um ponto vital que não é abordado pelo ensino: a compreensão humana. O grande problema da humanidade é que todos nós somos idênticos e diferentes, e precisamos lidar com essas duas ideias que não são compatíveis. Ensinamos apenas o aluno a ser um indivíduo adaptado à sociedade, mas ele também precisa se adaptar aos fatos e a si mesmo.

De acordo com Pimenta (2005 apud PIMENTA & LIMA, 2017),

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser

professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos, nos agrupamentos.

Compreendo, assim, que os professores em exercício trazem grandes contribuições para o desenvolvimento profissional do professor em formação inicial, construídas pela relação dialógica, uma educação transformadora, reconhecendo os equívocos do caminho e buscando abordagens inovadoras.

Outra observação é a ausência de escolas para a prática do estágio e suas etapas (observação, participação e regência), lembrando que, na fase da observação, a que mais comumente acontece é que o professor em formação inicial não passa de um simples visitante.

Isso me fez lembrar o relato de Safira em seu portfólio, quando a estudante conta sobre a ocasião em que acompanhou uma aluna autista no primeiro ano do ensino fundamental descrevendo o quão revigorante e gratificante foi a experiência, encontrando um amor inexplicável pela profissão.

Passei a amar o que estava fazendo e ser reconhecida pelos pais da aluna e por todos os profissionais que trabalhavam por seu desenvolvimento', narra". (Texto retirado do portfólio de Safira)

Enquanto professora em formação inicial, prestei processo seletivo como estudante, o que permitia substituir, e eu gostava muito, pois cada escola é um mundo diferente e minha experiência de estágio não me trouxe a possibilidade de troca com o professor (Relato extraído do arquivo da pesquisadora - Roda de Conversa entre professores em formação inicial e com professora em formação continuada da rede pública).

Então, no ano seguinte, tive a oportunidade, na mesma escola, de ter a MELHOR e mais INCRÍVEL experiência da minha vida como "professora" até agora. Comecei a acompanhar e ajudar uma aluna autista do 1º ano do Ensino Fundamental. Foi um trabalho revigorante e muito gratificante pra mim, encontrei ali um amor pela profissão inexplicável. Passei a amar o que eu estava fazendo e ser reconhecida pelos pais da aluna e todos os profissionais que trabalhavam para seu desenvolvimento. Com essa experiência, pude ver que cada dia nessa profissão será um dia diferente, nunca saberemos o que acontecerá amanhã, fazendo com que nós tenhamos que nos renovar a cada dia (Texto retirado do portfólio de Safira).

Vivenciar a experiência do estágio docente na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental me possibilitou o contato com a realidade encontrada pelos professores em formação inicial e também pelo professor-supervisor do estágio, e colaborar nas aulas da disciplina convidando professores em exercício para participar das aulas neste período de

pandemia possibilitou um compartilhar de experiências dos principais protagonistas deste processo.

Algumas Secretarias de Educação apresentam planos de trabalho para a realização do estágio, como o que se observa no site da Secretaria de Educação Esportes do Governo do Estado do Paraná. Este disponibiliza um link de acesso à central de estágio que possibilita que os estudantes façam um cadastro para a realização do estágio, incluindo o obrigatório. Esta é a fonte de informações para os estudantes que procuram por vagas de estágio.<sup>41</sup>

Também no documento da Secretaria de Educação do mesmo estado, conforme citado por Pimenta (2012), o estágio é colocado como um projeto de reflexão e análise dos problemas observados nas escolas de primeira à quarta série, propondo como encaminhamento das atividades de estágio: pesquisa-ação — estudo, intervenção; oficina de material didático; ação docente — observação, participação e ação em classes; atividades como diagnóstico, elaboração e execução de projetos; seminários, reuniões, cursos desenvolvidos pelos estagiários para professores das séries iniciais; ações essas coordenadas pela disciplina de Didática integrando todas as demais disciplinas.

Embora se observe a permanência da realização do estágio como mecanismo de instrumentar a prática, é necessário reconhecer como um avanço, tratando da importância do estado na formação de professores e considerando que a atividade docente é práxis.

Compreender o estágio como um momento de construção significativa de aprendizado é também uma importante ferramenta responsável pela construção de conhecimentos que venham a contribuir com o fazer profissional deste professor em formação inicial (Freire, 2001).

Nesse sentido, ao discutir as diferentes modalidades em que o estágio é realizado nas escolas (observação, participação, regência, entre outros), Carvalho (1985) evidencia que a aprendizagem se constrói à medida que as experiências vivenciadas nos estágios são discutidas e teorizadas num momento destinado a essa finalidade no interior do curso de formação inicial.

Não basta realizar o estágio, mas também é necessário considerar e refletir sobre as observações e participações desenvolvidas na escola-campo para o curso de formação, possibilitando uma relação dialógica em que o professor em formação inicial possa refletir e interagir sobre a realidade em que irá atuar.

---

<sup>41</sup><https://www.educacao.pr.gov.br/servicos/Educacao/Acao-Educativa/Acessar-a-Central-de-Estagio-Waow4yND>

Sendo assim, não basta ir à escola-campo. É necessário também que as observações e/ou participações realizadas pelos alunos sejam consideradas no currículo do curso de formação dentro de um espaço-tempo privilegiado para uma análise crítica e dialógica com o intuito de refletir sobre a realidade em que irá atuar.

Se a intenção do estágio é proporcionar ao professor em formação inicial a apropriação do cotidiano escolar, ele precisa ser visto não como a disciplina prática dos cursos de formação de professores, mas como uma possibilidade de aprimoramento, aproximação e reflexão à prática, não oposto à teoria.

Como nos mostra Cunha (apud PIMENTA, 1989, p. 157):

O professor já nasce inserido em seu cotidiano. A vida diária não está fora da história, mas, ao contrário, está no centro do acontecer histórico. Como todo indivíduo, o professor é simultaneamente um ser particular e um ser genérico. Isto significa dizer que quase toda a sua atividade tem caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. No seu cotidiano ele trabalha essas duas forças: as que vêm da generalização da sua função e as que partem dele enquanto individualidade. Nem sempre ambas caminham no mesmo sentido. Muitas vezes é do conflito entre elas que se origina a mudança de atitudes do professor.

É fundamental que universidade e instituição escolar estejam interligadas para que se entenda que ser professor não é apenas saber sobre a prática, é preciso desenvolver e estabelecer condições para refletir e questionar sobre ela.

Dentre as várias experiências que poderíamos citar, optamos por algumas que acompanhamos no desenvolvimento de projetos do Observatório da Educação (OBEDUC).<sup>42</sup>

A professora Daniela Souza (2013), que participou de um destes projetos, apresenta reflexões acerca das dificuldades existentes entre a relação universidade e escola:

Uma das primeiras aprendizagens foi a de desmitificar o que seria uma parceria entre universidade e escola. No início, acreditava que seria mais uma dessas reuniões onde professores, estudiosos e pesquisadores da área da Educação estariam ali para transmitir anos de procedimentos técnicos de instrumentos didáticos. No entanto, fui aprendendo que minha construção da identidade de professora precisava receber uma valorização e que a reconstrução dos meus conhecimentos só estaria sendo completada a partir

---

<sup>42</sup> OBEDUC: Observatório da Educação — projeto instituído em 2006 com o objetivo de fomentar estudos e pesquisas em educação em parceria entre CAPES, INEP e SECADI, utilizando a infraestrutura disponível em instituições de ensino superior, visando principalmente proporcionar a articulação entre pós graduação, licenciatura e escolas de Educação Básica (informação disponível em Nacarato et. al., 2013 pág.15).

do momento em que o Projeto proporcionasse a multiplicidade dos olhares, trocas entre os participantes, daquilo que cada um tinha sobre o que é ensinar e trabalhar em parceria (Souza, 2013, p. 47).

Aponta, ainda, a importância da sensibilidade de um para com o outro e também e o respeito com os profissionais que constroem a escola pública diariamente, muitas vezes sendo rotulados como os corresponsáveis pelo seu fracasso. A parceria e a comunicação que se teve entre mestrandos (universidade) e professora (escola), encaminhou o trabalho desenvolvido para além dos muros da escola. O diálogo, presente em todas as ações, redimensionava a prática desenvolvida em sala de aula. Havia parceria, cumplicidade, apoio, reflexões.

Acredito que a tarefa de estar na posição docente requer muito altruísmo no ato da descoberta, nos momentos de estudo, planejamento e valorização dos alunos. É em nosso fazer comunicativo que podemos evidenciar que todas as mãos, olhares e vozes das pessoas que se envolvem em uma parceria, no campo da educação da escola pública, são capazes de fazer com que possamos redescobrir dentro de uma aprendizagem contínua a busca real de uma qualidade da escola (Souza 2013, p. 64).

Castro (2020) nos apresenta experiência em que, por suas crenças, adormecidas ou não, a professora em formação inicial que estava desenvolvendo estágio em sua sala, demonstra o incômodo causado pela rotina da sala de aula, mas um fato importante também observado por Castro é a responsabilidade que ela, enquanto profissional da educação, tinha para com a professora em formação inicial: de auxiliá-la em sua formação.

Vale também frisar que nem sempre há clareza sobre ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sala de aula, é importante investir em processos de reflexão e das ações pedagógicas no contexto escolar. O principal papel das teorias é oportunizar investimentos para análise dessas práticas, e o estágio oferece subsídios para que se estabeleça um diálogo pedagógico que possibilite a interação entre universidade e escola, contribuindo assim para formação investigativa, possibilitando a ação do professor como protagonista deste processo.

Como nos diz Geraldi (2013, p. 25), “em cada palavra há vozes, há uma plurivocalidade, as palavras estão sobrecarregadas de entonações emotivo – volitivas, e ainda que sobrecarregadas estão sempre abertas de novas entonações”

O estágio cumpre o seu papel quando é interpretado pelos protagonistas deste processo como uma postura a ser assumida e, não, como um rol de atividades a ser desenvolvido.

Necessita de ações, disposição para aprendizagens, abertura para a coletividade, e a certeza de que é preciso reinventar uma nova forma de caminhar.

## **7. E AS PEDRAS VÃO CANTAR**

**A transformação pela partilha, vivências e experiências e a importância do diálogo e da interação**

**Pedras que Cantam  
Quem é rico mora na praia  
mas quem trabalha nem tem onde morar  
Quem não chora dorme com fome**

mas quem tem nome joga prata no ar  
Ô tempo duro no ambiente  
ô tempo escuro na memória  
o tempo é quente  
E o dragão é voraz  
Vamos embora de repente  
vamos embora sem demora  
Vamos pra frente que pra trás não dá mais  
Pra ser feliz num lugar  
pra sorrir e cantar  
tanta coisa a gente inventa  
mas no dia que a poesia se arreventa  
É que as pedras vão cantar<sup>43</sup>

**Fausto Nilo Costa Júnior/Nando Cordel/José Dominginhos**

Considerando o processo de inserção dos estagiários nas escolas-campo, Ametista, Rubi, Jade, Safira e Esmeralda somam cinco dos milhares de outros estudantes de Pedagogia que realizaram o estágio de modo remoto. Diante dos dados apresentados, é perceptível que a pandemia escancarou a dificuldade de se estabelecer diálogo e contato com as escolas, um problema que já existia e foi intensificado neste período.

Entendo que as experiências de estágio curricular supervisionado precisam ser compartilhadas entre as instituições envolvidas, não devendo se basear apenas nos objetivos de aprendizagem, pois o aluno pode ter aprendido muito e não ter correspondido aos objetivos da instituição onde o estágio foi realizado. Sendo o estágio um momento de aproximação da prática real, ele se configura numa relação de *(re)conhecimento* da realidade, uma realidade que se apresenta ao observador, e que pode contribuir com a transformação dessa realidade.

Pesquisas vêm apontando o quanto o ensino remoto aumentou a demanda de trabalho dos professores, ampliou a desigualdade em função da falta de acesso (Oliveira e Pereira-Junior, 2020; Araújo e Yannoulas, 2020; Saviani e Galvão, 2021). Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>44</sup>, em 2020 mais de 1,8 milhão de alunos não possuíam equipamentos eletrônicos para estudar, e cerca de 6 milhões não tinham acesso à internet, o que aumentou a demanda de trabalho das mulheres.

---

<sup>43</sup> Música Pedras que Cantam, de Fausto Nilo Costa Júnior/Nando Cordel/José Dominginhos, disponível em <https://www.lettras.mus.br/fagner/45938/> acesso em 01 set 2021

<sup>44</sup> Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=36560](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36560) acesso em 10 jun 2021.

A pandemia causada pelo vírus da Covid-19 certamente será daquelas histórias compartilhadas não apenas como possíveis indicadores de estudos de caso ou simples relatos de acontecimentos. Todas as mudanças necessárias diante do novo cenário que ela nos apresentou serão parte de nossa história, compartilhadas como uma experiência de vida, uma oportunidade de reflexão entre vida individual, social e cultural dos sujeitos, tão bem versados por elas em suas narrativas.

A partir dos registros narrativos apresentados, podemos ler um pouco do movimento do estágio supervisionado. Os encontros e desencontros ocorridos até mesmo antes da pandemia, as mudanças de escola, anseios e medos que se relacionam e interagem com tantas outras situações de tantos outros estudantes de pedagogia em formação. Assim como as práticas pedagógicas das diferentes instituições, o estágio não se realiza sozinho. Teoria e prática estão presentes nas instituições escolares e nas universidades e talvez o maior desafio seja a promoção do diálogo entre ambas durante a formação do pedagogo.

Assim, concordo com Freire (2001), quando afirma a necessidade de compreender o estágio como um momento de construção significativa de aprendizado, é também uma importante ferramenta responsável pela construção de conhecimentos que venham a contribuir com o fazer profissional deste professor em formação inicial.

Muitos são os estudos que versam sobre o estágio e sobre a importância da aproximação entre universidade e escola e vários esforços têm sido realizados nesse sentido. No entanto, quando recordamos a história de Ametista podemos perceber que há ainda um longo caminho nesse esperado processo de transformação.

Algumas experiências vêm acontecendo ao longo dos últimos anos e buscam construir o que Nóvoa vem nomeando como “um *terceiro lugar*, um lugar de articulação entre a universidade e a sociedade, neste caso, entre a universidade, as escolas e os professores. Nesta *casa comum* faz-se a formação de professores ao mesmo tempo que se produz e se valoriza a profissão docente” (Nóvoa, 2020).<sup>45</sup>

Safira e Rubi tiveram a possibilidade de realizar o estágio em uma mesma escola, e cada uma delas vivenciou essa oportunidade à sua maneira. Safira atentou-se ao cuidado com os professores das unidades escolares oferecido pela rede, enquanto Rubi, fez dessa possibilidade a oportunidade de experimentar o estágio e todos os seus benefícios,

---

<sup>45</sup> Webconferência realizada em 23/06/2020 - Formação de Professores em tempos de pandemia [youtube.com/institutoiungo](https://www.youtube.com/institutoiungo).

participando ativamente da situação de aprendizagem e da relação de parceria estabelecida com a professora.

Recordei-me de Ítalo Calvino, (1994, p. 7) em *Palomar na praia*, buscando realizar a leitura de uma onda na praia, uma onda única, entre tantas outras: “...em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo”.

Pude observar e perceber, desde então, que as dificuldades apresentadas e encontradas pelos professores em formação inicial estão além da distância existente entre universidade e escola, pois, para além da ausência de proximidade e diálogo que permeia essa relação, também encontramos os aspectos complexos que são apresentados pelas “demais ondas.”

Cada onda é diferente da outra, e assim também os seres humanos, dotados de crenças e valores que foram se constituindo durante a construção de sua identidade profissional. A distância não é apenas física, estrutural, entre instituições, mas também humana, de relações, de diálogo, de sensibilidade, de coletivo.

Limitar o campo de observação talvez não nos permita compreender a imensidão do mar, que, na sua igualdade, está repleto de diversidade, ideais, valores, experiências, resultados de suas muitas interações.

Importante ressaltar que, mesmo na grande oferta de formações inicial e continuada oferecidas, é preciso entender o professor como um ser em constante construção, compreendendo suas crenças pessoais e docentes, possibilitando que ele se identifique como sujeito das ações e situações desenvolvidas em sala de aula.

Pelas crenças dessas professoras em formação inicial e suas experiências, e por tudo aquilo que as toca, percebemos a constituição da identidade de cada uma. Segundo Larrosa (2019), é a inquietude transformando-as pelas histórias recebidas e compartilhadas, pelas palavras a partir das palavras e vínculos narrativos recebidos.

A parceria entre todos os envolvidos no contexto do estágio permitirá ao professor em formação inicial a compreensão das diferentes ações a serem desenvolvidas na diversidade de situações e contextos presentes na rotina da sala de aula, atribuindo, também, valor e significado à profissão docente, e também a consciência da importância contínua do estudo, da pesquisa, da reflexão sobre a prática, oportunizando que o professor em formação inicial também adquira elementos para ponderar que, embora o estágio seja uma forma de contato com a prática, ele não é a transposição da prática, e possibilita a compreensão da complexidade das práticas institucionais e das ações desenvolvidas pelos professores em

formação continuada, entendendo a o estágio como atividade teórica que instrumentaliza a prática, entendida como atividade de transformação da realidade.

O estágio, campo de conhecimento que não se faz por si só, não é um assunto individual dos professores em formação inicial e/ou continuada, visto que os processos formativos se encontram tanto na escola quanto na universidade. É um assunto de todos os envolvidos nesse processo, e talvez o grande desafio seja promover a interação entre eles.

Considerando que o estágio oferece o contato com teoria tanto na universidade quanto nas instituições escolares, e o maior desafio está na interação nesse processo de formação entre teoria e prática praticada em ambos os espaços, pensando a formação de professores como uma ação única em que estão presentes, tanto a formação inicial, quanto a continuada, considerando que a sala de aula é um local produtor de muitas vozes, espaço para a interação entre os pares que nela se constituem e se fazem, esta é a possibilidade de aproximar os diferentes, enriquecendo e contribuindo para o novo, possibilitando que o que visto seja observado por outro ângulo. Foi justamente por esse redirecionamento de olhares que tive a possibilidade de adquirir novos aprendizados. O processo da pesquisa foi finalizado, mas continuo acompanhando cada uma das pedras, cada uma com sua preciosidade, em seu percurso de formação e constituição enquanto profissionais da educação e também como seres humanos, afinal elas me escolheram, se dispuseram gentilmente a contribuir com a minha pesquisa e, a partir desta relação, estabeleceu-se um vínculo entre nós que veio a dificultar a escolha de uma única narrativa ou participante.

Com Ametista, pude aprender a importância de ter um sonho e lutar por ele na busca constante de uma realização, também pessoal e de vida. Hoje Ametista trabalha como professora eventual na rede pública; é monitora em uma escola particular e, aos sábados, ainda desenvolve suas atividades como empregada doméstica para a mesma patroa que a estimulou na busca pelos estudos da filha e que posteriormente foram seus.

Com Rubi, aprendi que é possível sim trabalhar teoria e prática dentro da sala de aula, basta acreditar naquilo que você está desenvolvendo. Rubi, após finalizar o curso de Pedagogia, trabalha como professora em uma instituição particular de ensino.

Safira me mostrou a importância de os olhos também estarem voltados para o professor, afinal, ele também é o protagonista neste processo de aprendizagem dos alunos.

Jade veio mostrar a desvalorização do profissional da educação e o processo de banalização do ensino, em que professores e formações fazem parte de um mercado de trabalho que busca apenas fins lucrativos.

Por fim, Esmeralda, que compartilhou toda a dificuldade de ser estudante e trabalhador, e toda a necessidade de adaptação e organização da rotina para conciliação de ambos.

Cada uma delas me tocou com sua luminosidade, seu brilho especial; sinto-me como uma delas, polida e levada ao fogo para sua transformação, construindo-me e reconstruindo-me no caminhar da vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E.D.A. Etnografia e estudo da prática escolar cotidiana. In: ANDRÉ, Marli E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. 10ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995, pp. 35-48. (Série Prática Pedagógica).

ANJOS, Daniela. **A profissão docente em questão: gênero de atividade, gênero de discurso e habitus**. Tese (Doutorado em Educação), Unicamp: 2013. **Capítulo 4**.

APPEL, Michael. **La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México**. Forum: qualitative social research. Vol. 6, n. 2, mayo 2005.

ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. **Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações**. 1997. 166f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252867>. Acesso em 22 mai 2018.

ARAGÃO, A.M.F e SÁ CHAVES, I.S.C. **Constituição e reflexividade docente: indícios e desenvolvimento profissional coletivo**. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/319218208\\_Constituicao\\_da\\_reflexividade\\_docente\\_indicios\\_de\\_desenvolvimento\\_profissional\\_coletivo](https://www.researchgate.net/publication/319218208_Constituicao_da_reflexividade_docente_indicios_de_desenvolvimento_profissional_coletivo) acesso em 08 nov 2020

ARAGÃO, A.M.F.. Reflexividade e Formação Docente: considerações a partir de um projeto formativo-investigativo. In: Helenice Maia; Neiza de Lourdes F. Fumes; Wanda Maria Junqueira de Aguiar. (Org.). **Formação, Atividade e Subjetividade: aspectos indissociáveis da docência**. 1ed São Paulo: Vilani, 2013, v. 1, p. 30-54. Disponível em: <http://marsupiaeditora.com.br/download/formacaoatividadeesubjetividade.pdf>

ARAÚJO, S. C. L. G. de, & YANNOULAS, S. C. (2021). **Trabalho docente, feminização e pandemia**. *Retratos Da Escola*, 14(30), 754–771. <https://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1208>

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326

BARBOSA, A. M., AMARAL, T. **A contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo**. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2049\\_1600.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2049_1600.pdf). Acesso em 23 jan 2021.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119. (Obras Escolhidas, Volume 1).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. (Obras Escolhidas, Volume 1).

BOLÍVAR, Antonio. “? De nobis ipsis silemus?”: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**. V. 4, n. 2, 2002, p. 1-26.

BRASIL. **PORTARIA MEC Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020** disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> acesso em 02 ago 2020.

Bueno, B.O., Chamlian, H. C, Sousa, C.P., Catani, D.B. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente** (Brasil, 1985-2003) disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/D3dkY9Z7VMn8WxY64Nv5gpd/?lang=pt&format=> Acesso em 02 mai 2020

BUSCARIOLO, Ana F.V.T., LIMA, Cinthia B., ANJOS, Daniela D. Pedagogia Freinet e alfabetização: a potencialidade dos instrumentos desta pedagogia para formar crianças e professores. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 4, n.4, p. 117-133, out./dez., 2019. acesso em 05 out 2021

Caporale, S.M.M. **Escrever e compartilhar histórias de vida como práticas de (auto)formação de futuros professores e professoras de matemática**. Itatiba, 2016. 241 p. disponível em <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/30066105960574898.pdf> Acesso em 02 maio 2020

CARVALHO, Anna Maria P. de. **Prática de Ensino: os estágios na formação do professor**. São Paulo: Pioneira, 1985.

CASTRO, V.D. **Sobre-Vivências na escola pública: memórias, registros e narrativas de uma professora**". Dissertação de Mestrado Profissional em Educação – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP 2020 disponível em <http://repositorio.unicamp.br>. Acesso em 15 fev de 2021.

CHAKUR, CRSL. **A desconstrução do construtivismo na educação: crenças e equívocos de professores, autores e críticos** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 171 p. ISBN 978-85-6833- 448-5. Available from SciELO Books.

CLOT, Y. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho** Cad. psicol. soc. trab. v.9 n.2 São Paulo dez. 2006 acesso em 06 jul 2021.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010b.

DIOLINA, Kátia. **Quem ensina, aprende a vencer os desafios da profissão: o papel do coletivo**. 2016. 238p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2016. Cap.4 - p.92-104

DINIZ, A. V. S. **O estágio supervisionado na formação do pedagogo: saberes e fazeres, limites e contribuições**. Disponível em [https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233\\_10424\\_37300.pdf](https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_10424_37300.pdf). acesso em 08 fev 2020

DOS ANJOS, Daniela Dias; NACARATO, Adair Mendes; DE FREITAS, Ana Paula **Práticas colaborativas: o papel do outro para as aprendizagens docentes**. **EDUCAÇÃO UNISINOS**

(ONLINE). v.22, p.204 - 213, 2018. Disponível em:  
<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.10> acesso em 08 fev 2020

### **Especial Corona Vírus em**

<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3017/portaria-mec-n-343-2020> acesso em 18 out 2021

FAZENDA, I.C.A. O papel do estágio na formação de professores. In: PICONEZ, S.C.B., (Coord.); *et eal A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas-SP 24ª Edição. Papyrus Editora, 2012.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-57.

FIorentini, D.; CASTRO, F. C. Tornando-se professores de matemática: O caso de Allan em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. In: FIORENTINI, D (org.). **Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP; Mercado das letras, p. 121-156, 2003.

FRANÇA, Carla C.L., LEÃO, Maria S.M.S. **Narrativas de estagiários de graduação em pedagogia com pais de crianças sobre suas interações na educação infantil**. Disponível em <https://www.ufpe.br>. Acesso em 05 out 2021

FRANÇA, D. S. Formação de Professores: a parceria universidade escola e os estágios de ensino. **UNI revista (UFMS)**, vol.1, n. 2, abril de 2006. Disponível em: <http://.unisinos.br> acesso em 10 mai 2021

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo, SP.2ª Edição. 1998. Martins Fontes.

FREIRE, A. M. (2001). Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos. Colóquio: **Modelos e Práticas de formação Inicial de Professores**, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, ARTIGOS 102 Ano IX — Nº 18/2006 Universidade de Lisboa. Portugal. <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>. acesso em 06 out 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro, RJ,1996. Editora Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71ª edição - Rio de Janeiro, RJ,2019. Editora Paz e Terra.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto**. 2ª ed. s/l: Ática, EDUFJF, ABDR, s/d.

FREITAS, M. T. F. Implicações de ser no mundo e responder aos desafios que a educação nos apresenta. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Educação, Arte e Vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 95-106.

FREITAS, M. T. de A. Linguagem, consciência e vida humana no pensamento de Bakhtin e Vygotsky. In: FREITAS, M. T. de A.; RAMOS, B. S. da Silva (org.). **Bakhtin partilhado**. Curitiba: CRV, 2017., pp. 13-26

FONTANA, Roseli Ap. C. F., PINTO, Ana Lúcia G. **Professoras e Estagiários – Sujeitos de uma complexa e “velada” relação de ensinar e aprender**. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644001/11450> 03 mar 2020

GALVÃO, A.C., SAVIANI, D. **Educação na pandemia: a falácia do ensino remoto**. Disponível em <https://www.sintese.org.br/2021/03/16/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-ensino-remoto/> acesso em 31 mai 2020

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio-Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 7-19. (Obras Escolhidas, Volume 1).

GATTI, Bernadete Angelina et. al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019 – Cap. 6,7. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/05/Livro\\_ProfessoresDoBrasil.pdf](https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/05/Livro_ProfessoresDoBrasil.pdf) acesso em 03 mar 2020

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 90-113

JUNGES, Kelen dos Santos; PELOSO, Franciele Clara. O estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a articulação necessária entre a teoria e a prática. In: UJIIE, Najela Tavares; ANSAI, Rosana Beatriz (Orgs.). **Estágio supervisionado no Curso de Pedagogia: ação integrativa e definição de contornos teóricos práticos**. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2014. p.53- 68.

KENSKI, Vani M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, S.C.B., (Coord.); FAZENDA, C.I.A., RIBEIRO; M.L.S., BIZZO; PONTUSCHKA, N.N.; KULSCAR, R.; KENSKI, V.M.; BOULOS, Y. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus Editora, 2012, 24ª Edição.

LARENTES, Carlos Eduardo. Reflexões sobre letramentos na escola pública. In: NACARATO, A. M.; SOUZA, D. A.; BETERELI, K. C. (Orgs.). **Entrecruzando vozes e olhares: letramentos, avaliações externas e cotidiano escolar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 45-64.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

LÓPES CARRETERO, Asunción. Ensinar o ofício do ensino: um ofício da alma. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. Araraquara, SP. v. 14, n. 3, p. 917-927, jul./set., 2019.

MICARELLO, H. A. L. S. Memórias de formação no relato de futuros professores: o estágio como espaço de ressignificação. In: CALDERANO, Maria da Assunção. (org.). **Estágio Curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 85-102.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOURA, Anna Regina Lanner de. Memorial: Fazendo-me professora. **Caderno CEDES**, Jul 1998, vol.19, no.45, p.24-47.

MOURA, J.F. **Pesquisa-formação: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática** – Itatiba, 2019. 228 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Disponível em <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/1273756787945802.pdf>

NÓVOA, Antonio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educ. Pesqui.* [online]. 1999, vol.25, n.1, pp.11-20. ISSN 1517-9702. disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000100002> acesso em 22 jun 2021

\_\_\_\_\_, Antonio. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente** disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br) acesso em 04 fev 2022. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), 47 (166), p.1106-1133. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>.

OLIVEIRA, D. A., & PEREIRA JÚNIOR, E. A. (2021). **Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira**. *Retratos Da Escola*, 14(30), 719–734. <https://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1212>

OLIVEIRA, Sandra B. de; VARANI, Adriana: **Tornar-se professora no estágio supervisionado: um processo de implicação e atuação**. Disponível em [https://linhamestra29.files.wordpress.com/2016/09/03\\_tornar\\_se\\_professora\\_no\\_estagio\\_supervisionado\\_um\\_processo\\_de\\_implicacao\\_e\\_atuacao\\_adriana\\_varani\\_sara\\_badra\\_de\\_oliveira.pdf](https://linhamestra29.files.wordpress.com/2016/09/03_tornar_se_professora_no_estagio_supervisionado_um_processo_de_implicacao_e_atuacao_adriana_varani_sara_badra_de_oliveira.pdf). acesso em 10 mar 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n. 2, p. 147-156, maio/ago.2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C.; SILVA, V.B. (orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.103-130

PEREIRA, Lethycia L. **A relação universidade-escola evidenciada por meio dos estágios supervisionados: a recepção dos licenciandos nas escolas públicas estaduais de Juiz de Fora**. Dissertação de Mestrado Profissional 120p. Universidade Estadual de Juiz de Fora 2020 disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11950/1/lethycialopespereira.pdf> acesso em 10 jan 2022

PICONEZ, S.C.B. A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: PICONEZ, S.C.B., (Coord.); *et al* **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas-SP 24ª Edição. Papirus Editora, 2012.

PIMENTA, Selma G. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma G., LIMA, Maria do S.L. Os (des)caminhos das políticas de formação de professores – O caso dos estágios supervisionados e o programa de iniciação à docência: Duas faces da mesma moeda? **38ª Reunião Nacional da ANPEd** – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA

PIMENTA, Selma G., LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência – diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006

PINHEIRO, T. dos S.; TEIXEIRA, C.B.; VIEIRA, M.D.S.V.; ABREU, A.R.S.: **O papel do estágio na formação dos professores: as contribuições para a formação da diversidade**. Disponível em

[http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_14\\_11\\_2014\\_23\\_51\\_48\\_idinscrito\\_5397\\_355300b736d65fe2104b35bb441b61a8.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_14_11_2014_23_51_48_idinscrito_5397_355300b736d65fe2104b35bb441b61a8.pdf) acesso em 25 jul 2021

PINTO, A.L.G.,FONTANA,R.A.C.,Professoras e estagiários - sujeitos de uma complexa e "velada" relação de ensinar e aprender. **Pro-posições**, v. 12, n.: 2-3 (35-36). jul.-nov. 2001

POLZIN, F.R. **O estágio obrigatório como instrumento de inserção no mercado de trabalho**. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) - Programa de Pós-Graduação em Administração Pública. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em <https://repositorio.utfpr.edu.br/> acesso em 10 out 2021

PRADO, G. V.T; SOLIGO, R. MEMORIAL DE FORMAÇÃO. **Quando as memórias narram a história da formação**. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf\\_memoriais13.pdf](https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf) acesso em 10 jun 2021.

RAMOS, M. **O Construtivismo de Jean Piaget e Emília Ferreiro**. Disponível em <http://www.marceloramos.com.br/publicacao/7/teoria-do-desenvolvimento-cognitivos-de-piaget> acesso em 12 abr 2022

SÁ, Luciana Passos. Narrativas Centradas na Contribuição do PIBID para a Formação Inicial e Continuada de Professores de Química. **Química Nova na Escola**. São Paulo-SP. Vol. 36, Nº 1, p. 44-50, fevereiro, 2014.

SCHÖN, D.A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SILVA, C.S., SILVA, M.K.; **O estágio supervisionado e suas contribuições na formação inicial: relatos dos licenciados do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas** in <https://eventos.set.edu.br/> v.9,n.1 (2016). Acesso em 19 jan 2021

SOUZA, Daniela Aparecida. A flor de Samuel: um olhar docente sobre uma prática pedagógica ressignificadas na e pela convivência da parceria universidade escola. In: NACARATO, A. M.; SOUZA, D. A.; BETERELI, K. C. (Orgs.). **Entrecruzando vozes e olhares: letramentos, avaliações externas e cotidiano escolar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.45-64.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ 17ª Edição: Editora Vozes 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_ L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_ L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZEICHNER, Kenneth M. Para além da divisão entre professor pesquisador e pesquisador acadêmico. In GERALDI, Corinta M.G.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de **As Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.